UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
CENTRO DE COMUNICAÇÃO E EXPRESSÃO
DEPARTAMENTO DE JORNALISMO
CURSO DE JORNALISMO

Luana Marcon Moreno

Possibilidades de uso da linguagem neutra em gênero no Jornalismo: um estudo de caso da Produtora de Jornalismo Periferia em Movimento

Florianópolis
2023

Luana Marcon Moreno

Possibilidades de uso da linguagem neutra em gênero no Jornalismo: **um estudo de caso da Produtora de Jornalismo Periferia em Movimento**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao curso de Jornalismo do Centro de Comunicação e Expressão da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel(a) em Jornalismo

Orientadora: Profa. Dra. Melina de la Barrera Ayres

Florianópolis

2023

Ficha de identificação da obra elaborada pela autora, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC

Moreno, Luana Marcon
Possibilidades de uso da linguagem neutra em gênero no Jornalismo : Um estudo de caso da Produtora de Jornalismo Periferia em Movimento / Luana Marcon Moreno ; orientadora, Melina de La Barrera Ayres, 2023.
136 p.

Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Graduação em Jornalismo, Florianópolis, 2023.

Inclui referências.

1. Jornalismo. 2. Linguagem Neutra. 3. Jornalismo contra-hegêmonico. 4. Jornalismo periférico. 5. Gênero . I. Ayres, Melina de La Barrera. II. Universidade Federal de Santa Catarina. Graduação em Jornalismo. III. Título.

Luana Marcon Moreno

Possibilidades de uso da linguagem neutra em gênero no Jornalismo: um estudo de caso da Produtora de Jornalismo Periferia em Movimento

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do título de Bacharel e aprovado em sua forma final pelo Curso de Jornalismo

Florianópolis, 05 de Julho de 2023.

Coordenação do Curso

Banca examinadora

Prof.(a) Melina de la Barrera Ayres, Dr.(a)
Orientador(a)

Prof.(a) Isabel Colucci Coelho, Dr.(a)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.(a) Daiane Bertasso Ribeiro , Dr.(a)
Instituição Universidade Federal de Santa Catarina

Dedico este trabalho à minha avó, Maria Elizabete (*in memoriam*),
que era a pessoa mais animada para a minha formatura e certamente
estaria assistindo e vibrando pelo meu trabalho

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço à minha família pelo incentivo ao estudo e terem me proporcionado estar na graduação de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Ao meu amor, Arthur, por acreditar em mim quando nem eu acreditava, pelo colo e carinho. Por em alguns momentos assumir a rotina de casa praticamente sozinho, para que eu tivesse mais tempo de dedicação ao trabalho e à Natalinha por ser tão fofa e ficar aconchegada ao meu lado nos momentos de escrita, tornando o processo muito mais gostoso, como dizia o Perrito do Gato de Botas, uma cachorrinha terapêutica. Nossa familinha foi essencial para que eu concluísse o TCC.

Às professoras e aos professores do Jornalismo UFSC que sempre me inspiraram e me fizeram crescer dentro do Curso. Em especial às professoras Isabel e Daiane as quais tenho a honra de ter na banca e à professora Melina que aceitou orientar o meu TCC.

À toda equipe da PEM que me proporcionou a melhor experiência possível durante a coleta de dados e me acolheram como parte da equipe. Levarei vocês no coração com muito carinho. O contato com a PEM me fez voltar a acreditar em um Jornalismo humano.

Às minhas amigas pelo apoio durante a graduação e na concepção desta pesquisa. Principalmente à Aline, que se tornou uma irmã mais velha, obrigada pelo incentivo, pelos ensinamentos profissionais e pela referência que você foi na minha jornada. À Suellen pelo apoio emocional e longas conversas. À Iraci pela amizade e carinho, pela acolhida nos momentos mais difíceis e por estar sempre presente.

RESUMO

Entendendo o Jornalismo como uma forma de conhecimento e como um produtor de sentidos por meio da linguagem, a presente pesquisa se centra no Jornalismo contra-hegemônico, produzido a partir das periferias para as periferias, pela produtora paulista *Periferia em Movimento*. O questionamento proposto é: Como a produtora de Jornalismo Periferia em Movimento (PEM) adota a linguagem neutra em gênero nas suas matérias jornalísticas? Para respondê-lo, buscou-se entender o processo seguido pela produtora para adoção da Linguagem Neutra em gênero (LNG) e identificar as soluções implementadas em seus conteúdos. Como método aplicou-se o Newsmaking junto a ferramentas da entrevista semi-estruturada e a observação participante. A discussão sobre o uso da LNG na PEM atravessa a inclusão de pessoas transexuais no Jornalismo, seja enquanto repórteres ou fontes das matérias. O estudo de caso mostra que só foi possível que a PEM adotasse a LNG pois a produtora já abordava questões de gênero e sexualidade nas matérias e contava, em sua equipe, com pessoas trans, o que facilitou a transição de linguagem. O trabalho sistematiza que é possível outros veículos jornalísticos adotarem a LNG seguindo algumas etapas, são: 1. Avaliar a cobertura de pautas de gênero e LGBTQIAP+; 2. Conformar uma equipe diversa; 3. Ter uma pessoa responsável pela transição; 4. Alinhamento e disposição da equipe; 5. Decisão sobre ser ou não um princípio editorial a adoção da LNG; 6. Construção de um guia de LNG; 7. Grande envolvimento da pessoa editora; 8. Promover formações sobre LNG; 9. Tornar o ambiente da redação um espaço de aprendizagem; 10. Reavaliar o uso do gênero neutra de forma constante.

Palavras-chave: Linguagem Neutra em gênero; Jornalismo Periférico; Jornalismo da Quebrada; Gênero; Direitos Humanos.

ABSTRACT

Understanding Journalism as a form of knowledge and as a producer of meanings through language, this research focuses on counter-hegemonic Journalism, produced from the peripheries to the peripheries, by the São Paulo production company *Periferia em Movimento*. The proposed question is: How does the journalism producer *Periferia em Movimento* (PEM) adopt gender-neutral language in its journalistic articles? To answer it, we sought to understand the process followed by the production company for the adoption of gender-neutral language (LNG) and to identify the solutions implemented in its contents. As a method, Newsmaking was applied along with semi-structured interview tools and participant observation. The discussion about the use of LNG in PEM crosses the inclusion of transgender people in Journalism, whether as reporters or sources of stories. The case study shows that it was only possible for PEM to adopt LNG because the production company already addressed gender and sexuality issues in the articles and had trans people on its team, which facilitated the language transition. The work systematizes that it is possible for other journalistic vehicles to adopt the LNG following some steps, namely: 1. Evaluate the coverage of gender and LGBTQIAP+ agendas; 2. Build a diverse team; 3. Have a person responsible for the transition; 4. Alignment and disposition of the team; 5. Decision on whether or not the adoption of the LNG is an editorial principle; 6. Construction of an LNG guide; 7. Great involvement of the editor; 8. Promote training on LNG; 9. Make the newsroom environment a learning space; 10. Constantly re-evaluate the use of gender-neutral.

Keywords: Neutral gender language; Suburb Journalism; Jornalismo da Quebrada; Gender; Human Rights.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Organização do site 92 e 93
Figura 2 - *Post* feito após a publicação do texto Virada Cultural 118

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Sistemas de LNG propostos por Mokwa 50
Quadro 2- Sistematização das entrevistas realizadas 59
Quadro 3 - Sistema Elu 87

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

APA - Associação psiquiátrica Americana

CLT - Consolidação das leis do trabalho

L-NB - Linguagem não binária

LIBRAS - Linguagem Brasileira de Sinais

LN- Linguagem Neutra

LNG - Linguagem Neutra em gênero

MEI - Microempreendedor individual

NB - Não binário(a)

PB - Português Brasileiro

PEM - Periferia em Movimento

RMSP - Região Metropolitana de São Paulo

TCC - Trabalho de Conclusão de Curso

Trans - Transexual e/ou Transgênero

VAI - Programa para a Valorização de Iniciativas Culturais

GLOSSÁRIO

A

Amigues: Forma de falar Amigo/Amiga usando linguagem neutra em gênero. Essa flexão com gu é usada em outras palavras flexionadas para manter o fonema do termo original.

Andrógeno: termo utilizado para designar pessoas que possuem características tanto femininas quanto masculinas.

C

Cisgênero: Pessoa que se identifica com o gênero designado ao nascimento. Homem ou Mulher, seguindo um padrão binário.

D

Delu: Alternativa neutra para os pronomes Dela e Dele, pode ser usado para se referir a pessoas não-binárias e de gêneros neutro, fluido ou indefinido ou que você não saiba os pronomes que usa.

E

Elu: Alternativa neutra para os pronomes Ela e Ele, pode ser usado para se referir a pessoas não-binárias e de gêneros neutro, fluido ou indefinido ou que você não saiba os pronomes que usa.

L

LGBTQIAP+: A sigla engloba as sexualidades: Lésbica, Gay, Bissexual, Assexual e Pansexual e as identidades de gênero Trans e Queer; Pessoas intersexo e mais, qualquer outra vivência fora da norma cisheteropatriarcal que não se enquadre nas categorias citadas.

N

Nelu(s): Forma de falar Nele/Nela usando linguagem neutra. Substituir as letras “e” e “a” quando elas demarcam gênero por “u” é uma das alternativas de neutralizar o português.

P

Passabilidade: Quando uma pessoa trans é vista como alguém cisgênero. Ou seja, sua transexualidade pode passar despercebida.

Pessoa Intersexo: Pessoa com características sexuais biológicas que não se encaixam no sexo masculino ou feminino. As diferenças podem ser nos genitais, cromossomos, gônadas ou hormônios que não coincidem com o padrão binário dos corpos.

Pessoa Não-binária: Pessoa que não se enquadra em um gênero binário, ou seja Homem ou Mulher. Podendo ou não se enquadrar em outra classificação de gênero fluida.

T

Transgênero: Pessoa que não se identifica com o gênero designado ao nascimento normalmente associado a um sexo biológico. Inclui mulheres transexuais, homens transexuais e pessoas trans não binárias.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO **16**
1 CAPÍTULO TEÓRICO **22**
1.1 JORNALISMO ENQUANTO GÊNERO DISCURSIVO 22
1.2 JORNALISMO CONTRA-HEGEMÔNICO 26
1.2.1 Características e desafios do Jornalismo alternativo ou contra-hegemônico **29**
1.3 O JORNALISMO, O SUJEITO PERIFÉRICO E SUA QUEBRADA 31
1.3.1 Jornalismo da Periferia e da Quebrada **34**
1.3.2 Estrutura dos veículos da Quebrada **36**
1.4 GÊNERO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTORICAMENTE DEFINIDA E SUA RELAÇÃO COM O JORNALISMO 37
1.4.1 Estudos de gênero no Jornalismo - interseccionalidades desconsideradas **40**
1.5 JORNALISMO E LINGUAGEM 44
1.5.1 Jornalismo e Linguagem neutra em gênero **47**
2 REFERENCIAL METODOLÓGICO **52**
2.1 OBJETIVOS DE PESQUISA 52
2.2 ESTUDO DE CASO ÚNICO 53
2.3 O NEWSMAKING 54
2.3.1 Ferramentas de coleta de dados **55**
2.4 AMOSTRA 55
2.5 OBJETO DE PESQUISA-PERIFERIA EM MOVIMENTO: PRODUTORA DE JORNALISMO DA QUEBRADA. 59
3 ANÁLISE - A LINGUAGEM NEUTRA EM GÊNERO NA PEM **62**
3.1 PERFIL-PERIFERIA EM MOVIMENTO E O JORNALISMO DA QUEBRADA 62
3.1.1 Composição da equipe e funções **67**
3.1.2 Rotina de redação **69**
3.1.3. Recursos financeiros **72**
3.1.4 Organização editorial **73**
3.1.5 Distribuição e público **75**
3.2. LINGUAGEM NEUTRA EM GÊNERO NA PEM 76
3.2.1 O processo de adoção da Linguagem Neutra em gênero **76**
3.3 O EDITORIAL 85
3.3.1 Repercussão do editorial **88**
3.3.2 Primeiras matérias após a publicação do editorial **89**
3.4 CONCEPÇÃO DAS PAUTAS E ESCOLHA DE FONTES 92
3.5 PROCESSO DE APURAÇÃO DE MATÉRIAS 101
3.6 PRODUÇÃO DE MATÉRIAS 110
3.7 EDIÇÃO E PÓS-PRODUÇÃO 114
CONCLUSÃO **120**
REFERÊNCIAS **127**

ANEXO A- Ficha do Trabalho de Conclusão de Curso **134**
ANEXO B- DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE **136**

INTRODUÇÃO

Este trabalho finaliza a minha trajetória de um pouco mais de cinco anos no Curso de Jornalismo da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Na graduação me aproximei de uma percepção de Jornalismo que até então era desconhecida na minha vivência, um Jornalismo crítico, humano e bem produzido, que olha para minorias sociais e busca incluí-las nas suas narrativas. Foi este caminho percorrido que me levou a pensar neste trabalho. Quero a partir desta pesquisa apresentar um Jornalismo inclusivo com pessoas trans, o que envolve, entre outros aspectos, o uso da Linguagem Neutra em gênero (LNG), isto é, não flexionada em gênero.

A escolha do tema partiu do meu interesse por entender mais o uso da LNG de uma forma ampla. Meu primeiro contato com a LNG foi dentro da Agência de Marketing na qual trabalhei por cerca de dois anos. No meu ambiente de trabalho não havia pessoas trans e o uso da LNG não era um posicionamento institucional. No entanto, o time era incentivado a usá-la em conteúdos de divulgação da própria agência, mas não nos produzidos para clientes. Assim como era com o uso de LIBRAS nos vídeos, de texto alternativo junto às imagens e atentar-se para um design mais inclusivo.

Começar a refletir sobre a linguagem foi bastante desconfortável pois entendi que a língua portuguesa é misógina e excluí as vivências trans. A misoginia é motivo de reflexão para mim, há mais tempo do que as pautas LGBTQIAP+. Me aproximei do feminismo muito jovem, ainda com meus 14 anos li parcialmente *O segundo sexo* de Simone de Beauvoir. Conheci a pensadora a partir dos estudos do existencialismo nas aulas de filosofia do colégio. Aliado a isto, pesquisas na internet me deram uma visão superficial e geral do feminismo. Só pude entender de fato o que significava o feminismo e compreender meu lugar no mundo já no Curso de Jornalismo, durante a disciplina de Jornalismo e Gênero.

Cursei a disciplina como optativa, no terceiro semestre, em 2019.1. Na primeira aula fizemos a dinâmica dos privilégios, que consiste em dar um passo à frente caso você não vivencie a opressão apresentada pela professora, pudemos observar quem estava mais a frente e os que ficaram atrás na turma. Percebi ali os meus privilégios e qual a minha posição e responsabilidade a partir deles. Djamila Ribeiro (2022), autora que conheci na matéria Problemas Sociais Brasileiros, explica o conceito de lugar de fala como a posição social e de poder ocupada por cada pessoa. Esse lugar evidencia experiências específicas e singulares geradoras de uma visão de mundo, que estão associadas não só a uma posição social mas,

também, discursiva. O meu lugar é de uma mulher branca, cis, classe média e LGBT, natural do Mato Grosso do Sul. A ideia de lugar de fala proposta pela teórica me convoca, especialmente neste trabalho, a deixar claro o lugar do qual parto, o de mulher cis e branca, o que não me impede de abordar a causa trans, uma vez que não apenas pessoas trans devem falar sobre a transfobia. Ribeiro (2022) aponta ainda que o papel do Jornalismo não é dar voz, mas sim ouvir e amplificar, reconhecer a voz das minorias sociais [que elas já tem], sendo esta uma das premissas proposta na pesquisa, reconhecer e amplificar a luta trans dentro do Jornalismo, por meio da linguagem.

Estar no ensino superior igualmente é um privilégio, pois no Brasil apenas 21% da população tem superior completo[1]. Enquanto aluna no Curso de Jornalismo tenho a possibilidade de inserir a pauta da LNG nas discussões jornalísticas, tema que não esteve presente na minha graduação tão pouco é comum nos veículos jornalísticos.

O objeto de estudo abordado é a produtora de Jornalismo da Quebrada, Periferia em Movimento (PEM). O veículo atua desde 2009 na cobertura das periferias de São Paulo, pautando a garantia de direitos. A PEM usa a LNG desde junho de 2021 e passou a usá-la por uma demanda das pessoas trans que integram sua equipe.

Ao decidir pesquisar LNG, comecei a busca por um veículo jornalístico que usasse a LNG nos seus conteúdos, de preferência integralmente e não em momentos pontuais. Encontrei a PEM pela busca do Google a partir do Editorial: *Linguagem neutra no Jornalismo? Estamos dispostes!*, publicado em 28 de junho de 2021, dia do Orgulho LGBTQIAP+. No texto, a produtora pauta a importância da garantia de direitos da população LGBTQIAP+ e especificamente das pessoas trans não binárias, excluídas pela demarcação de gênero da língua portuguesa. Na publicação, a produtora assume o compromisso do uso da LNG em toda a sua produção a partir daquele momento. Ao consultar o site notei, ainda, que havia três pessoas trans na equipe da produtora, o que resultou na formulação da hipótese de que as pessoas trans que integram a produtora influenciaram o uso da LNG na PEM, confirmada posteriormente.

Nas pesquisas online feitas, a PEM foi o único veículo encontrado que usa exclusivamente a LNG. Na busca por trabalhos similares, não identifiquei nenhum estudo de caso feito com um veículo que use a LNG, apenas trabalhos que registravam o uso pontual do neutro em algumas matérias da mídia hegemônica, em geral, as que pautavam o grupo

[1]Disponível em: https://www.metropoles.com/dino/ocde-aponta-que-21-dos-brasileiros-possuem-ensino-superior. Acesso em Junho de 2023

LGBTQIAP+. Não ter trabalhos similares como referência foi desafiador, uma vez que esta é minha primeira experiência com pesquisa. Contudo, desbravei um campo em branco, abrindo uma nova perspectiva ao se olhar o Jornalismo alternativo.

Nas pesquisas em Jornalismo, de forma ampla, não existe uma tradição de estudos de gênero, é uma perspectiva recente. No artigo *Jornalismo e Estudos de Gênero: e a interseccionalidade, onde está?,* Lago, Kazan e Thamani (2018) mapeiam os trabalhos produzidos sobre gênero dentro do Jornalismo a partir de 2016. A constatação das autoras é que o tema passou a ser mais abordado na área devido às pesquisas de estudantes da pós-graduação e, em geral, docentes que orientaram os trabalhos não tinham a temática de gênero como especialidade. Usando de base o banco de dados da Associação Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, entre 2003 e 2014 apenas cinco trabalhos se referiam aos estudos de gênero (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016 apud LAGO, KAZAN e THAMANI, 2018). "Lago e Martinez (2017) analisaram trabalhos publicados de 2014 a 2016 nas revistas A2 da área.[...]. Neste levantamento, encontraram 13 artigos que se relacionam com os estudos de gênero" (LAGO, KAZAN e THAMANI, 2018, p.2). Para as autoras, a falta de estudo de gênero na área é um silenciamento que pode tornar-se enorme, uma vez que o **Jornalismo é uma poderosa tecnologia de gênero que representa os grupos minorizados.** (LAGO, KAZAN e THAMANI, 2018). Quando existem os estudos de gênero, costumam ignorar a interseccionalidade e seus efeitos na matriz de opressão (AKOTIRENE, 2018).

A interseccionalidade será um ponto-chave ao pensar o Jornalismo feito em LNG na PEM, pois muitas das pessoas componentes da equipe são negras, uma parcela LGBTQIAP+, e outras mulheres. Ainda, é impossível ignorar o contexto de toda a equipe ser periférica, assim como o fato de se intitularem uma produtora de Jornalismo da Quebrada, pois produzem visando o consumo de Jornalismo do público periférico. Por esta razão, por mais que a pesquisa trate da LNG, o Jornalismo das periferias e a narrativa da quebrada sempre estão presentes.

Neste sentido, vale destacar o contexto das periferias de São Paulo, pelo objeto ser localizado na capital paulista. Mara Rovida (2020), no livro *O Jornalismo das Periferias: o diálogo social solidário das bordas urbanas* compreende a forma de fazer Jornalismo e especificidades do Jornalismo das periferias. Todos os veículos estudados por ela estão na grande São Paulo. Muitos dos conceitos abordados pela pesquisadora complementam este trabalho e, não por acaso, a definição de Jornalismo da Quebrada trazida por Rovida (2020) é

similar ao conceito adotado pela equipe da PEM, já que a produtora também foi objeto da pesquisadora.

A fim de ampliar o conceito de Jornalismo, o qual a produção da Quebrada está inserida, posiciono o Jornalismo como um gênero discursivo criador de uma esfera pública construída a partir das suas narrativas. Também entendo que o Jornalismo é um relato do cotidiano que marca momentos históricos. Todavia, este registro é feito a partir de um ângulo e por uma pessoa que tem suas técnicas e visões, não é uma reprodução objetiva do real. Mas sim, uma narrativa subjetiva formada pelo discurso.

Compreendo, ainda, que o Jornalismo é importante à cidadania à medida que reflete sobre as suas próprias condições de dispositivo (BENETTI, 2008) e busca uma narrativa diversa, possibilitando a atuação cidadã. Por fim, entendo que a principal ferramenta do Jornalismo é a língua. Assim, é uma decisão do jornalista [muitas vezes subjetiva e sem reflexão prévia] o arranjo de palavras que compõem seu texto, ainda que de forma inconsciente o uso da língua possa oprimir e excluir grupos minoritários.

O ato de transmitir notícias permite a aquisição de conhecimento concreto, ao passo que carrega uma dimensão simbólica deste conhecimento. O uso da linguagem agrega no campo do símbolo. Ou seja, o sentido de uma frase é expresso por meio de representações, o que se entende dela. Ao adotar uma postura opressora, o Jornalismo reproduz e valida violências simbólicas contra minorias sociais.

Nesta perspectiva entra a LNG. O uso da LNG surge de uma desconstrução de gênero, do entendimento de que há mais possibilidades de ser e estar no mundo, para além de homens e mulheres (RODRÍGUEZ, PEREIRA e BENDER, 2020). Seu uso e criação é parte de uma luta da população LGBTQIAP+ por usos da linguagem menos violentos simbolicamente. Quando o Jornalismo passa a usá-la, ele deixa de excluir parte da população trans não binária e também questiona os padrões misóginos da língua portuguesa.

A partir do estudo de caso da PEM proponho olhar para a possibilidade de uso da linguagem não flexionada em gênero pelo Jornalismo. Busco ampliar o uso da LNG para além da escrita, compreendendo como ela influencia em todas as etapas de produção da notícia. Com este intuito a pergunta central desta pesquisa é: **Como a produtora de Jornalismo Periferia em Movimento (PEM) adota a linguagem neutra em gênero em suas matérias jornalísticas?**

Para responder a tal questão me coloco no papel de sistematizar como foi a implementação da LNG na PEM enquanto processo e suas etapas e características, além de

trazer questões relacionadas à construção do editorial que marca o posicionamento da produtora.

Para essa discussão, no Capítulo Teórico discorro sobre o tipo de Jornalismo ao qual estou me referindo. Neste sentido, parto dos conceitos de Jornalismo enquanto gênero discursivo; Jornalismo contra-hegemônico; O Jornalismo, o sujeito periférico e sua quebrada. Entendo nesta primeira parte que o Jornalismo ao qual me refiro tem responsabilidade social e defendo a importância de uma mídia diversa, com veículos contra-hegemônicos e entre eles, os periféricos. Entrando nas questões de gênero e da língua, proponho o tópico Gênero: uma construção social historicamente definida e sua relação com o Jornalismo. Desconstruir o gênero como algo natural e biológico nos possibilita questioná-lo e entender outras identidades como possíveis, o que justifica o olhar para a LNG. Por fim, apresento a relação da linguagem com o Jornalismo.

O segundo Capítulo descreve o percurso metodológico. Para guiar o estudo de caso, aplicou-se o Newsmaking. As ferramentas aplicadas na coleta de dados foram a observação participante e as entrevistas semi-estruturadas (online e presenciais). Os momentos de observação foram fundamentais na concepção deste trabalho, uma vez que eu não conhecia a fundo a realidade das periferias de São Paulo, para além da perspectiva teórica de Rovida (2020). Estando nos espaços ocupados pela PEM pude perceber nuances do fazer Jornalístico do veículo, como por exemplo o uso do termo quebrada, que ultrapassa um conceito teórico sistematizado e está, de fato, ligado ao afeto pelo território, passível de ser percebido nos diálogos da equipe da PEM.

No terceiro Capítulo, a análise começa com o texto perfil da PEM, onde explico sobre a fundação do veículo, quem faz parte da equipe e as suas funções, políticas editoriais e fontes de financiamento. Sigo apresentando o processo de implementação da LNG e os principais aspectos que permitem a adoção da LNG por um veículo. O terceiro tópico fala sobre o editorial da LNG. A partir desse ponto segue-se a lógica de produção do Jornalismo na perspectiva do Newsmaking. Abordo como funciona cada etapa na concepção dos conteúdos da PEM: pauta, apuração, produção, edição e pós-produção. O trabalho se encerra com as conclusões, onde procuro, além de atender aos objetivos do trabalho, apontar caminhos que possam ajudar a outros meios jornalísticos que procurem incorporar a LNG em suas produções.

Por fim, vale destacar que para a escrita deste trabalho optei pelo termo Linguagem Neutra em Gênero (LNG), buscando evidenciar que a discussão aqui proposta se centra na

neutralização da flexão de gênero da língua portuguesa. Uma vez que a língua não é – e nunca será – neutra, todo discurso produzido é carregado de subjetividade. Usar o termo Linguagem Neutra sem o uso da palavra gênero gera a confusão de que a LNG seria neutra, enquanto na verdade é uma alternativa política e militante de inclusão das pessoas trans. Dito isso, destaco, que este trabalho foi escrito integralmente com o uso da Linguagem Neutra em Gênero e impessoal. Uma vez que defendo seu uso como uma forma de inclusão e não apagamento de pessoas trans não-binárias. Desejo que este trabalho seja parte da mudança proposta.

1 CAPÍTULO TEÓRICO

1.1 JORNALISMO ENQUANTO GÊNERO DISCURSIVO

O Jornalismo assume diferentes funções sociais e na sua complexidade é uma forma de conhecimento, também discurso e ainda ator político e de cidadania a partir das informações prestadas. Para Genro Filho (1987) o Jornalismo reconstitui os fatos a partir das diversas linguagens disponíveis e de uma técnica própria, a qual lhe garante a suas características que diferem da produção científica e do senso comum. Trata-se de uma categoria própria do conhecimento. "O aspecto central desse gênero de conhecimento é a apropriação do real pela via da singularidade" (GENRO FILHO, 1987, p. 47). Enquanto a ciência está sempre em busca do universal, o Jornalismo reconstitui o singular que é por natureza efêmero. Neste sentido, Meditsch (1998) destaca:

> O Jornalismo não é uma ciência mal feita, simplesmente porque não é uma ciência e nem pode aspirar a ser tal. Por um lado, o Jornalismo como forma de conhecimento **é capaz de revelar aspectos da realidade que escapam às metodologias das ciências**. (1998, p. 34, grifos da autora)

Entre os aspectos apontados por Meditsch (1998) está o discurso que, no Jornalismo, não segue técnicas rigorosas como na ciência e revela muito da singularidade do repórter. Assim, entender o Jornalismo como gênero discursivo nos permite observar aspectos da sociedade contemporânea.

Marcia Benetti (2008) entende que "O Jornalismo é, em outras definições possíveis, um [gênero do] discurso" (BENETTI, 2008, p.13). Para compreender o que é um gênero e posicionar o Jornalismo na definição, Benetti (2008) retomou os conceitos de Charaudeau (2004 apud Benetti 2008) quem explica que, nos campos da Análise do Discurso, da Semiótica e da Análise textual, há pelo menos quatro modos de compreender gênero: funcional, enunciativo, textual e comunicacional. Passando brevemente por cada um: O Funcional pode ser entendido como uma orientação que o emissor dá a sua fala; O Enunciativo entende que existem dois planos de enunciação, um histórico e outro discursivo – o histórico é a apresentação dos fatos sem a intervenção do locutor e o discursivo ocorre quando um personagem ou o próprio locutor intervém para julgar os fatos ocorridos; O Textual são os gêneros dados pelas regras que classificam os tipos de texto – por exemplo, notícia, reportagem, artigo e afins; e por fim, o Comunicacional, em que o gênero é associado

a condições específicas de produção, circulação e interpretação que o definem (CHARAUDEAU, 2004 apud BENETTI, 2008).

A autora explica que:

> De modo geral, a discussão tem misturado dois pontos de vista no jornalismo: o funcional — quando define, por exemplo, os gêneros informativo e opinativo — e o textual — quando emoldura os gêneros, subgêneros ou formatos de notícia, reportagem, entrevista, crítica e editorial, entre outros textos possíveis. Nem mesmo combinados, entretanto, esses pontos de vista contemplam as relações intersubjetivas e de poder que efetivamente constituem um gênero [jornalístico] (BENETTI, 2008, p.15).

Benetti (2008) apontou que o gênero comunicacional parece o mais adequado para definir o Jornalismo pois permite **associar condições de produção, circulação e interpretação amplia a complexidade de um gênero discursivo**. O discurso é formado a partir de uma posição histórica, social e cultural e só existe em um tempo e lugar (BENETTI, 2008). Os gêneros discursivos podem se apoiar no texto como plataforma, contudo "o discurso não acontece "no" texto, compreendendo aqui texto como um objeto material escrito, oral ou pura imagem. Ele acontece entre os sujeitos da interlocução. [...] **O jornalismo como discurso, portanto, só existe entre sujeitos**", defende Benetti (2008, p.17, grifos da autora). Entretanto, a Análise do Discurso tira o sujeito do centro. Ele tem um poder relativo pois está submetido a regras externas e anteriores sobre as quais não costuma ter domínio (BENETTI, 2008)."Recupera-se aqui a ideia do sujeito descentrado e cindido [separado] de Foucault (1995), aquele que se move entre diversas posições de sujeito para enunciar e para interpretar" (BENETTI, 2008, p. 17). Benetti (2008) então, compreende que é importante observar o **conhecimento anterior acumulado pelo sujeito do discurso** assim como as regras do próprio gênero discursivo. No Jornalismo, por exemplo, tais regras estão inseridas dentro dos métodos de apuração, escrita e dos constrangimentos da profissão. A autora entende que o discurso é produzido pelo sujeito, mas não se origina nele.

Pêcheux (1988 apud BENETTI, 2008) apresentou o conceito de ilusão discursiva para conceituar o esquecimento do jornalista que erroneamente acredita ter ideias originais quando não são. O autor define duas categorias de esquecimento, são elas: 1. Sujeito esquece que não é a origem plena do seu discurso. "Apaga os processos históricos e as falas assimiladas ao longo do tempo, internalizadas em um processo que lhe garante a ilusão da autenticidade" (BENETTI, 2008, p. 18); 2. Sujeito ignora que seu discurso é resultado da escolha de uma estratégia de construção de sentidos e que em vez desta poderia ter escolhido outra, agora

silenciada. Neste sentido, Benetti argumenta que "Não é possível enunciar sem construir, pela linguagem, uma arquitetura complexa que articule a percepção da realidade" (2008, p. 18).

Partindo desta premissa entende-se que o **Jornalismo, ao produzir uma matéria, escolhe um ângulo e recorta o acontecimento que retrata, contudo, essa escolha pode ser feita de forma inconsciente.** A notícia, fato real apresentado, é uma interpretação que passou pela construção de sentidos a partir das escolhas da pessoa reporter. Questionar a construção feita é um dos caminhos para um Jornalismo mais crítico da própria realidade. Henriques (2014) defende que "Isso pode ser realizado a partir do escasso, mas significativo, espaço individual de cada jornalista e também utilizando-se do espaço que a redação, em seu conjunto, tem frente aos proprietários e diretores dos veículos" (2014, p.37). Sendo impossível construir um discurso sem criar uma interpretação sobre o fato, cada pessoa jornalista deve estar atenta às suas próprias limitações e preconceitos reproduzidos na sua atividade profissional, assim fazendo bom uso do espaço individual indicado por Henriques (2014).

Além disso, é preciso pontuar que a construção do discurso demanda sujeitos além do enunciador, sujeitos esses que também interferem na atividade jornalística,

> Existem pelo menos três sujeitos em qualquer processo discursivo: **o enunciador, o leitor virtual e o leitor real**. Pode-se dizer que o enunciador e o leitor real são indivíduos concretos, que — seguindo a concepção de Foucault — posicionam-se dessa ou daquela maneira para falar ou interpretar. Produzem imagens sobre si e sobre o outro, mas existem na concretude do ato discursivo. Já o leitor virtual é apenas imaginado, uma figura fictícia que fica sempre no entremeio do discurso, mas crucial para o processo. Esse leitor virtual existe em qualquer ato comunicativo, mesmo nas interlocuções face a face, mas na comunicação midiática é uma figura duradoura e decisiva. É "para quem" o enunciador imagina estar falando. (BENETTI, 2008, p.21, grifos da autora)

Todo discurso é norteado pelo que se imagina do outro. Pêcheux (1990 apud BENETTI, 2008) definiu este processo como formações imaginárias. Ao se comunicar com o interlocutor, o sujeito olha para dois aspectos: quem sou eu e quem é o outro.

> O jornalista que enuncia tem uma imagem sobre si, seu papel e sua identidade. Essa imagem está alicerçada tanto em ideais como verdade e credibilidade quanto na consciência (às vezes nem tão consciente assim, pois internalizada) sobre as condições de produção do discurso. O jornalista também tem uma imagem sobre seu leitor. (BENETTI, 2008, p 19)

Para que o discurso jornalístico aconteça, os interlocutores devem entender as permissões e restrições que definem o Jornalismo, chamadas de contrato de comunicação. Charaudeau propõe cinco elementos para pensar o discurso (2006 apud BENETTI, 2008)

“quem diz e para quem”, “para quê se diz”, “o que se diz”, “em que condições se diz” e “como se diz”. “Para pensar o gênero jornalístico, é preciso considerar a totalidade desses elementos” (BENETTI, 2008, p. 21). Os elementos se dividem do ponto de vista metódico mas nunca processual. Ou seja, na prática se misturam.

> A condição de finalidade (“para quê se diz”) norteia as demais. O jornalismo pode ser definido como um campo (BERGER, 1998; FERREIRA, 2002), relacionado a outros campos. Também pode ser compreendido como uma forma social de conhecimento (GENRO FILHO, 1987), cujo primeiro objetivo é oferecer o presente social (GOMIS, 1991; FRANCISCATO, 2005; KARAM, 2005), reconstruindo cotidianamente os eventos que dizem respeito ao homem, suas atividades, criações, interesses e equívocos(BENETTI, 2008, p. 21)

É na condição “para quê se diz” que encontramos o papel real do Jornalismo. Mesmo sendo considerado um gênero do discurso, ele também, ao pensar no para quê se diz, retoma seu papel democrático e enquanto forma social de conhecimento (GENRO FILHO, 1987). Já o lugar de enunciação do Jornalismo, “em que condições se diz”, precisa ser entendido do ponto de vista institucional além da ação individual do jornalista, por que é no institucional que está a credibilidade do Jornalismo (BENETTI, 2008).

> A credibilidade deriva da compreensão (social) de que o jornalismo é uma prática autorizada a narrar a realidade. Essa autoridade emerge de um percurso histórico desse modo de conhecimento, inscrito na trajetória da sociedade moderna, fundado em sua missão pública e em princípios relativamente consensuais na comunidade dos jornalistas. (BENETTI, 2008, p. 21-22).

Os jornalistas, enquanto sujeitos sociais do discurso, enunciadores, conquistaram a legitimidade social para produzir o discurso (BENETTI, 2008). Para Soares, “formar um discurso é dar sentido àquilo que está disperso socialmente" (2005, p.103). A realidade se constrói por meio do discurso – e é por isso que se pode afirmar que não há realidade pré-discursiva, pois “**cada realidade se funda e se define a partir de um discurso**”(SOARES, 2005, p.103, grifos da autora). Para ela, a realidade é o próprio discurso.

> Ao organizar a realidade por meio do discurso, dotando-a de sentido, o jornalismo interfere naquilo que de “mais real” possa existir – a realidade discursiva, o limite do “real possível”, já que, ao real [...] não se poderá nunca ter acesso, pois ele sempre falta. [...] **O Jornalismo interfere na realidade, ao construí-la discursivamente** (SOARES, 2005, p. 103, grifos da autora).

Já os elementos: “o que se diz” e “do que se trata” são sobre as escolhas temáticas, valores-notícia e critérios de noticiabilidade usados ao realizar essas escolhas. (BENETTI, 2008). “Quem diz e para quem diz” aciona o leitor virtual. “Não é possível compreender o jornalismo, como gênero, fora dessa relação intersubjetiva.” (BENETTI, 2008, p. 22). Além do leitor virtual há outros sujeitos importantes na construção do discurso, a voz institucional

que emprega o jornalista, editor(a/e), colegas de profissão e fontes. “Todos esses sujeitos constituem leitores virtuais que entram em jogo no momento de produção do discurso” (BENETTI, 2008, p. 22-23). O leitor real ao consumir um discurso entra no questionamento de “quem sou eu para que me fale assim” e “quem ele imagina que sou para que me fale assim”. Leitores reais e virtuais nunca entram em consenso e essa dissonância faz parte da interpretação do texto jornalístico, mas não é suficiente para romper o contrato de comunicação estabelecido. “Esse leitor também se pergunta “quem é ele (jornalista) para que me fale assim?”, e então aciona seus conhecimentos sobre o que deve ser jornalismo e sobre o que supõe ser a competência de um jornalista” (BENETTI, 2008, p. 23).

Não se coloca em jogo o modo como o discurso foi produzido, mas sim seus sujeitos. Consequência da não-transparência do processo de produção do gênero jornalístico. “A produção do discurso jornalístico se dá em um ambiente com configurações bastante específicas. Chega-se ao que Charaudeau chama de **condição de dispositivo, ou seja, sob que condições um discurso se constitui”,** (BENETTI, 2008, p.23 grifos da autora) que englobam acesso às fontes, constrangimentos e variáveis materiais de produção. A condição de dispositivo é o conjunto dos elementos do discurso apontados por Benetti (2008), que interferem na realidade. Enquanto uma variável na produção, a condição de dispositivo produz discursos diferentes, tais quais os da mídia hegemônica e contra-hegemônica.

1.2 JORNALISMO CONTRA-HEGEMÔNICO

Para compreender a perspectiva do Jornalismo contra-hegemônico se faz necessário entender, primeiro, a lógica do Jornalismo hegemônico. O discurso da imprensa hegemônica constrói uma realidade favorável às classes dominantes, é “a organização material voltada para manter, defender e desenvolver a frente teórica [...], ou seja, um suporte ideológico do bloco hegemônico” (MORAES, 2013, p.105). A dominação de um conjunto de classes no poder só é possível pela coerção e via consenso, o convencimento (GRAMSCI, 1999 apud SOUZA, 2021). “Isso acontece quando o senso comum compartilhado segue a linha dada pelos aparelhos privados de hegemonia” (SOUZA, 2021, p. 5). Os aparelhos privados de hegemonia são os órgãos da sociedade civil que **definem os valores e comportamentos esperados**. Entre eles estão: Igreja, escola, família, partido, sindicato e mídia (SOUZA, 2021).

O papel da mídia se justifica à medida que a hegemonia depende de uma ideologia dominante e a comunicação midiática atua ativamente na formação ideológica da sociedade (SOUZA, 2021). **O Jornalismo hegemônico trabalha pelo interesse das classes sociais dominantes, dando apoio a construção de um consenso,** o que passa pelos valores editoriais. Os projetos editoriais das grandes mídias hegemônicas podem variar, com exceção de um ponto-chave: reproduzir a ordem de consumo e conservar as hegemonias (MORAES, 2013) Assim, Jornalismo hegemônico gera um discurso a serviço de maiorias econômicas com aparência de uma visão natural do mundo.

A imprensa é capaz de defender posições de poder, disseminar culturas e influenciar na compreensão dos fatos, exercendo sua atividade diária de informar. Neste sentido, Moraes aponta que "A imprensa faz, constrói, cria opinião pública" (2013, p.65). Na mesma perspectiva Bourdieu (1973 apud RAMONET, 2013) defende que a opinião pública é reflexo dos meios de comunicação;

> Se não existisse comunicação de massa, não haveria opinião pública e sim pressupostos ou crenças. A opinião pública pressiona os poderes legítimos e, além disso, transmite a eles seu descontentamento ou sua desaprovação em relação a tal ou qual medida, sendo um agente indispensável para o bom funcionamento da democracia atual (RAMONET, 2013, p.65)

A opinião pública – tão importante à atividade democrática – é formada pela mídia, podendo ser influenciada pelo Jornalismo contra-hegemônico. Chega-se à importância de pensar uma imprensa crítica que busca, na sua atividade profissional, contemplar discursos que extrapolam os interesses das classes dominantes e do mercado financeiro.

"Em sentido geral, eis a tarefa da comunicação contra-hegemônica: reivindicar o pluralismo e o valor das histórias e culturas e motivar-nos à reflexão sobre o mundo vivido.[...] Assumir a contra-hegemônia como eixo norteador da práxis jornalística" (MORAES, 2013, p.107). A comunicação contra-hegemônica vai ao encontro do papel social do Jornalismo, colocando-se como uma alternativa à liberdade de expressão cidadã, já que busca vozes plurais. Os próprios veículos contestam a mídia hegemônica sob diferentes perspectivas, em geral trazendo consigo uma luta político-social.

Moraes (2013) apresenta a contra-hegemônia como eixo norteador da ação [práxis] jornalística, aponta a perspectiva de confrontar o discurso dado [hegemônico] e a busca por pluralidade na mídia como guia da atividade profissional. Pluralidade, que se manifesta nos veículos e suas diversas propostas, mas também na pluralidade de fontes consultadas na apuração das matérias, em toda a mídia. Trata-se de "não descartar a exploração de brechas e contradições dentro da mídia hegemônica" (MORAES, 2013, p.106).

O Jornalismo contra-hegemônico não é o oposto dos meios hegemônicos e nem pretende ser. “Os meios contra-hegemônicos não almejam uma simples substituição na ocupação do lugar hegemônico, como também podemos dizer que estes residem no fato de nunca almejarem a posição hegemônica e todas as suas peculiaridades” (SILVA, 2015, p 30). Os espaços contra-hegemônicos buscam uma nova forma de noticiar, olhar sob perspectivas fora do discurso dominante. Moraes (2013) argumenta que a própria hegemonia não é homogênea e se atravessa de contradições.

> Toda hegemonia traz em si o germe da contra hegemonia; haveria aí uma unidade dialética em que uma se define pela outra, e isto acontece porque **a hegemonia não é algo estático,** pronta e acabada, mas sim um processo de luta cultural (COUTINHO 2008 apud SILVA, 2015, p. 28, grifos da autora)

Se a contra-hegemonia busca construir discursos diferentes da mídia hegemônica, incluindo atores não representados, sem uma a outra não se faz e vice-versa. Nesse mesmo pensamento, se a hegemonia não é estática a contra-hegemonia também não. É um movimento duradouro, pois sempre haverá uma classe dominante e uma ideia hegemônica a ser questionada. Também dinâmico, pois seus agentes e pautas mudam em cada contexto histórico-social, por exemplo o Jornalismo contra-hegemônico presente no Brasil hoje tem características diferentes daquele produzido durante a ditadura militar em 1964. Mas um ponto em comum, questionam a estrutura social dominante.

Moraes (2013) reforça essa premissa retomando a história da imprensa alternativa no Brasil durante a ditadura militar. A imprensa alternativa no Brasil viveu um período intenso a partir da ditadura militar em 1964, especialmente a partir do AI 5 em dezembro de 1968, quando a censura dos meios de comunicação passou a ser uma prática do Estado.

> Dezenas de jornais de oposição constituíram no país uma imprensa alternativa que, embora possuísse vertentes, **mantinha a característica fundamental de se posicionar contra a ditadura.** A maior parte dos grandes jornais apoiou o regime militar, por convicção e/ou por interesses econômicos e políticos, e a imprensa alternativa representada pelos pequenos jornais tentava analisar corajosa e criticamente a realidade, contestando o modelo de desenvolvimento excludente e o sistema repressivo (MORAES, 2013, p 114-115, grifos da autora).

Ainda de acordo com Moraes, “A imprensa alternativa foi fundamental na defesa das liberdades democráticas e nas campanhas pela anistia dos opositores da ditadura e pela convocação da Assembleia Constituinte” (2013, p.115), sendo agente capaz de mudar a estrutura (SILVA, 2015). Deste modo, veículos contra-hegemônicos são aqueles “que prezam pelo descomprometimento de sua linha editorial com o poder dominante, operando à revelia

de pressões econômicas" (SILVA, 2015, p.38). Esse modelo pode ser chamado de alternativo, radical, independente, político, de resistência e outras subdivisões (SILVA, 2015). Cada veículo se enquadra melhor em uma ou outra, sendo jornalismo contra-hegemônico uma classificação geral que une a todos.

1.2.1 Características e desafios do Jornalismo alternativo ou contra-hegemônico

Para Moraes (2013) a mídia alternativa se distingue em dois aspectos principais: explora espaços proporcionados por ambientes descentralizados a fim de criar novas dinâmicas noticiosas, mais participativas e não mercantilizadas e assume a responsabilidade da democratização da informação e do conhecimento.

O Jornalismo alternativo cobre espaços ignorados pela mídia tradicional e nas suas pautas, a favor da democracia, tem um papel que deveria ser intrínseco a toda forma de Jornalismo. Com a preocupação de "diversificar enfoques e agendas informativas" (MORAES, 2013, p.122). A agenda midiática tradicional, agenda setting, que engloba "datas temáticas" como, por exemplo "Outubro rosa", "Natal", e "Eleições" é compartilhada também pelas agências alternativas pesquisadas por Moraes (2013) [49 veículos todos da América Latina sendo oito deles brasileiros], o que muda é o enfoque crítico diferenciado mesmo nas pautas dentro da agenda setting.

Um dos principais desafios das agências de Jornalismo contra-hegemônico identificados por Moraes (2013) é a sustentabilidade financeira, poucas são as iniciativas que conseguem ser colaborativas e autônomas sem depender de recursos e patrocínios externos. Essa situação,

> Se traduz na vida útil às vezes reduzida de projetos, que não se mantêm financeiramente e se desagregam; em inadequadas infraestruturas físicas, técnicas e tecnológicas, o que se pode constatar em redações acanhadas; no baixo índice de profissionalização das equipes, obrigando jornalistas e ativistas a terem empregos paralelos; sem falar nas limitações financeiras para desenvolver plataformas digitais mais modernas ou para realizar reportagens fora das capitais (MORAES, 2013, p.135).

Apesar das dificuldades enfrentadas, as mídias alternativas podem consolidar-se como espaços autônomos de informação e de difusão contra-hegemônica, "nos quais se articulem as três exigências desafiadoras do que Sandrine Lévêque (2010) chama de contrapoder essencial ao Jornalismo mercantilizado das grandes empresas: transparência, pluralismo e verdade" (MORAES, 2013, p.138). Fazendo um Jornalismo transparente e plural, as mídias alternativas exercem de fato seu papel de contrapoder.

Vale pontuar que a mídia alternativa, assim como os movimentos sociais, existiam antes da internet. Contudo, com as facilidades do recurso digital criou-se a ilusão de que sem a internet as massas não conseguem se articular, o que não é verdade. Moraes e Serrano (2013), dois dos autores da obra *Mídia, poder e contrapoder*, enxergam na internet uma oportunidade para o Jornalismo alternativo, visto que barateia a sua operação e facilita a colocação do veículo no ar. Além disso, no meio digital encontram-se novas formas de financiamento com apoio de internautas, vaquinhas online e doações facilitadas pelo compartilhamento nas redes sociais.

> Além das facilidades técnicas da internet, [...] **há uma demanda cidadã que exige uma perspectiva alternativa à informação e às análises dominantes.** Ela é representada pelos meios cujo princípio existencial não é a participação no mercado, não têm fins lucrativos, não são propriedade de acionistas e não condicionam seus conteúdos à receita publicitária. Seu objetivo é dar voz aos coletivos sociais e aos povos que lutam por sua soberania e pela melhora de suas condições de vida com justiça social (SERRANO, 2013, p.151, grifos da autora)

A oportunidade de baixos custos e novas formas de financiamento, o crescimento da confiança na internet e demanda popular por informações alternativas no ambiente digital, fazem desse meio bastante fértil para uma comunicação contra-hegemônica. Contudo, Serrano (2013) explora outros desafios além da sustentabilidade financeira trazida por Moraes (2013). O primeiro que é intrínseco à web são as questões técnicas para se manter um site em funcionamento, pois é preciso ter uma hospedagem, domínio, sistemas de segurança e editores de texto e design. Nem sempre veículos alternativos contam com profissionais desenvolvedores para esta demanda.

Outro ponto levantado pela autora é a fascinação pela internet e novas tecnologias, que pode levar a confundir o mundo virtual com o real. Serrano (2013) relembra que a legislação, a fome, a pobreza e guerras estão fora dos dispositivos móveis. É necessário pensar no impacto sobre a realidade no que fazemos nos ambientes virtuais, a influência verdadeira sobre o poder político e a serventia da comunicação produzida para ter uma vida cotidiana mais crítica. (SERRANO, 2013). “Provavelmente, o resultado será um pouco frustrante. Isso não quer dizer que devemos abandonar essas tecnologias, mas sim fazer um esforço para levar seus benefícios à vida real” (SERRANO, 2013, p.176).

Os veículos alternativos se enquadram fora da norma do Jornalismo tradicional e se reconhecem assim, são conscientes sobre. Em contraste, dificilmente um veículo de imprensa hegemônica vai se questionar sobre o que ser hegemônico implica nas suas atividades. Entre

os desafios da imprensa alternativa apontados por Serrano (2013), está a questão: qual o limite da militância?

> É essencial fazer um esclarecimento prévio: **um meio de comunicação é isto: um meio de comunicação; não é uma organização política, nem uma organização de ativismo social.** É provável que seus membros tenham certo grau de compromisso associativo com outras organizações, sendo nelas onde devem praticar seu ativismo. No meio de comunicação, eles só devem comunicar, essa será sua única forma de ativismo- o que não é pouco- enquanto estiverem se dedicando ao projeto informativo. (SERRANO, 2013, p. 160, grifos da autora)

Por outra parte, Serrano destaca que "É preciso fazer Jornalismo, buscar os dados, relatórios e depoimentos que confirmem [as informações dadas ao público].[...] Muitas vezes, os meios alternativos se transformam em tribuna para desabafo dos militantes, e não é isso que eles deveriam ser" (SERRANO, 2013, p.153). O formato e caráter militante dos meios alternativos criam uma armadilha, pois muitas vezes acabam panfletando e criando juízo de valor nos conteúdos, sem apresentar ao público as razões que apoiam tais afirmações. A ideia de trazer essencialmente opiniões não embasadas, para Serrano (2013) descaracteriza um veículo como jornalístico.

Além disso, a linha editorial não deve se limitar às ideologias pessoais de quem faz parte do veículo. O critério para definir uma matéria não deve ser concordar ou não com a notícia, mas sim entender que ela faz parte do universo abordado pelo veículo e será importante ao público leitor. Por fim, o desafio da colaboração. É muito fácil entrar na lógica produtivista de mercado de ser sempre o primeiro a publicar uma pauta. Entretanto, a partir da perspectiva da mídia alternativa o objetivo deve ser trabalhar em prol da democracia, informar o máximo de pessoas possível e com a maior pluralidade possível. A lógica da matéria exclusiva, da imprensa tradicional, deveria cair por terra. Veículos alternativos devem colaborar em prol da informação de qualidade. "Podemos trabalhar para publicar os textos o quanto antes, mas sempre entendendo que o objetivo é a maior divulgação possível de conteúdos" (SERRANO, 2013, p. 156)

1.3 O JORNALISMO, O SUJEITO PERIFÉRICO E SUA QUEBRADA

O Jornalismo produzido nas periferias é uma forma particular de comunicação contra-hegemônica. Ele extrapola o Jornalismo alternativo, pois, além de propor uma comunicação alternativa à hegemonia, é produzido de dentro para dentro. Feito por pessoas periféricas, retratando a periferia, é construído na e para a periferia. Se difere de uma narrativa que pode tratar, por exemplo, a periferia de forma humana, com fontes periféricas, mas é

produzida por um sujeito do centro. Entender o Jornalismo das periferias passa por compreender o território onde é construído e seus sujeitos. De acordo com D'Andrea sob a perspectiva de Rovida (2020), a periferia é tradicionalmente entendida como um espaço de pobreza, com uma conotação negativa. Para o senso comum, é ruim estar na periferia, é ruim ser periférico. Pablo D'Andrea (2013) em sua tese de Doutorado discute a periferia a partir da mobilização social nos bairros marginalizados, indo contra a narrativa hegemônica dada a estes espaços.

Segundo Rovida (2020), a partir dos anos 1990 a periferia entra na academia e começa a se discutir seus sentidos polissêmicos. **Periferia deixa de ser vista apenas como um espaço de carestia para se tornar um ambiente de potência**. Na Região Metropolitana de São Paulo (RMSP), a periferia está vinculada ao contexto urbano, às margens da cidade. Falar da periferia paulistana diz sobre o tempo de acesso à cidade. "É o tempo que você leva para acessar os direitos, como trabalho, ensino, saúde, entre outros. Nesse sentido, a subjetividade do sujeito periférico é, em grande medida, construída no ônibus, durante os longos períodos gastos no ir e vir pela cidade para ter acesso à estrutura de direitos sociais" declarou Thiago Borges, Gestor de conteúdos da Periferia em Movimento, para Mara Rovida (ROVIDA, 2020, p. 56).

Entender a periferia extrapola o entendimento geográfico, mas tem no território suas bases. Os movimentos sociais e toda a potência nascem a partir do território ocupado.

> A auto representação resulta da dinâmica social que se instala, segundo D´Andra, no espaço vago que os movimentos sociais e as Comunidades Eclesiais de Base (CEB) deixaram ao saírem dos bairros populares no final dos anos 1980. Esse espaço ocioso passa a ser preenchido por três atores: as igrejas evangélicas, o Primeiro Comando da Capital (PCC) e a **produção cultural que fomenta a criação de uma narrativa e uma subjetividade para a periferia** (ROVIDA, 2020, p. 40, grifos da autora).

A periferia deixa de ser vista apenas pela pobreza e violência, ela também é arte e cultura. Os movimentos artísticos têm caráter emancipatório, uma nova possibilidade de sobrevivência e um artifício político. Agora, a periferia se apropria de um espaço negado (a arte) para expressar sua própria realidade. "Dessa forma o estigma da pobreza dá lugar ao orgulho de ser periférico" (ROVIDA, 2020, p.40). É nesse contexto que surge o que D'Andrea nomeia como "Sujeito Periférico".

A noção de Sujeitos Periféricos, bastante presente na pesquisa de Rovida (2020), parte do conceito de D'Andrea (2013). Para o autor, nem toda pessoa periférica é um sujeito periférico, para tal são três características: "1) Assume sua condição de periférico; (de

periférico em si a periférico para si; 2) Tem orgulho de sua condição de periférico; 3) Age politicamente a partir dessa condição" (D'ANDREA, 2013 p.188).

A ressignificação da periferia passa pela apropriação de termos antes pejorativos pelos próprios sujeitos periféricos. É o caso do termo quebrada. A ideia contida em quebrada exaltava a precariedade das bordas urbanas. "Seria como resumir todo o aspecto negativo que marca a periferia de uma maneira mais enfática no uso dessa palavra" (ROVIDA, 2020, p.70). Apesar da reapropriação da palavra e ela ter sido superada, "entende-se que a nova semântica está vinculada ao sujeito da fala. O periférico que toma para si uma posição ativa no processo de ressignificação do território e dos termos que a ele se dirigem" (ROVIDA, 2020, p.70). Quando uma pessoa não periférica usa o termo "quebrada" para se referir ao território, há uma conotação ainda pejorativa.

A apropriação de quebrada ultrapassa a ideia da periferia, a qual tem um sentido mais geral. Quebrada traz a ideia de pertencimento, de vínculo com o território (ROVIDA, 2020). "Entre os Sujeitos Periféricos o uso do termo parece reforçar os vínculos afetivos com o território e será dessa forma, utilizado não apenas na fala das pessoas de maneira geral como também marcará as narrativas produzidas por esses jornalistas" (ROVIDA, 2020, p.72).

Assim, ser um Sujeito Periférico não diz respeito apenas a morar na periferia, são pessoas ativistas "imbuída(s) desse sentimento de orgulho de pertencimento ao território" (ROVIDA, 2020, p. 46). Ter orgulho do território não anula que a periferia "é um espaço que está sempre numa condição de vulnerabilidade socioeconômica e distante do centro. [...] periferia se estabelece na relação dessas duas características, a geográfica e a social" (ROVIDA, 2020, p. 46).

O ativismo periférico dá origem, dentre outras atividades, a uma comunicação periférica. São Mídias contra-hegemônicas que encontram seu lugar diante de espaços praticamente desertos de notícias, espaços que a mídia hegemônica não cobre ou cobre muito pouco, e em geral, da perspectiva de pessoas não periféricas. "Santos trata da geografia da cidadania o que contempla três tipos de direitos: os territoriais, os culturais e o direito ao entorno. A informação também deve ser tomada como um direito legítimo e, claro, os cidadãos devem ter voz nesses espaços de comunicação" (ROVIDA, 2020, p. 61).

No livro *Jornalismo das Periferias: o diálogo social solidário das bordas urbanas*, Rovida (2020) estuda alguns coletivos e/ou veículos jornalísticos da RMSP que cumprem hoje este papel de amplificar as vozes das pessoas periféricas e suprir um direito a informação em territórios não cobertos pela imprensa. Sua pesquisa dedica-se a analisar os seguintes

meios: Nós, mulheres da periferia; Agência Mural de Jornalismo das Periferias; Alma Preta e a produtora Periferia em Movimento, essa última que também é objeto deste TCC.

De acordo com Rovida (2020), periferias e veículos periféricos devem ser tratados no plural pelas suas singularidades. Periferias e veículos deduzem diversidade, já que há muitas formas de ser e estar. Os veículos periféricos tendem a fugir do lugar-comum de retratar apenas pobreza, violência e falta, buscam dar espaço aos sujeitos individuais. Independente da pauta tratada por um veículo periférico, ela será atravessada das características desse Jornalismo que olha a pluralidade das periferias, com uma perspectiva atenta de não excluir ainda mais minorias e não aumentar a ideia de uma periferia hegemônica (ROVIDA, 2020). Apesar de todes serem periferiques, os marcadores sociais [raça, gênero, sexualidade, renda] e até onde fica a sua quebrada alteram a vivência singular destes sujeitos.

1.3.1 Jornalismo da Periferia e da Quebrada

Na matéria "*Após 30 anos de luta, comunicadores das quebradas ainda passam perrengue pra trampar"*[2], publicada em 23 de Agosto de 2019, o Jornalista Thiago Borges definiu o Jornalismo das periferias a partir das seguintes características:

> A produção a partir das periferias; a formação de redes; o enfrentamento ao estereótipo das periferias como carentes ou lugares de ausência; a interação com a audiência e a preocupação com o impacto; a busca pela emancipação das periferias; a incorporação de gírias locais; a preocupação com a formação do leitor (BORGES, 2019, online).

A produção a partir das periferias é a característica mais única e o ponto definidor de um Jornalismo das periferias. A formação de redes traduz a iniciativa de diversos veículos da quebrada que juntos formam uma narrativa periférica, cada um do seu recorte e ponto de vista editorial, dando uma visão mais ampla do território (ROVIDA, 2020). O trabalho em rede também é responsável por apoiar pautas coletivas, como a luta pelas políticas públicas específicas para o financiamento das atividades de comunicação. Na RMSP, existe oficialmente a Rede Jornalistas das Periferias, que atua junto às iniciativas.

"As possibilidades de classificação de enquadramento editorial, variam segundo as decisões sobre o que falar, de que forma narrar e para quem falar" (ROVIDA, 2020, p 114). O

[2]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/apos-30-anos-de-luta-comunicadores-das-quebradas-ainda-passam-perrengue-pra-trampar/ . Acesso Junho de 2023.

que Rovida (2020) encontrou como padrão em sua análise, é sempre a adoção das perspectivas das periferias como enquadramento e a ênfase nas vozes das periferias na escolha de fontes.

A preocupação com o impacto produzido pelas narrativas, busca a emancipação das periferias e a formação do público leitor. De acordo com Borges (2019), os meios da quebrada se apresentam como ferramentas para o exercício do direito à informação, o que também é observado na pesquisa de Rovida (2020).

A partir das políticas editoriais e atuação nos desertos de notícia, "espera-se colocar em prática o direito à comunicação - que inclui o direito social à informação da audiência das periferias e o direito à produção de comunicação pelos Sujeitos Periféricos- que é um elemento político estratégico" (ROVIDA, 2020, p.86).

A efervescência do território periférico onde surgem as iniciativas de comunicação da quebrada tem duas causas relacionadas à produção cultural já tratada e o acesso ao ensino superior que formou muitas das pessoas integrantes dos coletivos de comunicação existentes hoje.

> O movimento [Criação de iniciativas de comunicação periféricas] tem um boom a partir de 2012, com a criação de 36 iniciativas desde então. Esse número coincide com as políticas públicas de acesso ao ensino superior: 63% dos que foram entrevistados presencialmente [Para o *Mapa do Jornalismo Periférico: Passado, presente e futuro*] fizeram faculdade de comunicação, sendo que 62% desse total estudaram com apoio de políticas públicas (como cotas, ProUni, FIES, entre outras). A presença na universidade despertou o questionamento da cobertura da mídia hegemônica sobre as periferias, ao mesmo tempo em que as quebradas eram palco de uma forte efervescência cultural. (BORGES, 2019, online)

Embora, a maioria das pessoas entrevistadas fizeram faculdade de Comunicação, muitas delas de Jornalismo, Rovida (2020) aponta que a maioria se refere às suas produções como iniciativas de comunicação e não de jornalismo. "Na opinião de Gisele Brito, membro da Rede [...] observa-se a hipótese de que o entendimento de jornalismo compartilhado por esses comunicadores circunscreve essa prática à atuação das corporações de mídia" (ROVIDA, 2020, p.85). Assim, a ideia de Jornalismo presente nas periferias é a da mídia hegemônica que não as contempla, a fim de fugir do estereótipo hegemônico e evitar carregar o peso do Jornalismo feito pela imprensa tradicional, as iniciativas preferem se intitular: iniciativas de comunicação.

Apesar da possível contradição dos meios que não se intitulam jornalísticos, Pedro Borges, membro do Alma Preta explica em depoimento à Rovida: "A gente respeita muito os preceitos jornalísticos, a apuração jornalística, ouvimos as pessoas envolvidas, ou os vários lados. Então a gente faz jornalismo[...]" (2020, p.119). Ainda, a precarização da profissão e do

processo de produção jornalístico que acelera a informação, tira repórteres da rua e reduz o processo de checagem "é enfrentada pelos profissionais nesses arranjos alternativos como uma bandeira. **Insiste-se na qualidade da checagem e na tentativa de uma ação nos moldes propostos como ideal do fazer jornalístico** [...]" (ROVIDA, 2020, p.122, grifos da autora).

A ideia do Jornalismo das Periferias, compartilhada por Pedro [Alma Preta] e Thiago [Periferia em Movimento] é criar em rede uma nova esfera pública, dando visibilidade a outras narrativas fora do circuito hegemônico (ROVIDA, 2020). "Por isso, os grupos [midiáticos] que se colocam nessa outra esfera vão construir um outro imaginário, uma outra percepção dessa realidade, uma outra narrativa" (ROVIDA, 2020, p.119). O trabalho em rede, que possibilita uma cobertura ampla das periferias, é visto de maneira promissora por Rovida (2020). Ainda que não tenham a mesma força da imprensa hegemônica, juntos conseguem dar mais vazão às narrativas da quebrada.

Até o momento foram exploradas as características narrativas do Jornalismo das Periferias, mas entende-se que os moldes que um veículo periférico toma também impactam na comunicação entregue, assim como na mídia hegemônica em que a dependência do capital impacta na visão de sociedade entregue em suas comunicações. Portanto, no próximo tópico será abordada brevemente a estrutura destes veículos da Quebrada.

1.3.2 Estrutura dos veículos da Quebrada

"A noção de coletivo, ainda que não exprima um enquadramento profissional ou uma classificação corporativa/empresarial oficial, parece circunscrever uma forma de atuação, de trabalho em grupo que marca a gestão dessas iniciativas" (ROVIDA, 2020, p.87). A ideia de coletivo orienta o modelo de trabalho dos veículos, por mais que não sejam propriamente coletivos. As periferias de São Paulo são compostas de muitos coletivos, especialmente culturais, e a agenda dos veículos periféricos costuma acompanhar a atuação destes. Influenciando na própria forma como se percebem (ROVIDA, 2020).

O trabalho em grupo aparece nos modelos de gestão mais horizontais, onde as decisões são coletivas e cada membro tem suas opiniões igualmente respeitadas. A dificuldade dos desacordos surge principalmente com o crescimento das iniciativas e fica cada vez mais difícil não manter o mínimo de hierarquia (ROVIDA, 2020). O formato coletivo possui o potencial emancipatório carregado pelo trabalho colaborativo. "O Jornalismo das

periferias [...] faz uso do modelo horizontal de trabalho em grupo que tem por finalidade não apenas ser inclusivo e democrático, mas também objetiva propiciar uma certa forma de intervenção na realidade, um certo ativismo" (ROVIDA, 2020, p.100). Visam, ainda, formar os próprios membros menos experientes que integram os veículos.

> O modelo de organização de trabalho apresentado na narrativa evidencia a realidade mais recorrente dos grupos estudados na pesquisa que é marcado pelo improviso financeiro, o acúmulo de tarefas, a atuação voluntária na maior parte do tempo e o laboratório de experimentação que abarca a produção comunicacional e a gestão dos arranjos jornalísticos (ROVIDA, 2020, p. 109)

A dificuldade financeira, comum aos veículos estudados por Rovida (2020), impacta na periodicidade das publicações, como traz a pesquisadora a partir dos resultados do *Mapa do Jornalismo Periférico: Passado, presente e futuro* "33% dos grupos têm periodicidade diária e 36% não tem periodicidade definida; os demais têm estruturas variadas como semanal ou quinzenal, entre outros enquadramentos" (ROVIDA, 2020, p.86). A maioria dos integrantes dos coletivos têm na atividade comunicacional sua segunda atuação,

> Muitos são empregados/funcionários em outros lugares e atuam de forma paralela nos arranjos alternativos, de acordo com a pesquisa da ECA-USP. Assim, os projetos alternativos funcionam como espaços de voluntariado na maior parte dos casos, não sendo fonte de renda secundária e nem principal-salvo algumas exceções como o núcleo fixo da Mural. (ROVIDA, 2020, p.110)

O financiamento é o maior desafio para manutenção das iniciativas, as alternativas encontradas são: editais municipais de financiamento da cultura, vaquinhas online, venda de assinaturas, comercialização de espaços publicitários, prestação de serviços de comunicação a terceiros e também apoio de algumas fundações internacionais como Open Society, Ford, Mama Cash e Brasil Foundation (ROVIDA, 2020). A Rede de Jornalistas das Periferias defende a criação de um financiamento público específico para a comunicação, a fim de manter a pluralidade potencial do Jornalismo. Já que os editais de cultura, comumente usados pelos veículos periféricos, contemplam projetos específicos como uma série de reportagens ou oficinas e não abarcam a característica de produção diária do Jornalismo (ROVIDA, 2020).

1.4 GÊNERO UMA CONSTRUÇÃO SOCIAL E HISTORICAMENTE DEFINIDA E SUA RELAÇÃO COM O JORNALISMO

Berenice Bento (2008) no livro: *O que é transexualidade?*, explora os diversos momentos da história em que sexo e gênero entraram em pauta e traz que nem sempre a concepção foi a mesma tida hoje, a de associar o sexo de nascimento a partir da genitália da

criança com o papel de gênero que ela deveria desempenhar socialmente. Até o século XVII prevalecia a ideia do Isomorfismo, de que existia apenas um sexo e dois gêneros. A explicação era que alguns seres tinham mais calor e por isso os testículos e pênis tiveram força para sair de dentro do corpo, enquanto em outros seres os órgãos sexuais se mantiveram internos, formando vulva e vagina. A vulva seria como a bolsa escrotal e a vagina um pênis invertido. Esta compreensão via como natural as pessoas transacionarem entre gêneros. Apesar de uma teoria ultrapassada biologicamente, esta concepção era um pouco mais flexível com a construção de gênero, ainda que só duas formas fossem possíveis: homem ou mulher.

A partir do século XVII a ideia da formação dos corpos permeia o Dimorfismo. A partir desta perspectiva, biologicamente encontraram-se diferenças entre os corpos, atribuindo uma distinção sexual, levada até a última consequência. Comparava-se a pele, crânio e cada mínimo detalhe que pudesse ser analisado do corpo humano. “Os discursos da diferença sexual darão suporte, a partir de um discurso científico, ao julgamento das condutas” (BENTO, 2008, p. 29). Assim, a ciência passa a ser utilizada para justificar a misoginia, pois se concluiu que a mulher era impotente e menos inteligente pela sua estrutura cranial. Além de tirar a flexibilidade de gêneros existente. A cultura cisgênera misógina [e heterossexual] vem deste lugar onde os padrões do que é certo pelo sexo biológico começam a ser criados.

> Por muito tempo a reivindicação das pessoas transexuais em realizar as cirurgias de transgenitação foi interpretada como um desejo de ajustar o corpo para que pudesse ter uma unidade entre gênero e sexualidade. A mulher transexual demandaria uma vagina para que pudesse receber o pênis e o homem transexual só teria sua masculinidade garantida com a produção de um pênis. Se a mulher é passiva, emotiva, frágil, dependente, e se o homem é ativo, racional, competitivo, logo se esperará que as mulheres e homens transexuais implementem este padrão (BENTO, 2008, p. 21)

Não se diferenciava gênero e sexualidade. A transexualidade era tratada nos padrões heteronormativos e binários. “Quando uma pessoa apresenta o deslocamento entre corpo (sexo) e gênero se entende que existe um rompimento do padrão da normalidade porque se costuma supor o gênero como expressão complementária ao sexo” (GRUBBA, 2020, p.27). Até o século XX, ser transexual era sinônimo de perversão e a identidade transgênera só saiu do campo do perverso quando adentrou o campo médico, passando a ser tratada como um distúrbio, uma patologia “compreendida em um contexto de medicalização do corpo individual e social” (GRUBBA, 2020, p.28). Não era possível ser uma pessoa trans sem um diagnóstico psicológico. “Na condição de doente, o centro acolhe com prazer os habitantes da

margem para melhor excluí-los" (BENTO, 2008, p. 22) – centro nesse sentido são as pessoas dentro das normas de gênero.

Apenas em 2013 a transexualidade deixou de ser considerada um transtorno, pela classificação da Associação psiquiátrica Americana (APA). No entanto, a classificação apenas enquadra pessoas com gênero e sexo biológico discordantes, ou seja, as mulheres e homens trans, sem considerar a existência de pessoas trans não-binárias. De modo que se mantém um padrão binário [homem e mulher] ao entender a transexualidade (GRUBBA, 2020)

> A transexualidade, contudo, ainda figurou como transexualismo na Classificação de Transtornos Mentais e Comportamentos da CID-108 (ICD-10), elaborada pela Organização Mundial de Saúde (OMS/WHO), em 1992, que vigorou até junho de 2018. O "transexualismo" (Código F64.0), foi entendido como um "[...] desejo de viver e ser aceito como um membro do sexo oposto, usualmente acompanhado por uma sensação de desconforto ou de impropriedade de seu próprio sexo anatômico e um desejo de se submeter a tratamento hormonal e cirurgia para tornar seu corpo tão congruente quanto possível com o sexo preferido (GRUBBA, 2020, p. 32)

Além de ser considerada uma doença pela CID, Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados com a Saúde, até 2018, a transexualidade demandava que a pessoa trans tivesse disforias e passasse por terapia hormonal e/ou cirurgias. Isto é, só eram *verdadeiramente* trans aquelus que não estivessem confortáveis com o próprio corpo e decidirem fazer terapia hormonal e intervenções cirúrgicas. Pessoas trans que não desejassem modificações corporais eram desconsideradas. Manteve-se mais uma vez a binaridade, homem e mulher, sem incluir as vivências de pessoas não-binárias. "As definições do que seja um/a homem/mulher de "verdade" se refletem e emergem nas definições do que seja um/a transexual de "verdade" (BENTO, 2008, p.19). Os corpos trans eram tratados dentro do padrão cisgênero e validados apenas quando buscavam uma passabilidade [quando um corpo trans se assemelha a um corpo cis pela sua forma física].

Butler problematiza que "mesmo que os sexos sejam binários em sua morfologia e constituição, não há razão para supor que os gêneros também devam permanecer em número de dois" (BUTLER, 2016, p. 26 apud LIMA, 2020, p.172). Por sua parte, Reis e Pinho (2016) colocam que o próprio entendimento de que há um macho e uma fêmea na espécie humana – saber biológico – é culturalmente localizado. As pessoas intersexo não caracterizam, necessariamente, um defeito ou algo fora da normalidade, são apenas outra biologia. "Não entendemos as divergências das combinações cromossômicas XX e XY como patológicas ou afastadas do sistema reprodutivo humano. Ao contrário, acreditamos que o entendimento delas, enquanto patologias reforçam a normatização, a higienização e a biologização de um sistema binário" (REIS e PINHO, 2016, p.10). A partir desta perspectiva, entende-se que

tanto gênero quanto sexo são construções sociais, que apoiadas na heteronormatividade e na expressão cisgênero, taxam pessoas transgêneras, travestis, intersexos e outres impondo um ideal de normalidade. Normalidade essa dada pela classe hegemônica, uma vez que o grupo LBGTQIAP+ está nas margens.

Para Reis e Pinho (2016), o gênero se torna uma categoria de leitura da sociedade. A identidade de gênero pode ser compreendida por múltiplas possibilidades, entendendo o gênero pela desnaturalização de verdades instituídas. Subverter a lógica dada socialmente [gênero ligado a sexo de forma binária] amplia como são enxergados os corpos diversos (PADILHA e PALMA, 2017).

> Considerando outras possibilidades identitárias em devir, temos a não binaridade, que se destitui de uma posição rompendo com lugares e espaços pré-estabelecidos, bem como com os atributos considerados esperados para o masculino e o feminino (BUTLER, 2008). **Pessoas que se nomeiam como não-binárias ou fluídas caracterizam-se e descaracterizam-se como homens, mulheres, ambos, entre ou nenhum** (PADILHA e PALMA, 2017, p.3, grifos da autora).

A definição proposta por Padilha e Palma (2017), é importante para considerar que as identidades não binárias podem contemplar tanto experiências homem e mulher, entre ou nenhum deles. Esta afirmação é fundamental para não recair em outro padrão social, desta vez aplicado a pessoas não-binárias (NB). É comum a concepção de que corpos NB devem ser andrógenos ou causar confusão quanto ao próprio gênero da pessoa NB a outras pessoas. A performatividade de gênero, se aproximando mais ou menos dos padrões de feminino e masculino ou do andrógeno, nada tem a ver com como alguém se compreende, podendo transitar entre todas as opções em diferentes momentos sem ter sua identidade de gênero invalidada. Da mesma forma, os nomes e/ou pronomes escolhidos pelas pessoas nem sempre são neutros, pessoas NB podem usar pronomes masculinos ou femininos da língua portuguesa e mesmo assim não deixam de ser NB. No entanto, reconhecer esses corpos, e dar espaço a elus, passa pela forma como a linguagem é utilizada. Não ter pronomes e palavras, na norma culta, que identifiquem as pessoas NB nega sua existência. Por esta razão, luta-se para quebrar o binarismo da língua portuguesa.

1.4.1 Estudos de gênero no Jornalismo - interseccionalidades desconsideradas

No artigo *Jornalismo e Estudos de Gênero: e a interseccionalidade, onde está?*, Lago, Kazan e Thamani (2018) mapeiam os trabalhos produzidos sobre gênero dentro do Jornalismo

a partir de 2016. A constatação das autoras é que o tema passou a ser mais abordado na área devido às pesquisas de estudantes da pós-graduação e, em geral, docentes que orientaram os trabalhos não tinham a temática de gênero como especialidade. Usando de base o banco de dados da Associação Brasileira de Pesquisa em Jornalismo, entre 2003 e 2014 apenas cinco trabalhos se referiam aos estudos de gênero (MARTINEZ, LAGO e LAGO, 2016 apud LAGO, KAZAN e THAMANI, 2018). "Lago e Martinez (2017) analisaram trabalhos publicados de 2014 a 2016 nas revistas A2 da área.[...]. Neste levantamento, encontraram 13 artigos que se relacionam com os estudos de gênero." (LAGO, KAZAN e THAMANI, 2018, p.2).

Em cima dos números traçados, as pesquisadoras constataram a quase inexistência de estudos de gênero dentro do campo do Jornalismo.

> Este quase silenciamento tem o efeito de se tornar gritante, se pensarmos que o **Jornalismo é uma poderosa tecnologia de gênero que não apenas representa, mas opera a construção e circulação de representações de grupos**, identidades, valores, com a visibilização de temas e sujeitos e invisibilização de outros. (LAGO, KAZAN e THAMANI, 2018, p.2, grifos da autora).

Nos anos de 2017 e 2018, as pesquisas que são diretamente na temática de gênero ou então tangenciam a área tiveram um "boom" como chamam as autoras, contudo a interseccionalidade ainda é pouco explorada, não considerando outras categorias como raça e classe que atravessam as identidades de gênero nas pesquisas (LAGO, KAZAN e THAMANI, 2018).

A perspectiva interseccional tem raiz no feminismo negro, que percebeu pela primeira vez que as demandas das mulheres negras não eram totalmente contempladas pelo feminismo branco e nem pela luta anti-racista, que a rigor era focada na luta dos homens negros. O termo interseccionalidade foi cunhado em 1991 por Kimberlé Crenshaw no artigo *Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politcs, and Violence agains Woman of Color*, publicado na Stanford Law Review. "Como uma teórica crítica da temática racial e advogada, Crenshaw não foi uma militante nos movimentos sociais, mas estava intimamente familiarizada com o trabalho por justiça social dos movimentos" (AKOTIRENE, 2018, online). Carla Akotirene, autora do livro *Feminismos Plurais: Interseccionalidade* (2018), refletiu que antes do termo ser sistematizado por Crenshaw existia um empenho acadêmico e de articulação ativista das mulheres negras desconsiderado. Assim, defendeu manter a raiz do feminismo negro, não o transformando em feminismo interseccional, que apaga sua origem. No Brasil, o conceito de Amefricanidade proposto em 1980 por Lélia Gonzalez, antecipava a interseccionalidade ao articular o racismo, sexismo e a exploração capitalista.

Akotirene (2018) compreende que cada opressão é produtora de uma avenida identitária, as quais se cruzam e se sobrepõem. A interseccionalidade dá instrumento teórico-metodológico à impossibilidade de separar o racismo, capitalismo e cisheteropatriarcado, produtores destas avenidas.

> A interseccionalidade permite-nos enxergar a colisão das estruturas, a interação simultânea das avenidas identitárias, além do fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras, já que reproduz o racismo. Igualmente, o movimento negro falha pelo caráter machista, oferece ferramentas metodológicas reservadas às experiências apenas do homem negro (AKOTIRENE, 2018, online)

Pelo conceito ter sido criado no marco do feminismo negro, a autora mantém o enfoque na vivência da mulher negra, na intersecção do machismo e racismo. Mas aponta a possibilidade de ampliar a outras categorias.

> De acordo com Kimberlé Crenshaw, a interseccionalidade é, simultaneamente, a maneira sensível de pensar a identidade e sua relação com o poder, não sendo exclusiva para mulheres negras, mesmo porque as mulheres não-negras devem pensar de modo articulado suas experiências identitárias. Ademais, transexuais, travestis e queers estão incorporando a perspectiva da autora (AKOTIRENE, 2018, online)

Seria errado trazer a centralidade do racismo ou do sexismo como mais opressor, já que ambos são adoecedores. Contudo, na perspectiva de Moore (2007 apud AKOTIRENE, 2018), não devemos equiparar o racismo às opressões emergentes como a gordofobia. Pois significa desconsiderar o caráter estrutural do racismo com pelo menos quatro mil anos de existência. A escravatura foi abolida no Brasil há apenas 135 anos, sem que tenha se feito nenhum projeto de reinserção das pessoas escravizadas.

A interseccionalidade ainda impede hierarquias e comparações de identidades. Não se trata de uma somatização, mas sim dos seus atravessamentos.

> Mulher + negra + nordestina + trabalhadora + travesti + gorda, segundo a metodologia de Patrícia Hill Collins, trata-se de visão interseccional inválida ao projeto feminista negro [...]Em vez de somar identidades, analisar **quais condições estruturais atravessam corpos**, quais posições reorientam significados subjetivos desses corpos, por serem experiências modeladas por e durante a interação das estruturas, repetidas vezes colonialistas, estabilizadas pela matriz da opressão, sob a forma de identidade. Por sua vez, a identidade não pode se abster de nenhuma das suas marcações, mesmo que nem todas, contextualmente, estejam explicitadas. (AKOTIRENE, 2018, online, grifos da autora)

As faltas de acesso e opressões sentidas pelos corpos devem ser demonstradas pela interseccionalidade, compreendendo que a misoginia direcionada a uma mulher branca é diferente da direcionada a uma mulher negra. “Afasta-se a perspectiva de hierarquizar

sofrimento, como todo sofrimento está interceptado pelas estruturas."(AKOTIRENE, 2018, online).

A interseccionalidade dá luz às identidades e opressões produzidas pela intersecção delas, então o "que faremos politicamente com a matriz de opressão responsável por produzir diferenças, após enxergá-las como identidades." (AKOTIRENE, 2018, online). Ela não é apenas sobre múltiplas identidades, mas uma lente analítica sobre as interações e seus efeitos político-sociais. (AKOTIRENE, 2018). Para Akotirene, sem o letramento interseccional, tanto o feminismo como o antirracismo reforçam as opressões combatidas pelo outro.

> Kimberlé Crenshaw definiu interseccionalidade como: A conceituação do problema que busca capturar as consequências estruturais e dinâmicas da interação entre dois ou mais eixos da subordinação. **Ela trata especificamente da forma pela qual o racismo, o patriarcalismo, a opressão de classe e outros sistemas discriminatórios criam desigualdades básicas que estruturam as posições relativas de mulheres, raças, etnias, classes e outras.** Além disso, a interseccionalidade trata da forma como ações e políticas específicas geram opressões que fluem ao longo de tais eixos, constituindo aspectos dinâmicos ou ativos do desempoderamento (AKOTIRENE, 2018, online, grifos da autora).

Ampliando a discussão, a matriz de opressão, esboçada por Collins (2017 apud AKOTIRENE, 2018) Akotirene destaca

> O problema da interseccionalidade é que, por meio dela, primeiro se assume que **as identidades se constroem de maneira autônoma**, quer dizer, que minha condição de mulher está separadas da minha condição de negra e que minha condição de negra também está separada da minha condição de lésbica. E de classe. Esse é o primeiro problema. É que há um momento em que, como as autopistas, isso se intersecciona. (AKOTIRENE, 2018, online, grifos da autora).

O problema de entender as identidades autônomas é o mesmo que ocorre quando se pensa na soma de opressões, a partir da interseccionalidade. É preciso ter atenção à matriz da colonização para não classificar a algumas pessoas como mais oprimidas e a outras menos. O racismo, para Akotirene (2018), é a ideologia central na subalternidade humana, ou seja, é um problema estrutural e estruturante que vai além da discriminação pela cor. Nesta perspectiva, homens negros, cis e heterossexuais, apesar de terem uma única identidade marginal, podem ser mais alvo de desigualdades do que, por exemplo, uma mulher branca e lésbica, que tem dois marcadores identitários.

A interseccionalidade nos atenta a uma forma de pensar identidades relacionada ao poder social e político e os acessos a direitos que as intersecções de avenidas identitárias permitem. "Afinal, o conhecimento deve ir além das demarcações fixadas por linhas imaginárias do horizonte e, finalmente, valer-se de raça, classe, território e gênero, mas enlarguecendo-se" (AKOTIRENE, 2018, online).

Assim, a concepção da interseccionalidade também contribui para compreensão da vivência da transexualidade. A pessoa trans tem sua experiência e seu corpo excluídos pela cisgeneridade e, a esta condição, se agregam outras como a cor da pele, a posição social e geográfica. O território é mais um marcador de corpos, pois muitas das pessoas trans são moradoras da periferia. Portanto, podem interseccionar-se as questões de ser periférique e conviver com maiores índices de violência, menor escolaridade, menores salários, menos oportunidades no mercado de trabalho e rejeição familiar.

1.5 JORNALISMO E LINGUAGEM

A atividade jornalística de massa da segunda metade do século XIX é bastante influenciada pelo positivismo e pela metodologia científica. Apesar de não ser uma ciência exata e sim uma forma de conhecimento singular, com seu método próprio de produção, como já tratamos. Muitos veículos hoje já entendem que essa objetividade pragmática não é possível (OLIVEIRA, 2011). O Manual Geral da redação da Folha de São Paulo, por exemplo, diz que "Não existe objetividade em jornalismo. Ao redigir um texto e editá-lo, o jornalista toma uma série de decisões que são em larga medida subjetivas, influenciadas por posições pessoais, hábitos e emoções" (FOLHA DE SÃO PAULO, 1987, p. 34 apud OLIVEIRA, 2011, p. 2).

Entre as decisões subjetivas tomadas pelo Jornalismo está a linguagem, o arranjo de palavras escolhidas e o uso feito da língua portuguesa. O modo como expressa um fato. Sendo a língua criada e transformada por pessoas – pessoas estas carregadas de subjetividade e preconceitos –, as palavras tendem a levar consigo as mesmas questões. Entre tantas palavras possíveis, há escolhas e construções que reforçam estereótipos e violentam corpos pelo seu uso. Por mais que uma pessoa jornalista não pretenda conscientemente ser racista, ao expôr na mídia a palavra denegrir ela o faz. Isso porque denegrir pressupõe algo negativo, atingir a imagem de alguém, mas a raiz da palavra vem de tornar-se negro. Assim, tornar-se negro passa a ser compreendido como negativo devido à linguagem.

Para além das palavras, o ato de transmitir notícias permite a aquisição de conhecimento concreto e também de uma dimensão simbólica deste conhecimento. Para isso, o Jornalismo usa da linguagem como ferramenta que agrega no campo do símbolo. O sentido de uma frase é expresso por meio de representações, o que se entende dela. O movimento de interpretação do texto pressupõe, além da leitura objetiva dos fatos, processos intersubjetivos,

da consciência individual leitora e de natureza linguística e extralinguística [que não pertence ao sistema da língua]. “É do delicado equilíbrio entre o que o jornalista pretende como sentido (sua intenção) em sua notícia ou reportagem e o que o seu receptor confirma (ou não) que as significações se realizam” (MOTTA, 2004, p. 119).

Em toda comunicação, a pessoa emissora transmite parte da informação de modo explícito e outra de modo implícito. O mesmo ocorre com a pessoa destinatária, que interpreta pelo sentido literal da mensagem e também pelo implícito sugerido no enunciado, além de acrescentar suas próprias perspectivas (MOTTA, 2004). “O processo de comunicação jornalística traz, de maneira manifesta ou latente, elementos desses dois níveis [as funções da linguagem de: transmitir informações e repassar sentimentos] do processo comunicativo, embora, na prática, eles sejam muito difíceis de se diferenciar” (MOTTA, 2004, p.119-120).

De acordo com Motta (2004), tradicionalmente o Jornalismo busca a objetividade, aumentar a eficiência da sua comunicação, mas isso não impede uma interpretação subjetiva ou poética. Tendo explícita as duas funções da linguagem apresentadas pelo autor, de transmitir informações e repassar sentimentos, não podemos negar que as palavras carregam em si sentidos que provocam sentimentos. Mesmo que quem produza a comunicação jornalística não esteja consciente deste processo. A comunicação produzida por elu nunca será 100% objetiva e se produzirá a partir de um recorte e das implicações profissionais e pessoais a que é submetida.

A dimensão simbólica do conhecimento, produzida via linguagem na matéria jornalística pode ser violenta, enquanto carrega preconceitos e discriminações. O exemplo do racismo na palavra denegrir entra neste caso, enquanto uma violência simbólica. A violência simbólica proposta por Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 2010 apud SILVA e MORAES, 2019) é entendida como uma violência invisível, em que o ato violento é legitimado por instituições sociais. O conceito é definido “pelas relações de poder que se formam entre indivíduos (e/ou instituições), que se situam em sistemas/estruturas de poder que se tornam instrumentos para ajudar a assegurar que uma classe domine outra” (SILVA e OLIVEIRA, 2017, p. 162).

Sendo a mídia hegemônica reprodutora de preceitos de uma classe dominante e ativa no processo de construção de narrativas via linguagem, é possível entender que o Jornalismo pode se tornar um instrumento de dominação de classes e reprodução de violências. “O poder simbólico (BOURDIEU, 2010 apud SILVA e MORAES, 2019) do Jornalismo é uma das redes por onde se tecem os fios de sentidos que em última instância alimentam os altos índices de feminicídio e o genocídio das populações negras e indígenas no país” (MORAES e SILVAS, 2019, p.116).

A esta constatação, acrescenta-se que o Brasil, pelo 13º ano consecutivo, é o país que mais mata pessoas transexuais no Mundo, segundo o levantamento de 2022 da Transgender Europe (TGEU), centro que monitora dados globalmente levantados por instituições trans e LGBTQIAP+. Diante desta realidade, de acordo com Assis, Ayres e Freire (2021) a mídia hegemônica se posiciona a partir da exclusão, do silenciamento. “O apagamento de práticas de violência contra indivíduos que se identificam com a comunidade LGBTTQ+, ou das suas demandas, em um veículo de comunicação, acaba sendo um segundo tipo de violência” (2021, p.11).

Para quebrar o ciclo da objetividade violenta do Jornalismo, Silva e Moraes (2019) propõem um Jornalismo subjetivo. Ele não exclui o caráter objetivo da atividade no sentido de atuar em busca de enunciados verdadeiros e trabalhar com fatos. A subjetividade proposta se situa na necessidade de observar posições de classe, gênero, geográficas, raciais e grupais dos jornalistas (SILVA e MORAES, 2019). Conforme as autoras, Jornalismo objetivo e o de subjetividade se distinguem:

> Na obrigatoriedade de levar em conta a estrutura social circundante; na procura de um olhar miúdo para entender como essas questões se traduzem nas pessoas, em como são devolvidas ao mundo; na fissura de representações previamente dadas; finalmente em uma autocrítica do próprio campo assentado em bases positivistas e também que privilegia narrar a partir de um enquadramento espectacular e/ou exotificante (SILVA e MORAES, 2019, p. 119).

A proposta das autoras é questionar, compreender o significado implícito dos enunciados e, mesmo que seja impossível dar conta de toda interpretação que possa ser feita pelo leitor, entender que a narrativa construída parte de um ambiente profissional e de mundo, de representações institucionalizadas que não contemplam a diversidade de histórias e corpos a serem retratados pela imprensa. “A subjetividade não pode ser entendida como algo meramente interno, pessoal, do campo da vida privada- a subjetividade é também formada por um ambiente histórico dado, objetivo” (SILVA e MORAES , 2019, p. 120). A prática subjetiva rompe com uma apreensão da realidade a partir do espetacular, vai em busca do banal, o que não é evidente e nem exótico (SILVA e MORAES, 2019).

A partir deste contexto, entende-se o Jornalismo como uma forma de conhecimento importante à democracia, que pode ser reprodutor de violências e que é um discurso formado pelo uso da linguagem e sua narrativa composta por escolhas subjetivas de quem o produz. Após percorrer estas concepções chega-se ao cerne desta pesquisa: o uso da Linguagem Neutra em Gênero pelo Jornalismo, entendendo que o uso do português culto exclui a

existência de pessoas trans não-binárias e torna-se um fator de violência simbólica a este grupo.

1.5.1 Jornalismo e Linguagem neutra em gênero

Pessotto (2019) em seu artigo *Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela língua(gem) inclusiva*, explora gramaticalmente a linguagem neutra em gênero e serve como suporte para a reflexão a respeito do seu uso.

Muitos linguistas assumem que, na língua portuguesa, o gênero masculino é neutro, generalizante e não marcado, enquanto o feminino seria marcado e específico (PESSOTTO, 2019). Essa ideia embasa, por exemplo, a decisão de usar o pronome "todos" para se referir a um grupo de pessoas composto por mais de um gênero. Por outro lado, a proposta do uso do neutro, apoia-se na compreensão de que usar o masculino como generalizante constrói um discurso sexista histórico-socialmente (PESSOTTO, 2019).

A proposta da Linguagem Neutra em Gênero tem o intuito de lidar com essa questão da estrutura da língua portuguesa que é misógina e transfóbica ao generalizar o masculino, e não contemplar todos os corpos. Corpos de pessoas trans não-binárias são feridos ao não se identificarem em um uso do português que contempla apenas pessoas que se identificam como homens ou mulheres. A Linguagem Neutra em Gênero, presente no espectro da linguagem inclusiva, busca criar um gênero neutro, que se refere a pessoas não-binárias ou até mesmo grupos e outros plurais que na norma culta são tratados no masculino, mesmo que formados em maioria por mulheres.

O uso da Linguagem Neutra surge de uma desconstrução de gênero, do entendimento de que há mais possibilidades de ser e estar no mundo, para além de homens e mulheres (RODRÍGUEZ, PEREIRA e BENDER, 2020). Seu uso e criação é parte de uma luta da população LGBTQIAP+ por usos da linguagem menos violentos simbolicamente.

> Se, durante muito tempo, se entendeu a discriminação de gênero no contexto binário, sendo a discriminação das mulheres dos espaços de poder, hoje em dia, torna-se necessário considerar a discriminação que sofrem outras categorias vinculadas à "identidade de gênero", como interssexuais, trangêneros e/ou transexuais, assim como travestis, drag queens, e outros, que clamam por autonomia. Assim, a crítica efetuada às normas de gênero se situa primordialmente no fato de que as vidas humanas devem ser guiadas pela maximização da possibilidade de viver, minimizando-se a violência e morte social [dada também pela linguagem] ou real dos corpos (BUTLER, 2004, p. 2-7).

“A marcação de gênero gramatical é inescapável: todo substantivo no PB [Português brasileiro] expressa gênero obrigatoriamente, assim como expressa número, mas com estratégias de marcação variadas” (PESSOTTO, 2019, p.162). Mesmo marcando gênero nem todos os substantivos se referem a seres humanos, então essa marcação não é sempre problemática. Rocha (1982 apud PESSOTTO, 2019, p.165) explica que “95,5% dos substantivos se referem a seres não-sexuados. Os 4,5% que se referem a seres sexuados nem todos recebem marca morfológica de gênero, com vários exemplos como ‘criança’, ‘testemunha’, ‘mulher’”. Ainda é importante distinguir que entre os seres sexuados existem substantivos que se referem a animais. Assim, a demanda de uma Linguagem Neutra em Gênero não é retirar toda a marcação de gênero da língua portuguesa, ela se preocupa com a marcação de gênero ao se referir a pessoas, seres humanos.

Esta reivindicação é principalmente da população trans não-binária, que “não se sente representada na língua portuguesa por essas limitadas condições, e por isso promove uma linguagem neutra, que retira as marcas de gênero” (MOKWA, 2019, online apud RODRÍGUEZ, PEREIRA e BENDER, 2020, p.137). A Linguagem Neutra em Gênero é uma das formas de enfrentar os paradigmas de gênero e comportamentos atrelados a ele, questionar e subverter o sistema binário de classificação de corpos.

> Tendo em vista tanto os aspectos sociais, históricos e políticos, referentes à questão de gênero no Brasil, quanto os linguísticos, se faz necessária uma análise da linguagem não-binária (LN-B) ou neutra, não só como uma verificação puramente gramatical, mas sim como uma nova alternativa para uma língua binária e classificadora, visando a exclusão da marcação de gênero para palavras relacionadas a pessoas (MOKWA, 2019, online)

A Linguagem Neutra em Gênero surge da demanda de inclusão de pessoas trans não binárias, carregando aspectos políticos e sociais (MOKWA, 2019). “Quando se começou a discutir a utilização de uma linguagem não sexista e não opressora, utilizava-se a letra X ou o símbolo @ para neutralizar, por assim dizer, algumas palavras que oficialmente na língua portuguesa tinham gênero” (RODRÍGUEZ PEREIRA e BENDER, 2020, p.137). Entretanto, essas alternativas são desencorajadas pela comunidade LGBTQIAP+, pois excluem as pessoas com deficiência e disléxicas, já que não são fonemas presentes no português brasileiro o que impede a leitura por leitores de tela usado por pessoas com deficiência visual e dislexiques.

Pessotto (2019) apresenta todas as possibilidades encontradas por ela durante a pesquisa sobre linguagem neutra em gênero no português brasileiro (PB) e discute do ponto

de vista linguístico-gramatical. Nesse sentido, a autora descarta o uso de X e @ como possibilidades de neutralização da língua, pois, o @ sequer é uma letra do alfabeto e corresponde a um fonema no PB. Já "a letra <x> corresponde a alguns fonemas como /z/ ('exemplo'); / / ('xale'); /s/ ('paz'); /ks/ ('tóxico'), a depender da posição em que se encontra na sílaba. (PESSOTTO, 2019, p. 170)." Contudo, ao formar encontro de duas consoantes na mesma sílaba, sem uma vogal, não atende às regras fonéticas da língua, isto é, não é possível de se pronunciar (PESSOTTO, 2019).

Ambas as alternativas surgiram na internet e ainda são usadas. Mesmo que não sejam ideais, fazem parte de um movimento de pessoas que estão de alguma forma questionando a binaridade de gênero da língua portuguesa. Mokwa (2019) ao realizar a pesquisa: *O papel e a função da linguagem não binária ou neutra no contexto das redes online*, constatou que um dos grupos, formados pela pesquisadora para coleta de dados, prefere artifícios como X e @, indicando que as substituições ainda são confusas, mas não incompreensíveis. Dado o contexto online, faz sentido o uso de @ e X por pessoas sem deficiência quando percebemos que elus não tem dificuldade de assimilação do texto escrito e é justamente esse o meio, um texto escrito que permite uma maior flexibilidade de adaptações ainda que não fonéticas.

"Tendo o sistema alfabético se desenvolvido de modo a se aproximar da língua oral, é natural que aprendamos a escrever e ler "procurando" correspondência entre a organização de sinais visuais (as letras) e os sinais sonoros que já conhecemos (os sons da língua)" (PESSOTTO, 2019, p. 170). Pessotto (2019) também destaca a importância da fala nas mudanças da língua. As alterações na língua são incorporadas socialmente para, então, serem ajustadas gramaticalmente ou inseridas no dicionário. Assim, a busca será por alternativas fonéticas.

Vale destacar que a mudança proposta destina-se às palavras com desinência de gênero, ou seja, as palavras que possam ser trocadas do feminino para o masculino. "Por exemplo, as palavras mesa, livro e cadeira não podem ser escritas como *meso, *livra e *cadeiro" (ROCHA LIMA, 2000 apud MOKWA, 2019, online).

Mokwa (2019) apresenta três sistemas de Linguagem Neutra usados, vistos no Quadro 1 produzido pela autora.

Organizados em um quadro, estes sistemas podem dar a impressão de um padrão fechado, no entanto, podem sofrer variações com o uso, pois não são uma norma-culta da língua. "Essa linguagem ainda é passível de alterações condizentes a escolhas pessoais do falante/usuário" (MOKWA, 2019, online). As alterações desta linguagem são feitas nos substantivos, adjetivos, pronomes e artigos, mantendo-se fiel à semântica do PB, preservando

os significados, mesmo que a estrutura morfossintática e fonética não seja mantida (MOKWA, 2019).

Quadro 1 - Sistemas de LNG propostos por Mokwa

Norma Culta	**Sistema ILU**	**Sistema ELU**	**Sistema EL**
Ele/ela	Ilu	Elu	El
Dele/dela	Dilu	Delu	Del
Meu/minha	Mi/Minhe	Mi/Minhe	Mi/Minhe
Seu/sua	Su/Sue	Su/Sue	Su/Sue
Aquele/aquela	Aquelu	Aquelu	Aquel
O/a	Le	Le	Le

Fonte: MOKA (2019, online) adaptado pela autora (2023)

Sem classificar em nenhum destes três sistemas, Pessotto (2019) discorre sobre a alternativa vista como mais viável, o uso do “e” no lugar dos artigos “a” e “o”. Já que a letra “e” é uma vogal e pode formar o núcleo da sílaba e compor uma palavra neutra. “No entanto, a solução não é tão simples. Muitas palavras não seriam contempladas por essa estratégia, pois a marcação de gênero varia para além da aparente oposição ‘-o’ vs. ‘-a’.“ (PESSOTTO, 2019, p. 171). Palavras como médico/médica, precisam do dígrafo <qu> para corresponder à pronúncia, ficando médique. Em casos de oposição de pronomes fônicos como ‘avó-avô’ é preciso pensar em outra estratégia.

Além das neutralizações por flexão, em que se substitui um artigo pelo “e”, como já visto. Algumas possibilidades adotam palavras naturalmente neutras para evitar o uso dos pronomes com gênero, chamada de linguagem impessoal. Por exemplo, na frase “Todas as pessoas presentes aplaudiram o show”, “pessoas” é naturalmente um substantivo neutro, já que não tem desinência de gênero. Essa mesma afirmação, seguindo a norma culta, poderia ser: todos os presentes aplaudiram o show, deduzindo que por ser uma grande plateia não é possível identificar o gênero de todes, e ainda que haja mais um gênero, o masculino é usado como generalizante. Flexionando com a vogal e a frase ficaria: “Todes es presentes aplaudiram o show”. Também é possível criar uma frase, mesclando as estratégias: “Todes que estavam presentes aplaudiram o show”. Nesse último caso se usa o substantivo “Todos(a)” flexionado, mas evita-se a flexão de os(as).

As estratégias ainda são inconclusivas. Não existe um sistema que funcione sozinho sempre e, mesmo que outras línguas estejam mais avançadas na construção de um gênero neutro, McConnell-Ginett (2014 apud PESSOTTO, 2019, p. 175) explica que “estratégias de neutralização de gênero que servem para uma língua, dificilmente servem para outras, daí o problema de se “importar” as estratégias”.

Todavia, a construção de uma Linguagem Neutra em Gênero nunca será apenas gramatical, ela surge na comunidade LGBTQIAP+, e também é uma reivindicação feminista, por entender que o português da norma padrão é sexista, e desenvolve-se no português coloquial. A Linguagem Neutra em Gênero representa uma população trans NB e é imprescindível entendermos que faz também parte desta identidade, não se desvincula de um contexto sociocultural da comunidade.

2 REFERENCIAL METODOLÓGICO

O uso da linguagem neutra em gênero ainda é exceção nos veículos jornalísticos e, habitualmente quando é utilizada, aparece nas mídias contra-hegemônicas e em pautas relacionadas à comunidade LGBTQIAP+. A presença de uma produtora de Jornalismo da Quebrada que se propõe a manter todo o seu conteúdo em linguagem neutra em gênero delimita o campo deste Trabalho de Conclusão de Curso.

A pesquisa procura responder à: **Como a produtora de Jornalismo Periferia em Movimento (PEM) adota a linguagem neutra em gênero em suas matérias jornalísticas?** Para tanto, traça a trajetória da PEM até o uso da LNG nos conteúdos, discute os impactos da LNG em todo o processo produtivo do veículo, entendendo quais processos consideram ou não o uso da LNG e busca mostrar o caminho que pode ser trilhado por outros veículos de comunicação.

2.1 OBJETIVOS DE PESQUISA

Ao conceber o projeto de pesquisa tínhamos como hipótese que a produtora estava próxima das pautas LGBTQIAP+, por ter no seu escopo de trabalho a editoria Gênero e Sexualidade, o que poderia facilitar o uso da LNG. Já que a imprensa usualmente usa a LNG em temáticas deste universo. Também considerou-se que a presença de pessoas trans na equipe acelerou o processo de adoção da LNG. Partindo deste contexto, o objetivo geral desta pesquisa é: **Compreender como a linguagem neutra em gênero é utilizada pela equipe da PEM na produção de suas matérias.**

Os objetivos específicos deste trabalho são:

1. Realizar pesquisa bibliográfica a respeito do Jornalismo enquanto gênero discursivo, da linguagem e do contexto da transexualidade no Brasil como embasamento;
2. Construir um texto-perfil da estrutura, composição da equipe e formação do meio comunicacional; entendendo que a estrutura organizacional e humana do veículo influenciam nas narrativas construídas;
3. Compreender como foi o processo de implantação da Linguagem neutra em gênero na PEM;

4. Entender em que etapas da produção noticiosa está presente a preocupação com a linguagem neutra em gênero dentro do veículo;
5. Pontuar quais estratégias gramaticais de neutralização de gênero são mais comumente usadas pela PEM.
6. Refletir sobre a aplicabilidade das estratégias utilizadas pela equipe da PEM no uso da Linguagem Neutra em Gênero em outros veículos jornalísticos.

2.2 ESTUDO DE CASO ÚNICO

Esta pesquisa é um estudo de caso único, centrando-se no trabalho desenvolvido pelo o meio jornalístico, **produtora Periferia em Movimento, que desde o ano de 2009 produz matérias jornalísticas nas periferias da cidade de São Paulo**. Entende-se que estudar a Linguagem Neutra em Gênero no Jornalismo implica levar em conta um contexto da realidade. Yin (2001), ao definir estudo de caso, explica que este "Investiga um fenômeno contemporâneo dentro de seu contexto da vida real, especialmente quando os limites entre o fenômeno e o contexto não estão claramente definidos" (2001, p.23). Isto é, o estudo de caso se torna uma possibilidade quando lidar com o contexto é pertinente ao fenômeno investigado no estudo.

"A pesquisa de estudo de caso pode incluir tanto estudos de caso único quanto de casos múltiplos." (YIN, 2001, p.23). A escolha pela estratégia de caso único ou múltiplo demanda de quem pesquisa a percepção de qual será mais útil a responder o problema de pesquisa levantado. Pela classificação de Martino (2018), existem duas opções que levam a escolha de estudo de caso único: quando o objeto de análise é representativo de uma situação ou é incomum. A escolha pelo estudo da PEM, enquadra-se no segundo caso. Pela aplicação da Linguagem Neutra em Gênero no Jornalismo ser algo incomum, um veículo de mídia que usa essa estratégia em toda a sua comunicação também é um caso incomum.

> Situações particulares podem ser reveladoras, ou mesmo indicar caminhos diferentes para atividades conhecidas. Neste aspecto, a particularidade do caso o torna interessante. Ele não é representativo e suas características não serão encontradas em outros. No entanto, é exatamente isso que o torna relevante para estudo: verificar como é possível se diferenciar de todos os demais (MARTINO, 2018, p. 206).

Um estudo de caso igualmente deduz conhecer o conjunto de aspectos do caso, dos superficiais e disponíveis até os que serão revelados na pesquisa e justificam esse trabalho (MARTINO, 2018). Como um exemplo de aspectos visíveis na PEM estão: a presença de três pessoas trans na equipe e algumas estratégias de neutralização da língua usadas pelo produto

abordadas no editorial *Linguagem neutra no jornalismo? Estamos dispostes!* (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2021).

Por fim, "o estudo de caso é um procedimento metodológico que pode utilizar vários métodos para obter informações- entrevistas, grupos focais, observações, análise de documentos e qualquer outra estratégia" (MARTINO, 2018, p.207). Como apontam Martino (2018) e Yin (2001), o estudo de caso é uma forma de delimitar o objeto e de entender os aspectos a serem tratados, mas não deve ser confundido com ferramentas de coletas de dados ou análise. A metodologia aplicada foi o Newsmaking, apoiado nas ferramentas de entrevistas e observação.

2.3 O *NEWSMAKING*

O newsmaking é a metodologia que olha para o modo de fazer notícia. "A preocupação central do newsmaking são as articulações, conexões e relações existentes entre a cultura profissional dos jornalistas, a organização do trabalho e dos processos produtivos" (VIZEU, 2007, p.223). Ele responde questões de pesquisa de como e por quê. Este trabalho foca no como, afinal busca-se destrinchar a implantação e uso da linguagem neutra na PEM, o como fizeram. Entretanto, buscamos pincelar um pouco do porquê, visto que é uma escolha que difere do feito pelos demais veículos de comunicação e apresenta um contexto sócio-cultural específico.

De modo geral, as pesquisas de newsmaking têm em comum a observação participante e a realização de entrevistas com base no referencial teórico mobilizado, tendo em vista os objetivos a serem alcançados (VIZEU, 2007). Esse caminho tradicional também foi o seguido nesta pesquisa, mas sem a rigidez proposta por Vizeu (2007), pois para o autor as entrevistas são feitas após observação no ambiente de trabalho dos participantes. Adotamos aqui entrevistas tanto pré, como pós observação e algumas feitas em outros espaços que não a sede da PEM. Diversas entrevistas ocorreram de forma remota, em que as pessoas entrevistadas estavam em suas casas ou em espaços públicos. As duas primeiras entrevistas remotas, antes do trabalho de campo presencial, tiveram o objetivo de sanar dúvidas iniciais e servir como aproximação com Thiago Borges e Aline Rodrigues, pessoas co-fundadores da Periferia em Movimento, e Vitori Jumapili, produtore audiovisual na PEM que formou dupla com Aline no projeto de implementação da LNG. Além de alinhar com elus o trabalho de campo, visto que a comunicação assíncrona foi difícil.

2.3.1 Ferramentas de coleta de dados

Como instrumento para a coleta de dados, aplicou-se a entrevista semi-estruturada e a observação participante. Todas as entrevistas tiveram os áudios gravados pelo celular. A entrevista foi usada pelo objetivo de compreender a experiência das pessoas em relação ao uso da LNG na PEM e refazer a trajetória de construção das matérias. Já a observação permitiu coletar dados de situações reais, no momento em que aconteciam.

No projeto desta pesquisa estava previsto como ferramenta o uso de questionário de perguntas para uma coleta ampla e inicial com toda a equipe da PEM. O questionário foi construído e enviado, contudo, não teve nenhuma resposta ao longo dos 15 dias em que esteve disponível. Desse modo, as perguntas do questionário foram incorporadas ao roteiro das entrevistas. O modelo de entrevista usado foi a semiaberta ou semiestruturada (MARTINO, 2008), que se caracteriza por um roteiro de perguntas a ser seguido, mas sem a rigidez do questionário, abrindo espaço para as pessoas entrevistadas acrescentarem tópicos paralelos sem perder o foco no objetivo do encontro. A principal vantagem desse método em relação às entrevistas estruturadas é a maior riqueza de informações.

A observação foi feita seguindo o modelo de observação participante. “Neste tipo o pesquisador participa das atividades realizadas pelo grupo, faz parte da situação e, na medida do possível, compartilha vivências e experiências. [...] A ideia é compreender a situação ao mesmo tempo em que esta atua e conversa com outros participantes” (MARTINO, 2008, p.181). Para Martino (2008) a observação não se trata de olhar, mas de ver situações relacionadas ao objetivo da pesquisa. Neste caso, durante a observação estive atenta no uso da LNG pela equipe da PEM e como ela intercede na produção de notícias.

2.4 AMOSTRA

A amostra usada para a realização deste trabalho corresponde a três momentos de observação de campo e entrevistas (presenciais e remotas) feitas com os integrantes e duas ex-repórteres da PEM, e usa de apoio na análise feita, matérias jornalísticas citadas pelus entrevistades e algumas pré-selecionadas por nós. O processo de produção – resultado da abordagem do newsmaking – é o foco central da análise, sendo que as matérias ficam subordinadas, servindo como exemplos.

Os primeiros contatos com membros da PEM foram feitos em 12 de julho de 2022, no intuito de apresentar o projeto de TCC e entender a viabilidade do estudo de caso com o

veículo. Todos os contatos estavam disponíveis na internet, não tive intermédio de pessoas em comum que já conhecessem a PEM e pudessem facilitar o contato. No mesmo dia, mandei mensagem para a Aline Rodrigues, Gestora de redes e narrativas, pelo Instagram; para a Paula Sant´Ana, repórter, pelo Linkedin e por e-mail para o Thiago Borges, Gestor de conteúdos. Paula me respondeu no mesmo dia e ficou de repassar a mensagem a Thiago e Aline. Contudo, antes que Paula retornasse, Thiago respondeu ao meu e-mail, no dia 14 de julho de 2022, e seguimos o diálogo por ali. Marcamos uma primeira entrevista remota para o dia 22 de julho de 2022. No dia 27 de julho de 2022 a PEM sofreu o furto do espaço físico, a partir dali devido às demandas decorrentes da perda de materiais o contato ficou mais difícil.

A primeira entrevista foi feita remotamente via *Google Meet*, tinha como objetivo apresentar a proposta da pesquisa, conhecer as fontes e combinar uma possível visita à PEM, as entrevistas a serem feitas e o envio do formulário de questões para a equipe. O planejamento da pesquisa previa o envio do formulário na primeira semana de agosto de 2022; Realizar as entrevistas já embasada pelas respostas do formulário na segunda e terceira semana de agosto de 2022; E na quarta semana estar com a equipe presencialmente a fim de acompanhar a produção de uma matéria, uma reunião de pauta e um dia de trabalho de produção audiovisual. O envio do formulário foi feito no dia 02 de agosto de 2022. Ao longo desse período, mantive e contato com a Aline pelo WhatsApp, também a fim de pegar outros contatos da equipe e reforçar a resposta ao formulário. Foram realizadas duas entrevistas remotas antes do trabalho de campo presencial. A primeira, no dia 22 de julho de 2022, com Vitori Jumapili, produtore audiovisual e Aline. Já a segunda teve a presença de Thiago e Aline, no dia 14 de setembro de 2022.

Nessa ocasião propus não usarmos mais o formulário, pois pelas demandas do dia-a-dia a equipe não estava conseguindo respondê-lo. Contar com essa forma de coleta atrasaria ainda mais o planejamento inicial. Combinei de ir a São Paulo na semana seguinte, para acompanhar a reunião geral do dia 20 de setembro de 2022, onde conheceria a todes pessoalmente pela primeira vez. Como até ali não tinha conseguido contatos da equipe, nem marcar outras entrevistas, usei a oportunidade da reunião presencial na PEM para conhecer todes e combinar as observações e entrevistas a serem feitas além de pegar números de celular de algumas pessoas.

Cheguei em São Paulo no dia 18 de setembro de 2022, domingo, pela dificuldade de viajar durante a semana em período de trabalho. No domingo e na segunda posterior não estive em trabalho de campo, mas visitei o Grajaú, região sede da PEM, para entender o

tempo de deslocamento, funcionamento do transporte público até lá e me ambientar com o espaço. Na terça-feira, como combinado, participei da reunião geral tomando notas e depois fizemos uma roda de conversas em que eu fazia uma pergunta ou propunha um tema e todes tinham espaço para responder. Da conversa grupal participaram: Thiago Borges (Gestor de conteúdos), Vênuz Capel (Social Media), Aline Rodrigues (Gestora de redes e narrativas), Rafael Cristiano (Designer), Laís Diogo (Coordenadora cultural) e Raphaella Gomez, namorada de Vênuz, que não faz parte da equipe, mas contribuiu no diálogo. Faziam parte da equipe e não estavam presentes: Pedro Salvador (Coordenador audiovisual), Vitori Jumapili (Produtore audiovisual), Paula Sant´Ana (Repórter) e Gisele Brito (Orientadora editorial).

A rotina de redação da PEM não permitiu uma observação constante, em que eu estivesse por dias seguidos o dia todo na produtora. A equipe trabalha em regime remoto e só vai obrigatoriamente à sede a cada quinzena para as reuniões gerais. Quem esteve mais presente no espaço físico enquanto estive lá foi Thiago. A escolha de momentos para observação participante partiu da própria equipe, após a reunião geral perguntei a cada pessoa sobre as matérias que elus estavam produzindo e se eu poderia acompanhar.

As observações foram registradas em um Diário de Campo. A primeira ocorreu no dia 20 de setembro de 2022, quando acompanhei a reunião geral da PEM. No mesmo dia, o segundo momento de observação aconteceu na apuração da matéria em vídeo: Crianças atípicas: Rede de apoio é decisiva para superar os desafios do desenvolvimento após impacto da Pandemia produzida por Aline, na função de repórter, e Vitori, na função de cinegrafista. O terceiro momento foi no dia 24 de setembro de 2022, quando acompanhei a apuração da matéria em texto: Corre eleitoral: Candidaturas periféricas intensificam campanha para ganhar votos na final produzida pela Paula. Acompanhei primeiro o ato em frente ao Teatro Municipal da candidata Isis Mustafá (UP), em que estávamos apenas Paula e eu. Depois fomos até Itaquera acompanhar o comício do, na época candidato a presidente, Lula (PT) e posteriormente do candidato Douglas Belchior (PT), no mesmo local, estávamos Paula, eu, e Vitori quem fez a cobertura fotográfica e nos encontrou já em Itaquera. Por fim, acompanhei o lançamento do livro da PEM no dia 27 de setembro, que não entra neste trabalho por entendermos que o evento se distancia dos objetivos propostos. O único abordado é o fato do livro ter sido escrito em LNG e impessoal, assim como os demais produtos da PEM.

Para resgatar o processo de produção noticioso na totalidade e ter mais casos e exemplos, retomei a jornada de produção de algumas reportagens de autoria de cada pessoa entrevistada. Matérias por vezes pré-selecionadas por mim ou em outras, indicadas pelas fontes como as mais fáceis ou mais difíceis para aplicar a LN. Também era planejado

participar de uma reunião específica de pauta, contudo, elas ocorrem remotamente e não tive acesso. Ainda assim, acompanhei discussões de pautas durante a reunião geral, tanto sobre matérias em andamento como as sugestões de pautas dadas pela equipe.

Durante o período em São Paulo, entrevistei Vitori Jumapili e Pedro Salvador em uma conversa dupla; Thiago Borges e Vitori também em dupla; Vênuz Capel, Gisele Brito, Thiago e Camila Lima (ex-repórter da PEM) individualmente. Todas as entrevistas presenciais com membros da equipe foram feitas na sede da PEM. Como no período apenas a Paula Sant´ana era repórter fixa, e outras três repórteres haviam recentemente saído da produtora, optei por entrevistá-las, mesmo não sendo mais parte da PEM a fim de agregar mais vivências ao trabalho. Letícia Padilha foi entrevistada por chamada de vídeo em outubro de 2022, período posterior a visita à São Paulo, já Camila Lima nos encontramos pessoalmente no Mais Shopping em Santo Amaro, SP no dia 26 de setembro de 2022, a terceira pessoa não retornou o contato. A única entrevista remota durante a estadia em São Paulo foi com Gisele, pela disponibilidade da entrevistada que preferiu conversar por chamada de vídeo.

Uma das dificuldades do trabalho de campo foi conciliá-lo com a jornada de trabalho de 30h em regime CLT. Ainda que estivesse em São Paulo, os meus dias lá não foram de dedicação exclusiva para o TCC. Acrescento que um dos dias em São Paulo, passei inteiro na Exposec, feira internacional de segurança que acontece anualmente, onde atendi dois clientes da agência de marketing em que trabalhava.

O trabalho de campo presencial ocorreu do dia 20 de setembro de 2022, dia da reunião geral da PEM que acontece quinzenalmente e terminou no dia 27 de setembro 2022, com o evento de lançamento do livro Repórter da Quebrada: Experimentações marginais das práticas jornalísticas. Estive em São Paulo desde o dia 18 de setembro de 2022 e o plano inicial era permanecer até dia 30 de setembro de 2022, sexta-feira. Contudo, perdi subitamente minha avó materna, Maria Elizabete Zequine Marcon, no dia 28 de setembro de 2022 e, por essa razão, adiantei a volta. Havia marcado entrevistas com a Paula, com a Aline Rodrigues e com a Letícia, ex-repórter PEM, as quais desmarquei. A entrevista com a Aline, individualmente, não aconteceu pela disponibilidade da mesma e dificuldade de contato. Tanto com a Paula como com a Letícia fiz entrevistas remotas, respectivamente em 13 de outubro de 2022 e 17 de outubro de 2022.

Quadro 2- Sistematização das entrevistas realizadas

	Entrevistades	Data	Formato
Entrevista 1	Aline Rodrigues e Vitori Jumapili	22/07/2022	Remota
Entrevista 2	Aline Rodrigues e Thiago Borges	14/09/2022	Remota
Entrevista 3	Aline Rodrigues, Laís Diogo, Raphaella Gomez, Rafael Cristiano, Thiago Borges e Vênuz Capel	20/09/2022	Presencial
Entrevista 4	Thiago Borges	20/09/2022	Presencial
Entrevista 5	Thiago Borges e Vitori Jumapili	23/09/2022	Presencial
Entrevista 6	Pedro Salvador e Vitori Jumapili	23/09/2022	Presencial
Entrevista 7	Vênuz Capel	26/09/2022	Presencial
Entrevista 8	Camila Lima	26/09/2022	Presencial
Entrevista 9	Gisele Brito	27/09/2022	Remota
Entrevista 10	Paula Sant´Ana	13/10/2022	Remota
Entrevista 11	Letícia Padilha	17/10/2022	Remota

Quadro produzido pela autora (2023)

2.5 OBJETO DE PESQUISA-PERIFERIA EM MOVIMENTO: PRODUTORA DE JORNALISMO DA QUEBRADA.

A Periferia em Movimento (PEM) surge em 2009, a partir da apresentação do Trabalho de Conclusão de Curso em Jornalismo de Aline Rodrigues da Silva, Sueli dos Reis Carneiro e Thiago de Souza Borges, realizado na Universidade de Santo Amaro, São Paulo. O trabalho é composto por um referencial teórico que levanta questões das periferias, destacando tanto suas faltas de acesso como uma cultura efervescente e, junto dele, uma série de documentários em vídeo. A série de documentários é intitulada *Grajaú na construção da*

paz[3], elaborada a partir de entrevistas feitas com pessoas moradoras do Grajaú e pela cobertura do evento *Pela Paz*, em 21 de maio de 2009.

Após a defesa do TCC, a série de documentários foi o primeiro produto exibido no blog da produtora. A proposta desde o início é de trazer uma narrativa contra-hegemônica que trate a periferia a partir da perspectiva da própria periferia, pois a cobertura feita pela imprensa hegemônica estigmatiza o território e cobre-o de maneira limitada, de acordo com Reis, Silva e Borges (2009). O TCC do trio defendeu a importância da contra-narrativa apresentando a cobertura feita das periferias pela imprensa tradicional:

> O que ela mostra [a imprensa tradicional] é apenas uma parte do todo (RAMOS, PAIVA, 2007 apud REIS, SILVA e BORGES, 2009). Um levantamento realizado entre 2004 e 2006 pelo Centro de Estudos de Segurança e Cidadania (Cesec) da Universidade Cândido Mendes, no Rio de Janeiro, com 60 jornalistas e 30 especialistas em segurança urbana aponta que a maioria dos jornalistas está consciente desse fator (REIS, SILVA e BORGES, 2009, p.43) [...] seus veículos têm grande responsabilidade na caracterização dos territórios populares como espaços exclusivos da violência. Ao mesmo tempo, admite que a população dessas comunidades raramente conta com a cobertura de assuntos não relacionados ao tráfico de drogas e à criminalidade. A cultura, o esporte, a economia e as dificuldades cotidianas enfrentadas pelos moradores desses locais aparecem muito pouco em jornais e revistas, especialmente quando se considera o imenso número de reportagens e notas sobre operações policiais, tiroteios, invasão, execuções, etc (RAMOS, PAIVA, 2007, p. 77 apud REIS, SILVA e BORGES, 2009, p.43).

A PEM foi criada para abordar temas silenciados na cobertura hegemônica, ou seja, assuntos não relacionados apenas ao tráfico de drogas e à criminalidade. A escolha pelo formato audiovisual nas primeiras produções é baseada na pesquisa do PNAD de 2008, que aponta que 95,1% dos lares brasileiros contavam com um aparelho televisivo, assim entendem que seria o melhor formato para difusão da mensagem.

Além dos vídeos, foi criado o blog para a divulgação do projeto e dar vazão aos bastidores e informações que não cabiam no audiovisual e no trabalho escrito. O blog em Wordpress tem o mesmo domínio usado no site da produtora até o momento (2023). No blog, “São levantadas questões gerais como a força de movimentos sociais na periferia, cenas cotidianas dessas regiões e problemas comuns vividos por seus moradores. Também são apontadas outras páginas que tratam de questões sociais e da cena cultural periférica” (REIS, SILVA e BORGES, 2009, p. 50). Na época também foi criada uma conta no Twitter para divulgação de informações. Atualmente além desta rede social a produtora conta com perfis

[3]Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ld1sgo2Y8RE . Acesso em Junho de 2023.

em outras redes sociais: YouTube, Instagram, TikTok, Facebook e distribuição de notícias pelo WhatsApp.

Após a defesa do TCC, não havia a intenção de manter o projeto, contudo, o grupo passou a receber pedidos de divulgação de iniciativas na página e assim, a proposta foi repensada. Quem manteve as atividades e fazem parte da PEM até o momento são Thiago Borges e Aline Rodrigues, a participação de Sueli Carneiro foi limitada ao trabalho durante a graduação. Em entrevista concedida por Thiago Borges e Aline Rodrigues, em 14 de setembro de 2022 de forma remota, Aline explicou que com a produção do documentário: "A gente teve contato com muitas iniciativas, artistas e grupos artísticos. Tendo esse contato muito forte no território, entendemos que não dava para simplesmente desliga lá, desativa o blog" (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 14/09/2022). Quando a PEM foi fundada em 2009 o grupo se considerava um projeto coletivo, e recentemente, a partir de 2019, passou a compreender-se como uma produtora de Jornalismo da Quebrada. Para Thiago essa mudança acontece com o amadurecimento da iniciativa, ao pensar na gestão do veículo.

O projeto de TCC que originou a PEM foi feito com investimento pessoal dos três integrantes. Para manter a PEM, a partir de 2009 tiveram apoio do edital Programa VAI do município de São Paulo que tem a proposta de fomentar iniciativas culturais periféricas, uma das formas comuns de financiamento das mídias periféricas (ROVIDA, 2020). Apesar de ser um veículo de Jornalismo, o grupo conseguiu se adequar ao edital cultural, incluindo na proposta a exibição dos documentários e promoção de debates com a temática de garantia de direitos e identidade periférica. De acordo com Aline (ENTREVISTA, 14/09/2022), embora limitado, este recurso possibilitou o trabalho aos finais de semana no tempo livre da equipe. Assim como em outras iniciativas de Jornalismo periféricas, o financiamento é um desafio para a PEM, afinal os editais contemplam projetos especiais, mas não bancam o fazer diário do Jornalismo (ROVIDA, 2020). Os editais de financiamento público são até o momento parte do sustento da produtora.

O veículo se classifica como Produtora de Jornalismo da Quebrada. Se enquadrar enquanto veículo jornalístico o diferencia de outras iniciativas de comunicação das periferias da RMSP, pois, conforme o levantamento da Rede de Jornalismo (ROVIDA, 2020), a maioria das iniciativas não se classifica como Jornalismo mesmo tendo na equipe pessoas formadas em Jornalismo. **O principal objetivo da PEM é construir uma contra-narrativa formando uma nova esfera pública a partir das periferias.**

E o que a torna objeto desta pesquisa, é o fato da PEM assumir o compromisso de uso da LNG em toda a sua comunicação. Inclui: textos, áudios, vídeos e oficinas que sejam ministradas pela produtora.

3 ANÁLISE - A LINGUAGEM NEUTRA EM GÊNERO NA PEM

Ao pensar neste capítulo de análise, seguiu-se como guia o processo de produção das matérias jornalísticas. Assim, os tópicos desta análise se organizam em quatro grandes blocos: pauta, apuração, produção e pós-produção. Todavia, se contemplam aspectos como um perfil completo da PEM, a fim de apresentar com maior detalhamento o objeto de estudo, seu contexto e explorar a concepção de Jornalismo da Quebrada; O processo de decisão, capacitação da equipe e adoção da LNG antes da publicação do editorial; e o editorial em si, debatendo sua construção e apresentando detalhes das discussões realizadas pela equipe da PEM na incorporação da LNG em suas matérias.

3.1 PERFIL-PERIFERIA EM MOVIMENTO E O JORNALISMO DA QUEBRADA

Conforme mencionado no capítulo 2- Metodológico, a PEM foi criada a partir do TCC de Aline Rodrigues da Silva, Sueli dos Reis Carneiro e Thiago de Souza Borges, realizado na Universidade de Santo Amaro, São Paulo. Fundada em 2009, seguiu as atividades com Thiago e Aline, a partir do blog criado para divulgação de materiais extras do TCC, como imagens e vídeos que não couberam no trabalho final, além dos documentários.

Na roda de conversa feita com parte da equipe [Thiago Borges, Aline Rodrigues, Laís Diogo, Rafael Cristiano, Vênuz Capel e Raphaella Gomez, namorada de Vênuz que não faz parte da equipe, mas contribuiu no diálogo], presencialmente na sede da PEM no dia 20 de setembro de 2022 durante o trabalho de campo, conversamos sobre os valores-notícia que permeiam o Jornalismo feito na PEM, a fim de entender o que caracteriza as pautas e ângulos abordados, Thiago argumenta que,

> A gente tá falando do óbvio, o que tá ali o tempo todo diante dos nossos olhos. Eu não estou ligado nos conceitos do Jornalismo porque a gente já remexeu isso tanto que a gente não se pauta nesses conceitos. Mas eu acho que dessas coisas que estão naturalizadas no cotidiano da Periferia, é normal ser pobre é normal ver pobre revirando lixo, é normal ver um corpo na esquina. Não é normal, isso é algo que foi naturalizado então tem um processo que é de desnaturalizar isso que foi colocado como natural (ENTREVISTA, 20/09/2022).

Quando Thiago afirma que já remexeu tanto os conceitos do Jornalismo que não se aplicam mais, reforça a ideia da "hipótese [levantada por Gisele Brito, membro da Rede] de que o entendimento de jornalismo compartilhado por essus comunicadories [da Rede Jornalistas das Periferias] circunscreve essa prática à atuação das corporações de mídia" (ROVIDA, 2020, p. 85). Os conceitos do Jornalismo, aos quais Thiago se refere, são as teorias e valores-notícia vinculados, para comunicadories periféricues, à academia e ao Jornalismo hegemônico. Apesar de enquadrar suas produções no campo do Jornalismo, a PEM não se vincula ao próprio entendimento de Jornalismo trazido por elus. Apresentando um novo conceito que é a produção da Quebrada pela perspectiva da Periferia em Movimento.

Para Thiago, pautar assuntos que desnaturalizam os problemas da Quebrada é um desafio.

> Sempre lembro da fala de uma professora que eu estava junto num debate com ela e ela falando assim que ela achava engraçado. Naquela época que teve aquele acidente da TAM e teve o caos aéreo, aquela coisa toda das pessoas esperando no aeroporto dormindo no aeroporto. Daí ela estava no ônibus lotado passando em frente ao aeroporto de Congonhas e uma pessoa comentando nossa se vê coitada daquelas pessoas lá dormindo no chão do aeroporto. As pessoas todas espremidas no ônibus e o pessoal com dó. É tão naturalizado que a gente se compadece das pessoas no aeroporto dormindo no chão lá e não se compadece de si próprio, da própria situação. Enfim, por sobrevivência, para conseguir aguentar o tranco, a gente vai se anestesiando também (ENTREVISTA, 20/09/2022).

Um ônibus lotado e longos deslocamentos marcam a construção da individualidade de sujeites periféricues e estão no lugar do "natural", do "comum" e que não é pauta, portanto não entra na ordem do debate público. Da mesma forma, é difícil para pessoas periféricas identificar o que de comum acontece nos seus cotidianos, como, por exemplo, a violência policial, mas não é natural e não deveria ser naturalizada como o exemplo de Thiago, ao falar do ônibus lotado enquanto as pessoas se solidarizaram com o caos aéreo. O Jornalismo da Quebrada, feito pela PEM, contrapõe-se à ideia de naturalizar fatos comuns no cotidiano da periferia, com a intenção de criar uma nova esfera pública (ROVIDA, 2020), isto é dar acesso às periferias a uma nova narrativa sobre si mesmes, que se enxergam, se percebam e vejam suas vivências validadas e suas lutas contempladas no conteúdo do veículo.

Além de cobrir pautas que buscam desnaturalizar a periferia, Rafael Cristiano, designer da PEM, abre outra perspectiva do Jornalismo da Quebrada, o retrato da individualidade das pessoas, imagética e conceitualmente nas narrativas produzidas.

> Começo falando que eu conheci o Jornalismo aqui na PEM, nunca tinha tido contato com isso. Eu sou da área do design gráfico e trabalhei em agência de publicidade e vim parar aqui. Só que entendendo o conceito de quebrada, eu acho que tem uma

> coisa de narrativas. Pensando por exemplo no design, acho importante isso, uma indicação que eu sempre tive é de **priorizar o rosto das pessoas, a figura das pessoas e isso é diferente porque eu estou priorizando de alguma forma a individualidade das pessoas, a história dessas pessoas,** isso visualmente falando mas conceitualmente também. Quando a gente vai ver os textos e as coisas, porque há uma representação da quebrada e da periferia que é uma massificação de uma categoria de gente que não é a realidade. As realidades são diversas, a cada metro quadrado você vai encontrar uma pessoa que pensa diferente, que age diferente, de uma cultura completamente diferente. O número de imigrantes começa a crescer e você vai vendo o rosto das pessoas do lugar mudar. Então talvez tenha um lugar de época que é isso. O Jornalismo tradicional não consegue pegar isso. E quando faz isso é uma história extraordinária, o que saí da ordem e pra gente isso pode ser ordinário, isso pode ser cotidiano, isso pode ser mais tranquilo. Eu posso ver um blog de opiniões de uma pessoa que mora do meu lado ou eu posso conhecer iniciativas dentro do meu bairro que eu não sabia, mas eu olho lá na PEM porque isso não é extraordinário, isso é da ordem do cotidiano na Periferia (RAFAEL CRISTIANO, ENTREVISTA, 20/09/2022, grifos da autora).

As imagens usadas na produtora contrapõem a ideia de periferias massificadas comumente exploradas pela mídia tradicional. Outra característica forte percebida no Jornalismo da Quebrada da PEM é contato e afeto com o território. A Quebrada tem hoje um lugar afetivo de identificação com o território e orgulho de pertencer ao espaço. Ela extrapola o espaço físico e adentra o Jornalismo da PEM. O afeto construído nas quebradas é parte do Jornalismo da quebrada, conforme refletiu Laís Diogo, coordenadora cultural da PEM.

> O Jornalismo da quebrada para mim, o Jornalismo da PEM, eu acho que foi o primeiro acesso que eu tive *putz*…tão falando, olha o meu vizinho é pintor mano, ele faz um grafite muito louco e eu nunca vi isso na televisão. De representatividade mesmo, naquela época que eu conheci a PEM [Laís conheceu a PEM em 2015 e foi trabalhar no veículo em 2017], de eu ver a minha rotina sendo tratada de uma forma diferente para além da violência, para além das faltas né. Ver que o Grajaú é muito grande, tem coisas que acontecem. O jornalismo da quebrada me pegou muito nesse ponto, de me ver sendo representada naquele lugar. Hoje estando na PEM é de poder falar com a minha vizinha, de poder comunicar para as pessoas do meu bairro, de comunicar com a minha mãe, de comunicar com o meu pai. Pra gente que tá na quebrada, que vive a cultura é muito normal. Mas quem tá do lado que tem às vezes outra vivência, sla. É muito diferente uma família que foi criada dentro do samba de uma família que foi criada dentro da Igreja evangélica. Essas duas famílias têm uma visão de quebrada diferente. O Jornalismo da quebrada me mostrou um pouco isso, o quanto eu também enquanto Jornalista de quebrada posso comunicar pra essa família e mostra para além de tudo que ela vê na televisão (ENTREVISTA, 20/09/2022).

Assim como o território se torna afetivo, o Jornalismo da Quebrada igualmente assume uma relação de afeto com e para o território. Laís diz se ver representada pela narrativa da Quebrada e agora, como parte da equipe, pode se comunicar com pessoas do seu próprio bairro, buscando atender a diversas realidades das quebradas. O vínculo com o território é algo presente no Jornalismo da quebrada e na realidade de sujeites periféricos (D´ANDERA, 2013) que tem uma atuação política no espaço. Mas nem toda pessoa que mora

na periferia é sujeite periférique ou tem esse vínculo afetivo com a quebrada, Thiago ressalta essa questão na nossa conversa e afirma que considera toda a equipe da PEM sujeites periféricques.

Na entrevista com Camila, entre muitos temas conversados, surgiu a questão do território aliado ao Jornalismo. Em mais de uma ocasião ela destacou como a PEM a fez viver e conhecer seu próprio território. Camila relata que sua criação sempre teve como foco sair da Quebrada, ir para escolas em outros bairros, ter contato com outras realidades e em diversas ocasiões era a única pessoa negra nos espaços que ocupava.

> Pra mim foi um reencontro, porque, pensa, Camila adolescente não vivenciou os rolês da quebrada. E aí, aos 16, pra frente, eu começo a vivenciar a minha quebrada. E aí, encontro a PEM, que vive a quebrada desde sempre então, ali, pra mim, foi um grande encontro como pessoa, primeiro, falar assim: meu, a Camila adolescente tá tendo um encontro que ela sempre deveria ter tido. A Camila profissional precisa ter a cabeça de que isso aqui é o que ela não viveu. Por que ela não viveu? Ela não viveu porque ela, enfim, teve uma exceção dentro da galera daqui. E aí eu precisava entender duas linguagens que foi a galera que eu vivi fora da periferia e a galera que eu estava vivendo na periferia. Eram... Às vezes eu trazia pensamentos da galera de fora e a gente tinha que fazer o caminho inverso que era, beleza, você trouxe uma vivência que talvez a galera que não é periférica tenha como a gente vai trazer isso pra linguagem periférica? Como que tal pauta, tal ponto de assunto é importante pra galera daqui? Então, eu fazia o caminho inverso. E nesse caminho inverso eu tinha a galera como guia porque às vezes eu, sei lá. Quando eu fui falar sobre... Eu fiz uma matéria para PEM que era sobre o espaço de coworking que tem junto com a Bárbara Paz, a Bárbara Terra e tive que contar como foi essa vivência na pandemia pra eles. A construção de um coworking feito da quebrada pra quebrada. Eu conheci um coworking da galera que não era de quebrada então eu tive que fazer o caminho inverso. E aí eu tive que entrar em contato com a galera que estudou ali é uma galera que sempre viveu o território e eu estava vivendo o meu próprio território agora. Então eu sempre tive que fazer dois caminhos: primeiro era como pensar Camila que não viveu na quebrada e agora como pensar Camila que vive literalmente a quebrada.
> Eu: Você se entende hoje como uma pessoa ativista da quebrada?
> Camila: Eu acho que é muito pretensioso eu falar isso porque não, sabe? É muito diferente, eu vivo no meio termo, no meio do caminho entre os dois e quando eu falo de quebrada eu acho que quem tem essa propriedade sempre, sempre, sempre é quem literalmente vivenciou todos os aspectos da quebrada. Quando eu converso com.
> Eu: Desculpa, mas você vivenciou a falta de acesso? A distância?
> Camila: Sim, mas quando eu falo de vivenciar a quebrada eu não tive, por exemplo, sair da escola e ficar pelo bairro. Que tinha essa falta de acesso no sentido de pegar o ônibus ter que ir pra fora da minha quebrada. Eu tive que conviver com a galera que não tinha a minha realidade durante metade do dia e saia da escola e voltava pra minha realidade. Mas eu não tive, por exemplo, o sair da escola e ir pro centro cultural, entende?
> Eu: Tu não viveu o rolê cultural da quebrada.
> Camila: Isso, você traduziu tudo. Eu vivenciei todas as dificuldades da quebrada sem vivenciar o rolê cultural e toda a possibilidade que a quebrada tinha pra me oferecer. E aí eu vivenciei isso agora de forma consciente e adulta. Você traduziu tudo, é isso que eu tô tentando falar há mais tempo (CAMILA LIMA, ENTREVISTA, 26/09/2022)

Vivenciar a quebrada como uma efervescência cultural foi fundamental no processo de Camila enquanto pessoa e Jornalista, na época em formação na graduação de Jornalismo. O Jornalismo da Quebrada carrega o aspecto de formação das pessoas que compõem a equipe, da mesma forma que o conceito de Jornalismo periférico de Rovida (2020), seja em aspectos técnicos, melhorando habilidades com texto, fotos e vídeo, ou então ao proporcionar vivências no território pela apuração das matérias, como o exemplo da Camila.

Os programas de formação proporcionados pela PEM, oficinas e articulação com o território reforçam esse pilar e dão mais uma característica ao Jornalismo da quebrada da PEM, o caráter educacional. **O Jornalismo da PEM ultrapassa a produção de conteúdo, pois em espaços de faltas diversas, garantir direitos, educação e a circulação da informação é fundamental.** Não basta produzir conteúdo jornalístico sem que isso represente mudança real no Grajaú, bairro onde a PEM está. Serrano (2013) ressaltou que o Jornalismo contra-hegemônico deve lembrar-se do impacto sobre a vida real do que é feito nos ambientes virtuais e não se deixarem levar pela fascinação pela internet e novas tecnologias.

A nomenclatura de Jornalismo da Quebrada vem da necessidade de uma definição que contemple de fato o que a PEM faz, que extrapola outras classificações do Jornalismo contra-hegemônico, segundo Thiago:

> São várias quebradas que tem várias distinções, são várias diferenças então a gente não fala periferia que é no geral, fala periferias. Mas, às vezes que a gente fala periferias, no contexto de SP tá, quando você fala periferias você não tá considerando as favelas por exemplo. Em SP, você tem as periferias, nas periferias você tem as favelas. Quando você fala quebrada você consegue contemplar todo mundo. [...] **Que jornalismo vocês fazem? Não é Jornalismo comunitário, não é jornalismo local, não é jornalismo periférico, não contempla tudo né. É tudo isso mas não é só isso, entendeu porque também é jornalismo que se coloca como jornalismo ativista, como jornalismo emancipatório, como mídia alternativa, mídia independente. Acho que tudo isso cabe dentro dessa nomenclatura do que é Jornalismo da quebrada** (ENTREVISTA, 20/09/2022, grifos da autora).

Para Thiago, a quebrada contempla a todes e abre o leque de possibilidades no Jornalismo que não é apenas comunitário, local, periférico, ativista, emancipatório, alternativo e independente e que a PEM estaria dentro destas classificações, mas não só. Entre todas, pensar na PEM como um Jornalismo local é interessante, já que ela delimita sua atuação a São Paulo, mas não há uma região específica. Dadas às dimensões geográficas e populacionais da capital, sendo a capital mais populosa do Brasil conforme o IBGE (2021)[4], cobrir periferias

[4]Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31458-populacao-estima

em São Paulo demanda considerar que cada periferia, inclusive pela distância, tem suas particularidades. Contudo, a cobertura costuma se concentrar na Zona Sul e no Grajaú, onde fica a sede da produtora, ainda que não seja um critério. Gisele Brito destacou: “Eu acho que proximidade não é um critério da PEM. O critério da PEM é, apesar de a PEM, né, falar que cobre principalmente o extremo sul, ela cobre periferias, quebradas. Não é um critério noticioso, é um critério logístico, né? O que tem capacidade de fazer” (ENTREVISTA, 27/09/2022).

3.1.1 Composição da equipe e funções

A equipe da PEM é dividida em duas frentes de trabalho: Institucional e Conteúdo. Além de coordenadoria que envolve as pessoas que tomam as decisões mais estratégicas e burocráticas dentro da produtora. A coordenação é composta pelos co-fundadories Aline Rodrigues, Gestora de rede e narrativas, e Thiago Borges, Gestor de conteúdos com o papel de Editor geral, por Pedro Salvador, Coordenador audiovisual, e Laís Diogo, Coordenadora cultural.

A área institucional é composta por Aline Rodrigues, Laís Diogo, Cristiane Rosa e Tânia Champes. Das quatro pessoas, entrevistei a Aline remotamente nos dias 22/07/2022 [Entrevista feita com ela e Vitori simultaneamente] e 14/09/2022 [Entrevista feita com ela e Thiago simultaneamente]. Já Laís esteve na roda de conversas feita na primeira visita à PEM, durante a coleta de dados em setembro de 2022. Tania havia acabado de entrar na PEM e não estava na redação em nenhuma das minhas visitas, enquanto Cristiane ainda não fazia parte da equipe. O cargo de Aline na PEM, gestão de redes e narrativas, lhe outorga as funções de “pensar toda a rede, todos os públicos que a PEM se relaciona, pensar essas relações desde o público que consome nosso conteúdo a quem faz parceria com a gente, constrói projetos em conjunto. Também tenho um olhar para dentro pensando equipe, gestão” (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 22/07/2022).

Na frente de conteúdos Thiago é gestor, semelhante às funções de um editor geral. Tudo que é colocado ao ar passa pela sua aprovação, com exceção do conteúdo de redes sociais. As áreas de Social Media, design, reportagem e audiovisual fazem parte da área de conteúdo. Na função de Social Media, atua Vênuz Capel, produzindo conteúdo para todas as redes sociais da PEM. Vênuz tem autonomia para produzir os conteúdos e publicar tanto posts

---

da-do-pais-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-em-2021#:~:text=O%20munic%C3%ADpio%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,(2%2C7%20milh%C3%B5es). Acesso em Junho de 2023.

relacionados às reportagens que foram publicadas na semana como conteúdos próprios para as redes. Os designs das redes são feitos por elu e por Rafael Cristiano. Na área audiovisual, Pedro Salvador atua como coordenador com um olhar estratégico para a área, planejando o fluxo de produção, identidade da PEM e captação e edição de vídeos. Vitori, produture audiovisual faz captação e edição de vídeos, assim como Pedro. Como designer, Rafael Cristiano cria artes para redes sociais, para o site e foi responsável pelo projeto gráfico do livro lançado pela PEM, Repórter da quebrada. Por fim, dentro da área de conteúdo, Gisele Brito atuava como orientadora editorial.

A função de Gisele não é comum em outros veículos de imprensa. Ela entrou na PEM durante o programa de residência em Jornalismo, Repórter da Quebrada na função orientação editorial e após o término do programa permaneceu na função. Conversei com Gisele de forma remota no dia 27 de setembro de 2022 pela manhã, posteriormente nos encontramos pessoalmente à noite no evento de lançamento do livro da PEM que foi meu último contato com a equipe completa. Na entrevista, Gisele conta da dinâmica com os repórteres da quebrada e seu papel enquanto orientadora durante o programa de residência.

> A gente tinha reuniões semanais de pauta, em que as pessoas que iam fazer os repórteres da quebrada, elas apresentavam pauta e depois elas precisavam de orientação para fazer isso. E eu me reunia, participava da reunião de pauta e ali ia modelando aquilo, às vezes já ia contextualizando algumas coisas, participei de algumas outras coisas, conteúdos que a gente ministrava nessas reuniões e depois fazia encontros e pegava os feedbacks, né, as devolutivas do encaminhamento da reportagem. Então, eu fazia uma primeira reunião para dizer, ah, e aí, o que você está pensando? O que você evoluiu da reunião de pauta até agora? Ah, eu estou pensando em conversar com tal pessoa, tal pessoa, estou fazendo isso. E aí eu também dizia, falar com tal pessoa, vamos pensar mais ou menos como tem que ser a entrevista, o tom da entrevista, o que é importante, onde você pode pesquisar coisas sobre isso. Aí a pessoa ia, depois voltava, eu fazia a primeira leitura do texto e aí dizia, oh, falta perguntar mais isso, aprofundar mais isso, vai atrás desse dado, o texto está confuso. Eu não fazia edição de texto, mas desse encaminhamento da reportagem mesmo, tipo, oh, faltou perguntar isso, era isso. Aí depois disso , às vezes, essa etapa com o texto, eu ficava dois encontros, conversando com as pessoas ali também por *WhatsApp*, às vezes a gente conseguia se reunir, às vezes a gente só trocava pelo *WhatsApp*. E aí depois o texto ia para o Thiago, o Thiago fazia uma edição de texto, eventualmente isso voltava para mim, quando ele fazia algum questionamento, que precisava, que a pessoa voltasse para uma entrevista, ou alguma coisa desse tipo, e era isso (ENTREVISTA, 27/09/2022).

O programa foi feito com pessoas que tinham algum vínculo com o Jornalismo, estavam estudando ou tinham interesse em aprender Jornalismo. O papel de Gisele assemelha-se ao de tutora e/ou professora do grupo, trazendo os aprendizados das oficinas teóricas para a prática. Com a finalização do programa, ela seguiu na PEM, com uma carga

horária reduzida e um papel mais amplo. De acordo com Thiago, o papel da Gisele é uma mistura de pauteira e *ombudswoman.*

> Ela pauta muito a gente ou ajuda a gente a refinar essas pautas. Como ela não se envolve nesse processo de produção, ela também traz uma avaliação crítica sobre o que foi produzido, o que foi veiculado. Até pensar em alguns produtos, como é o caso das séries que a gente fez, como é o caso desse *zapcast* sobre as eleições que a gente tem feito, da própria cobertura das eleições (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 14/09/2022).

O Zapcast que Thiago cita, é um podcast publicado no site e enviado pelo WhatsApp durante o período de cobertura das eleições, apresentado por Gisele. A relação de ter um função fixa mas também se envolver na produção jornalística mesmo não sendo da área de reportagem é comum no veículo. Todas as pessoas fazem reportagem eventualmente, elus têm espaço para testar, propor pautas, apurar, fazer entrevistas e desenvolver matérias.

A equipe de reportagem mudou de quando fiz a coleta de dados em setembro de 2022, até o momento de escrita, abril-junho de 2023. Na reportagem no momento estão como repórteres fixos, Elizabeth Botelho e André Santos e na colaboração de reportagem, atuando com projetos pontuais, Paula Sant´Ana. Durante o trabalho de campo, Paula era a única repórter fixa e conciliava a PEM com o trabalho na Jovem Pan. Também Paulo Cruz, produtor de áudios e podcasts, era parte da equipe fixa e agora está como colaborador.

3.1.2 Rotina de redação

Durante a Pandemia do Covid-19, no período pré-vacinação [as vacinas começaram a ser aplicadas no final de janeiro de 2021], as atividades da PEM se mantiveram prioritariamente remotas, apesar de alguns membros da equipe, como Vitori e Pedro que atuam com audiovisual, terem feito produções presenciais. Esta realidade mudou a dinâmica de trabalho da redação e influenciou o modelo híbrido adotado atualmente.

No início de 2020, a PEM alugou uma casa, que servia de sede para a produtora, até então não tinha espaço físico. A ideia da casa era acolher a comunidade, fazer oficinas e aproximar-se do território. Com os lockdowns pelo Brasil em março de 2020 e a orientação de distanciamento social devido à pandemia, a equipe adotou o trabalho remoto o que paralisou projetos dentro do Morada Jornalística, programa que tinha a ideia de usar o espaço para articulação territorial e também desenvolver o programa de residência em Jornalismo Repórter da Quebrada o, o projeto Comunicação com cuidado, entre outros. Sem o espaço

físico, os formatos mudaram e foram feitos online. Em 2022 a equipe retornou ao espaço físico, mas devido a um furto à casa, ocorrido em 27/07/2022, mudaram de endereço e passaram a ter sede em uma sala comercial no Grajaú, na Avenida Belmira, principal acesso do bairro.

Nesse novo espaço são feitas as reuniões gerais presenciais, quinzenalmente. Também quinzenal em semanas alternadas acontecem as reuniões específicas de pauta que são remotas. Na reunião geral, pautas e matérias que estão em produção são abordadas, mas dividem espaço com outros temas. Aline destaca que "no dia de reunião falamos da nossa rotina como está para cada um, também falamos de pautas que estão sendo produzidas. Faz avaliação do que foi pro ar nas últimas semanas e também planeja conteúdos novos" (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 22/07/2022), se referindo às reuniões de pauta. Durante o trabalho de campo, meu primeiro contato presencial com a equipe foi durante uma reunião geral, que observei estando imersa no contexto, sentada no sofá junto a pessoas da equipe. Abro espaço para um breve relato do diário de campo registrado no dia.

> No dia 20/09/2022 era meu segundo dia em São Paulo, havia chego no dia anterior e usei o dia para me instalar, fazer meu bilhete único para deslocamentos dentro da cidade e também ir ao mercado fazer uma pequena compra para os próximos dias. Estava hospedada em uma casa, onde eu tinha a possibilidade de cozinhar. Nesta terça-feira saí com cerca de uma hora antecedência de Interlagos para ir ao Grajaú para a reunião geral da PEM. Desço no ponto e resolvo levar um bolo para o café da manhã. Quando vou caminhando em direção a produtora não consigo encontrar o endereço e por sorte avisto Vênuz, que reconheci por já ter visto elu em fotos, me apresento e peço ajuda. Também era a primeira de Vênuz indo até a nova sede, já que a mudança tinha sido recém feita. Quando chegamos na PEM algumas pessoas já estavam por lá e todes tomando café. A reunião estava marcada para às 10hrs mas a Aline havia comentado que às 9:30h começava um café da manhã coletivo e que eu poderia participar caso pudesse e desejasse. Achei uma oportunidade ótima para me aproximar da equipe e evitar o constrangimento da observação posterior.
>
> As pautas do dia eram o lançamento do livro que se aproximava, produções em andamento e também conversas que levavam a novas ideias de pauta, assim como avaliação do que tinha saído. O que me chama atenção é como tudo é decidido de forma bastante coletiva, inclusive as pessoas convidadas para o lançamento do livro e para quem ele seria enviado pós lançamento. Mesmo as pautas de quem não estava presente foram comentadas por Thiago, como o caso da matéria sobre a agenda das candidaturas periféricas em produção com a Paula. O momento de avaliação girou em torno do Zapcast, e especialmente o uso de Linguagem neutra nos episódios e como deixar essa linguagem mais natural. Também ali Vênuz comenta do caso de transfobia na matéria sobre crianças no candomblé, gravada por elu e Vitori, duas pessoas não binárias da equipe. Apesar da minha presença, o que acontece na reunião é de acordo com a fala anterior de Aline, do uso da reunião geral para tratar temas diversos do veículo mas também tratar de pautas. De vez em quando enquanto eu tomava notas alguém comentava: "Olha lá, vai entrar no TCC", em tom de brincadeira (DIÁRIO DE CAMPO, 20/09/2022).

Toda a equipe tem acesso ao andamento das produções, tratadas em reunião geral. Nesta reunião do dia 20 de setembro, Paula e Gisele não participaram. A equipe tem compromissos presenciais relacionados à PEM apenas duas vezes ao mês, nos dias de reunião geral. O restante do trabalho é feito de forma remota e o espaço fica disponível para quem queira trabalhar lá. O ambiente é uma sala comercial com mesas e computadores para trabalho, um sofá, copa e banheiro. De todas as pessoas da equipe, as que têm presença constante na sede são Thiago, Aline e Laís, parte da coordenadoria.

Apesar de não existir uma rotina de trabalho presencial no espaço físico da PEM, as produções jornalísticas são presenciais.

> Na pandemia fizemos muita coisa a distância, o que nos limitou bastante pois temos isso do pé no chão, circular o território para produzir nossas reportagens. Nunca acreditamos que o nosso jornalismo seria possível ser feito só dentro de casa, na frente do computador com contato distante. Mas, a pandemia nos levou a isso porque inclusive para não colocar a equipe em risco e as pessoas entrevistadas em risco que já estavam bem vulneráveis. Fizemos muita produção a distância, muitas entrevistas por ligação, por *Whatsapp*, por videochamada para quem tinha possibilidade. Mas, já retomamos fortemente produções presenciais, seja conteúdo em texto, áudio, vídeo, registro fotográfico. Matando a saudade de estar circulando (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 14/09/2022).

Circular no território é importante para o Jornalismo em geral enquanto atividade profissional, mas a importância aumenta na produção periférica já que o vínculo com o espaço pauta o Jornalismo produzido por elus. As ideias de pauta apresentadas nas reuniões gerais costumam vir das vivências pessoais da equipe ou de pessoas conhecidas, pela própria característica de um Jornalismo da "periferia para a periferia".

Toda a equipe é remunerada pelo trabalho feito na PEM, mas ninguém é exclusivo da produtora. As cargas horárias são de dedicação parcial com a média de 15 horas semanais e quem atinge maior carga são Thiago e Aline, que trabalham cerca de 30 horas para a PEM e ambos têm outras atividades profissionais. Rovida (2020) afirmou que a maioria dos integrantes dos veículos de comunicação periféricos têm na atividade sua segunda atuação, e são empregados em outros espaços. A realidade da PEM é um misto da necessidade de execução do veículo e de questões financeiras, para manter a associação funcionando.

> Garantir a exclusividade dessas pessoas é também entender a necessidade da Periferia em Movimento, porque é um equilíbrio assim de pensar essa gestão do momento que você precisa aumentar essa dedicação porque às vezes são pessoas muito especializadas em uma função ali. Dependendo da realidade que nós temos, por exemplo, na realidade que a gente tem hoje, não faz sentido ter um designer 40hrs por semana, sabe. Seria um trabalho subutilizado (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 14/09/2022).

Ao refletir sobre como impacta o trabalho da PEM, que a equipe cumpra uma carga horária reduzida e se dedique a outras atividades profissional, Thiago explica:

> Impacta porque isso está relacionado ao tempo de maturação ali. Você precisa do ócio. Precisa estar sentado ali de boa, tomando um cafézinho no dia-a-dia e as coisas vão acontecendo, vão surgindo. A gente consegue isso em alguns momentos assim. Chega determinada época do ano, que acho que pode ter a ver com o acúmulo de coisas, por exemplo o que a gente está vivendo agora. O acúmulo de coisas que vão se sobrepondo, aí de imprevistos , no nosso caso tivemos a questão do furto no espaço. A mudança de espaço também que acabamos decidindo e atraso de outros processos e acabamos ficando mesmo sem esse tempo livre para elaborar melhor. Isso é histórico na nossa atuação e a gente entende que é estrutural também. No jornalismo enquanto campo já existe esse problema, por conta da precarização, da redução de custos nas empresas tradicionais, nos grandes conglomerados de comunicação esse problema já existe, você não consegue refletir muito bem o que está fazendo. Eu acho que a gente consegue, mesmo sendo precarizado e atuando à margem desse mercado, sem recursos né. A gente ainda consegue fazer uma reflexão sobre isso que a gente tem feito, sabe (ENTREVISTA, 14/09/2022).

Apesar de entender que a dedicação parcial dificulta algumas elaborações de projetos que demandam tempo ocioso para criação, Thiago compreende que o trabalho feito é bem pensado e, mesmo com os recursos limitados, a equipe consegue refletir sobre a produção Jornalística entregue pela PEM. A produtora não tem uma periodicidade fixa, a média é em torno de duas a três reportagens por semana, sendo que em alguns períodos foi publicada apenas uma e em outras mais de três. Em seu estudo, Rovida (2020) destacou que a maioria dos veículos periféricos tem estrutura semanal, quinzenal ou outros enquadramentos, com um volume de produções mais baixo. A PEM supera a média dos veículos periféricos indicada na pesquisa, mas não alcança a periodicidade diária da mídia hegemônica.

3.1.3. Recursos financeiros

As primeiras fontes de patrocínio da produtora foram projetos submetidos ao incentivo cultural VAI. Por duas vezes seguidas a produtora foi contemplada pelo edital do programa. Hoje, a PEM conta com recurso financeiro do Catarse, campanha recorrente com apoiadories mensais, que podem contribuir: pessoas físicas e jurídicas com pagamentos a partir de R$5. Após o furto na sede, no dia 27 de julho de 2022, a equipe abriu uma campanha de apoio pelo PIX, na busca por recuperar parte dos equipamentos perdidos, quatro notebooks, um conjunto de câmera, lentes e cartões de memória, carregadores, baterias, placa de vídeo, mesa e caixa de som, além de outros pertences. O contato com fundações e institutos eventualmente gera patrocínios. Thiago conta que: “Um dos mais recentes foi com o instituto Alana e a fundação

Tide Setubal que apoiou a realização de um curso que fizemos. Abriu-se o leque de possibilidades como estratégia de conseguir se manter" (ENTREVISTA, 14/09/2022). A questão financeira sempre foi uma dificuldade,

> hora estávamos só com edital, hora só com grana de campanha e não conseguiamos dessa forma manter. Vieram pessoas trampar com a gente pontual e depois saiam, ficavam um período aí. Também tinha a ver com ter ou não grana né. As pessoas não conseguiam se dedicar, abrir mão de um tempo ali porque tinham outros trabalhos. O desafio do tempo sempre esteve em jogo né. Fomos tentando também criar projetos que bancassem pagamento para todo mundo, para as pessoas chegarem com mais tranquilidade, dedicação e tal (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 14/09/2022).

Outra alternativa são as parcerias para produção de conteúdos com apoio de empresas, institutos e/ou associações, em que é feita uma reportagem e no rodapé da matéria entra a indicação de apoio. Formato diferente de anúncios.

> A gente já fez publieditorial e entradas de publicidade nas redes dentro de uma parceria que nós fizemos com uma iniciativa que tem articulado mídias menores, periféricas, pretas e montam um grupo de mídias e oferecem para uma marca a distribuição conjunta nessas mídias. Daí para além do número que essas marcas procuram, dar essa chegada da informação da campanha da marca em lugares que elas não chegam normalmente quando é um site, Uol por exemplo. Então é um outro público que consegue acessar por nós. Então, essa venda que é oferecida né. Mas foi uma parceria sim, que tem uma gestão que não é a PEM e eles trazem pra gente, olha a gente tem uma campanha de tal marca. A Avon por exemplo, a gente publicou um manifesto que a Avon fez. A Tim criou um aplicativo e tem esse olhar também de sempre que possível a campanha tem a ver com a nossa linha editorial né. A gente faz um filtro de qual marca que entra, qual campanha que entra. Também é um combinado assim os formatos que a gente já veiculou. É um recurso limitado, tá longe de ser um percentual grande de caixa (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 14/09/2022).

O projeto que possibilitou maior entrada de pessoas na equipe e mais tempo de remuneração garantido foi a residência em Jornalismo *Repórter da Quebrada* com duração de 18 meses entre 2021 e 2022 e envolveu diversas oficinas, produções e a publicação de um livro no fechamento, patrocinado pelo VAI.

3.1.4 Organização editorial

O conteúdo produzido pela PEM é sempre da periferia para a periferia, essa perspectiva já dá um horizonte de pautas e abordagens possíveis. Contudo, nem toda pauta e assunto é interessante para o veículo, que prioriza a cobertura da luta por garantia de direitos a partir de quem está à frente dos movimentos sociais.

> Nós temos como objetivo construir uma sociedade livre de racismo, machismo, LGBTQIAP+fobia, sem desigualdade social e com direito a cidade. Humanizando as pessoas, esses sujeitos e populações que vivem nos territórios periféricos. A gente

> traz isso nos nossos trabalhos, nos nossos conteúdos, pautando a garantia de direitos a partir de quem tá na frente de luta pela garantia desses direitos. Então, pessoas que estão protagonizando isso que são pessoas periféricas que protagonizam isso em diversas frentes seja direito à cultura, identidade, gênero, sexualidade, contra o racismo, contra o genocidio, moradia, mobilidade, saúde, educação, transporte, trabalho e renda, terceira idade, resistência indigena, participação política. (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 14/09/2022).

Esse princípio não busca excluir pautas, mas adequar e entender como tratar de direitos humanos em cada uma delas, mesmo em pautas que são parte de um movimento social organizado.

> Teve uma pauta que eu pensei acho que não tem nada a ver com a Periferia em Movimento porque nunca vi uma matéria desse tipo. Era sobre maquiagem. Daí eu falo, não a questão não é porque a gente não tem que a gente não possa ter. Como isso se encaixa na nossa linha editorial? Eu vou falar de procedimento estético, eu posso falar mas como isso se relaciona com a nossa linha editorial que visa trazer o protagonismo de pessoas que estão nas frentes de luta pela garantia de direitos da Periferia, sabe? A gente vai aprofundando, aprofundando dentro dessa proposta para chegar em uma alternativa, no caso dessa matéria por exemplo se tornou uma matéria sobre autoestima de pessoas negras, você vai falar de maquiagem, vai falar de cabelo e tudo mais mas como isso se relaciona com essa construção de identidade sabe, se relaciona com enfrentamento ao racismo a partir de ações individuais que estão relacionadas com ações que são coletivas, ainda que não seja um movimento. (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 14/09/2022).

Esse exemplo trazido por Thiago foi a matéria *Autoestima das pessoas negras: Uma construção diária*[5], de autoria de Camila Lima, publicada em 23 de novembro de 2020. Nela Camila aborda a história de três pessoas, um homem cis, uma mulher cis e uma mulher trans que entenderam suas identidades e ancestralidade a partir da estética. Cris [sobrenome não divulgado] resgatou sua autoestima deixando os cabelos crespos crescerem e usando diferentes cortes e estilos, assim como Angélica Santos que alisou os cabelos até os 15 anos e nas tranças se reencontrou, já Onika [sobrenome não divulgado] usava da maquiagem como artifício para performar feminilidade e ser mais passável, na busca de evitar transfobia. Em toda a matéria, a autora reforça como a boa autoestima fortalecida pela estética ajuda na luta contra o racismo, usar seus cabelos naturais, por exemplo, vai contra um padrão de beleza estabelecido pela branquitude.

A escolha de fontes para integrar as matérias é guiada por uma hierarquia descrita no Manual de redação. Não pude consultá-lo diretamente, mas Thiago em entrevista citou o manual e passou as informações a partir dele. As fontes primárias são personagens periféricas, pessoas que vivenciam no dia-a-dia a questão abordada na reportagem, a pessoa obrigatoriamente vive em uma periferia urbana. Se consultam, ainda, especialistas

[5]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/autoestimapessoasnegras/. Acesso em Junho de 2023.

periféricques, “pessoas que podem vivenciar, mas estão no lugar de especialistas porque agem politicamente naquele cenário, fazem parte de algum movimento, de algum coletivo, do serviço público, estão na academia pesquisando, estão em alguma mobilização no território” (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 14/09/2022).

As fontes secundárias são o poder público, quando é uma pauta que demanda um posicionamento e/ou informação oficial. Por exemplo, secretaria de saúde, IBGE, IPEA etc. Nessa categoria estão, também, os especialistas do centro, pessoas de fora das periferias mas que pautam assuntos pertinentes às lutas periféricas. Como exemplo, “Falar sobre moradia, urbanismo. Temos especialistas nas periferias que conseguem contextualizar, mas dependendo da pauta eu quero falar com a Raquel Monique, ela não é periférica, mas a discussão que ela traz sobre é muito relevante pra gente que tá na periferia então é uma fonte possível” (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 14/09/2022). As fontes nunca serão pessoas do centro e de fora das periferias, por mais que a história tenha relação com a pauta.

Todo o conteúdo produzido é distribuído dentro do site de acordo com doze editorias: Contra o genocidio; Cultura e identidade; Democratização da mídia; Educação; Gênero e sexualidade; Meio ambiente; Mobilidade; Moradia; Resistência indigena; Saúde; Terceira idade e Trabalho e renda. Além dessas existe a seção Anotaí, onde o principal conteúdo é a divulgação de eventos, pesquisas, programações culturais, oficinas e mídias. São matérias curtas com, na maioria das vezes, material de assessoria de imprensa enviado à PEM. E a seção de opinião com artigos e editoriais.

Apesar de ter doze editorias definidas, a frequência com que são alimentadas não é pré-estabelecida. Tampouco há repórteres especialistas para cada uma delas. As editorias funcionam como guias na hora de publicar e organizar o conteúdo no portal. Após a concepção das pautas, Thiago, no papel de editor, identifica a editoria correspondente ao conteúdo. Todas as matérias produzidas são assinadas por quem as fez. A exceção são nos conteúdos publicados a partir de releases de assessorias de imprensa. Neste caso, no campo de autor é assinado como Periferia em Movimento. Ainda, os editoriais não costumam ser assinados, pois representam o posicionamento do veículo como um todo.

3.1.5 Distribuição e público

O público-alvo da PEM, chamado por elus de público prioritário, são mulheres cis periféricas, chefes de família, entre 30 e 40 anos. “Em uma média de todas as redes, existem variações mas não fogem muito. O que os dados dizem é de 75% de um público entre 18 e 45

anos e uma média de 68% de mulheres cis" (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 22/07/2022). A estimativa de alcance dada por Aline são as métricas das redes sociais, onde é possível verificar o gênero de quem acessa. Priorizar este público,

> [...] vem da observação de toda nossa trajetória do quanto essas mulheres são invisibilizadas e ao mesmo tempo a base da sociedade. Então são elas que circulam nos lugares, que lutam por direitos, que são suporte a família, que leva e busca criança na creche, que leva o familiar ao médico. Também traz renda para a casa e também sofre grandes violências e não acesso aos direitos. Muitas vezes são as mães que vão acolher e receber essas demandas de outras pessoas periféricas também. A gente entende que falando com essa mulher, vamos dar suporte para inclusive apoiar se tem alguém na família com uma demanda de uso de gênero que não seja masculino e feminino [Linguagem neutra em gênero]. Por meio de focar nossos conteúdos em todas as demandas dela, a gente também atinge outras pessoas. (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 22/07/2022).

As mulheres das periferias são o público prioritário, mas não fator limitador colocado nas produções, que pode chegar a outras pessoas. Aline explicou que os números de redes sociais não dizem tudo, justamente por isso estavam fazendo uma pesquisa mais aprofundada de público, híbrida, com questionários online e entrevistas e rodas de conversa presenciais, a fim de circular os territórios de São Paulo e ter um resultado mais fiel ao público receptor das periferias que não está só na distribuição online (ENTREVISTA, ALINE RODRIGUES, 22/07/2022).

A distribuição de conteúdos acontece pelo site, plataforma principal onde tudo que é produzido é publicado. Também é distribuído pelo *Whatsapp*, com notícias semanais e durante a cobertura eleitoral o *Zapcast*, podcast curto distribuído pela rede social; pelo *Instagram, Facebook, TikTok* e *Twitter*. As matérias também são disponibilizadas em totens espalhados pelas periferias e favelas da cidade de São Paulo. Os totens digitais são do projeto *Território da notícia*, instalados em estabelecimentos comerciais. São parceiros do projeto território da notícia, as iniciativas de Jornalismo: Periferia em Movimento, Alma Preta, Desenrola e não me enrola e Embarque no direito. A distribuição de notícias a partir do território da notícia atinge pessoas que não acessam a PEM pela internet ou não conhecem e passam a conhecer, ampliando o público.

3.2. LINGUAGEM NEUTRA EM GÊNERO NA PEM

3.2.1 O processo de adoção da Linguagem Neutra em gênero

A Linguagem Neutra em Gênero (LNG) foi adotada oficialmente em todos os produtos da PEM a partir de 28 de junho de 2021, com a publicação do editorial *Linguagem neutra no jornalismo? Estamos dispostes!*[6] Desde esse momento, a produtora assume o compromisso do uso da LNG em textos, vídeos, podcasts e oficinas. Contudo, antes da decisão de usar a LNG nas produções, ela já vinha sendo usada internamente pela equipe. Além disso, relações de gênero e lutas LGBTQIAP+ já eram pauta no veículo, tornando essa transição natural.

Historicamente, as pautas de gênero sempre estiveram presentes nas periferias de São Paulo e nas coberturas da PEM, ainda que não nomeadas explicitamente.

> Quando a gente fala da questão de luta de classe na periferia, às vezes não se colocava a questão de gênero ou de raça, mas quem está à frente dos movimentos sociais ou quem faz parte dos movimentos sociais de periferias e **quem construiu as periferias em São Paulo foram mulheres negras. Acho que todas essas questões já estavam ali, nesse processo a gente vai aprendendo a nomear isso.** (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022, grifos da autora).

A construção das periferias de São Paulo pelas mulheres negras revela uma relação interseccional (AKOTIRENE, 2018) presente no território. A opressão cruzada da misoginia e do racismo que demarca a vivência destas mulheres, modifica a forma como vivem no território e as vulnerabilidades a que estão expostas nas periferias. Enquanto sujeitas periféricas, as mulheres negras foram as primeiras a estarem à frente dos movimentos sociais pela garantia de direitos básicos como moradia e saúde pública. Pela relação próxima do Jornalismo da Quebrada com o território, o modo como os espaços periféricos formaram-se demanda que as pautas de gênero estejam desde o princípio entre as temáticas abordadas pelos veículos periféricos como a PEM.

Thiago conta que a PEM começou a pautar temas da comunidade LGBTQIAP+ a partir da cobertura dos coletivos de cultura nos anos de 2011 e 2012, três anos após a fundação do veículo. “Os coletivos de cultura eram formados por pessoas majoritariamente LGBT e começam a trazer isso [pautas LGBTQIAP+] mais em evidência” (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022). O movimento de acompanhar coletivos, especialmente os culturais, é característico do Jornalismo Periférico e influencia na agenda dos veículos (ROVIDA, 2020). Para Thiago, existe relação direta entre a trajetória da PEM, enquanto veículo que se preocupa em pautar questões de gênero e a temática LGBTQIAP+ ,e a adoção da LNG em 2021. A atenção suscitada pela abordagem de gênero [nas matérias], as questões LGBTQIAP+ e a busca por priorizar a diversidade de fontes assim como incorporar

[6]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/linguagemneutra/ . Acesso em: Maio de 2023.

a diversidade na conformação da equipe, faz com que a PEM esteja sempre atenta às novas necessidades de comunicação e inclusão de todos os grupos minoritários. Assim, buscam uma linguagem anti-racista, anti-LGBTQIAP+fóbica, não capacitista, não machista, não xenofóbica e que inclua pessoas trans não binárias, uma linguagem não opressora.

A constituição de uma equipe diversa na PEM parece ter sido um processo orgânico. Aquelus que participaram de formações com o veículo, posteriormente acabaram integrando a equipe, como é o caso de Pedro Salvador e Laís Diogo. O veículo divulgou vagas pela primeira vez durante o projeto de residência *Repórter da Quebrada – Uma morada jornalística de experimentações,* que ocorreu entre 2021 e 2022, com duração de 18 meses. Aline Rodrigues afirma que a presença de pessoas trans na equipe é determinante para a comunicação adotada pelo veículo.

> **Já há algum tempo temos profissionais trans na equipe, não com uma demanda de linguagem neutra, mas que nos traz para um lugar de alerta, como nos comunicamos e nos relacionamos enquanto equipe e também como contamos para fora e trazemos uma narrativa adequada, respeitosa e representativa.** A partir desse movimento e da presença, trazendo o Pedro como um profissional que está com a gente a muitos anos já, que é quem sempre traz essas pautas pra gente e provocações de onde estão as fontes trans nos nossos conteúdos (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 22/07/2022, grifos da autora).

A entrada de Vitori na equipe, em 2021, evidenciou a demanda da LNG para a PEM, por elu ser uma pessoa trans não binária que se identifica com os pronomes neutros. A adaptação interna da equipe para o uso do pronome neutro ao se referir a Vitori foi o começo da transição para uso da LNG nos produtos. “Quem tem levantado a questão da Linguagem Neutra, pelo menos pra gente, são as pessoas que demandam o uso da Linguagem neutra e pessoas que demandam o uso da Linguagem neutra em geral são pessoas trans não binárias (NB)” (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022). Reconhecer a existência dos corpos trans NB implica assumir que a norma culta da língua portuguesa é binária, tratando sujeitos sempre no masculino ou feminino, sem abrir a brecha para outras possibilidades de gênero. Ainda que não intencionalmente, a língua pode ser transfóbica.

A adoção da LN também está relacionada ao principal princípio editorial da PEM: a busca pela garantia de direitos. Neste caso o direito à informação jornalística para todas as pessoas, sem excluir a comunidade trans.

> O Jornalismo ele produz sentido, da mesma forma que o Jornalismo datena quando ele fala que bandido bom é bandido morto ou quando ele defende a maioridade penal isso cria todas essas narrativas sobrepostas elas contribuem para a formação de

> um imaginário que hoje 90% da população brasileira apoia a redução da maioridade penal. Isso não é produzir sentido? Isso é a linguagem produzindo sentido.
>
> Como eu vou falar de pautas, as pautas ditas universais, elas são universais em que sentido. **Se é Universal ela diz respeito a todo mundo, mas se eu to falando com todo mundo em que medida esse todo tá contemplando as especificidades de todas essas pessoas com quem eu to tentando falar**. Ela tá falando com todo mundo ou ela tá falando, se baseando nas vivências de quem se coloca como ser universal, o padrão. Então eu acho que é nesse sentido, sabe.
>
> **Você viu as pessoas falando [na roda de conversas], as pessoas [trans] não liam, não acessavam informação porque a linguagem já era uma barreira por si só. Isso já se torna um impeditivo para você consumir aquela informação, de conseguir ter informação sobre diversos outros assuntos.**
>
> O uso da linguagem neutra eu entendo que ele contribui para a garantia de direitos (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022, grifos da autora)

De acordo com a equipe da PEM, o texto jornalístico escrito em LNG contempla as especificidades de todas as pessoas, expandindo a ideia de sujeito universal citada por Thiago. A roda de conversas, trazida como exemplo na fala de Thiago, ocorreu no mesmo dia da entrevista acima. Na conversa grupal Vênuz Capel [Social Media] e Raphaella Gomez [namorada de Vênuz que não faz parte da equipe] apontaram que antes de conhecerem a PEM não consumiam Jornalismo pois, enquanto pessoas trans NB, não se viam representades nas narrativas.

Vênuz passou a fazer parte da equipe em Março de 2022 e, assim como Vitori, elu se identifica enquanto uma pessoa trans não binária. No momento da entrada de Vênuz, a equipe já adotava a LNG há quase 10 meses e então elu vivenciou esse ambiente já em transição, sem ter feito parte das capacitações e oficinas. Na entrevista dupla de Vitori e Pedro na segunda visita a PEM, abordamos o que seria necessário para que um veículo adotasse a LNG.

> Vitori: **Não faz sentido a gente adotar a linguagem neutra se a gente não fala sobre pessoas trans nos conteúdos.** Incluir mesmo essas pessoas nesse lugar. Não faz sentido a gente adotar a linguagem neutra com o objetivo de acolher pessoas trans sem representatividade.
>
> Pedro: eu acho que é isso, assim o mais essencial mesmo é ter essas pessoas trans no espaço. Não só usar porque **é muito bonito usar na internet e falar que é inclusivo sendo que só tem gente cis na sua equipe, se você não entrevista ninguém**.
>
> Vitori: tipo se nenhuma das suas fontes são pessoas trans se nenhuma das que você contrata é trans.
>
> Pedro: não só a fonte, meu, mas é isso, tipo, também pegar uma equipe de cis e ir lá entrevistar a pessoa trans, é o que? Realmente ter essa pessoa na equipe. Não só uma, mas tentar chegar num número parecido de pessoas trans e cis. Porque também colocar uma pessoa trans só pra falar que tem também não é interessante. Então, eu acho que **o mais essencial, que me veio à cabeça quando você perguntou, é ter de fato pessoas trans na equipe e aí o resto, com as pessoas na equipe, já é mais**

> **fácil de pensar, encaminhar**.(PEDRO SALVADOR e VITORI JUMAPILI, ENTREVISTA, 23/09/2022).

A percepção de Pedro e de Vitori, apontando que o fundamental para um veículo adotar a LN é a presença de pessoas trans na equipe, revela que a entrada de Vitori foi essencial para a mudança na linguagem da produtora. Na entrevista com Vênuz, perguntei: na sua opinião, qual é o primeiro passo para um veículo que queira adotar a linguagem neutra em gênero?

> Eu acho que tem alguns [passos], né? Importantes. **Eu acho que o primeiro é se educar sobre, né? Tipo, buscar um lugar de educação mesmo. Não colocar pessoas cisgêneras para falarem sobre isso, colocar pessoas trans para falarem sobre**. E trazer um tipo de informação para a sua empresa, sei lá, para o lugar onde você trabalha. E pagar essas pessoas, né? Lógico, porque enquanto não circular também o dinheiro na mão de pessoas trans, a gente não vai evoluir nada. Vai ser uma militância falsa. E contratar pessoas, sabe? Porque **eu acho que a PEM não seria essa referência que é de linguagem neutra se não tivesse pessoas trans trabalhando aqui, né?** Porque não tem como uma empresa que é totalmente branca falar sobre racismo, né? Então, tipo, como que a gente vai falar sobre uma inclusão de uma linguagem sendo que não tem pessoas ali? E eu acho que esses dois passos são super importantes e as pessoas estarem dispostas realmente, sabe? Entenderem o quanto isso atravessa esses corpos, né? O quanto é importante, que **não é só mudar uma letra, né? Tipo, é sobre vida, é realmente sobre a gente existir.** Eu espero que daqui a uns anos, tipo, as pessoas não binárias consigam se sentir existentes na sociedade. (VÊNUZ CAPEL, ENTREVISTA, 26/09/2022, grifos da autora)

Além de ter pessoas trans no veículo, Vênuz acrescenta a educação como passo fundamental para adotar a LNG. Elu destaca que não basta a contratação das pessoas trans, a equipe deve estar disposta a adaptar sua linguagem e entender que o real significado da LNG é validar a existência de pessoas NB. O conjunto das falas demonstra parte do que foi o processo da PEM, que começa com uma equipe diversa, onde as pessoas entendem a necessidade de uso da LNG, estão dispostas a aprender e buscam inseri-la nos conteúdos como forma de incluir um grupo minorizado e, então, contratam uma pessoa trans não binária para dar uma oficina de aprendizagem da LNG a fim de se capacitarem.

A oficina foi ministrada por Alfie Chaves, estudante de letras da UNB e ativista pelos direitos das pessoas não binárias. A formação durou duas horas, focou no porquê usar a LNG, como fazê-lo e a exposição de exemplos.

De acordo com Vitori (ENTREVISTA, 23/09/2022), o período desde a percepção que deveriam usar a LNG até o posicionamento público, levou cerca de três meses . Entretanto, vale destacar que este é um processo contínuo de aprendizagem, que seguia até o momento da coleta de dados desta pesquisa e que sempre precisará ser aprimorado. Thiago explica que: “

Um ano depois ainda não fizemos uma avaliação profunda do uso da LN. É suficiente o que temos feito hoje? Precisamos fazer algo mais? Esta é uma pendência" (ENTREVISTA, 20/09/2022).

Como parte do processo de aprendizagem e posicionamento do veículo, em 2021 a PEM promoveu a série *Linguagens Opressoras,* uma proposta de encontros abertos, *lives* transmitidas pelo *Youtube*, na intenção de contribuir com processos saudáveis na produção comunicacional e jornalística das periferias.

> Não ia ser a série de linguagens opressoras. **O que a gente tinha previsto era uma série de encontros de comunicação com cuidado que a gente ia definir temas junto com a equipe do que a gente queria tratar para pensar processos comunicacionais que levassem em consideração essa integridade do público e também das fontes e de quem tava produzindo.** Dentro disso surgiu essa demanda da gente trazer, trabalhar e entender a linguagem neutra. E a gente ampliou isso pra pensar isso dentro de uma série de formações sobre linguagens opressoras, aí a linguagem neutra dentro da discussão sobre gênero e sexualidade (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022, grifos da autora).

A série foi lançada em 26 de Agosto de 2021 com a transmissão do episódio *Linguagens Opressoras: Pessoas com deficiência*[7]. Em 10 de Julho de 2021, aconteceu a transmissão do episódio *Linguagens Opressoras: Gênero e Sexualidade*[8], 18 dias antes do lançamento do editorial da linguagem neutra em gênero. A *live* do episódio *Gênero e Sexualidade* faz parte dos materiais que acompanham o editorial. Nele, "a gente convidou o Thiago Peniche e a Elânia Francisca. Uma pessoa trans e uma pessoa que é especialista em gênero e sexualidade. A Elânia Francisca, é uma psicóloga aqui da quebrada e o Thiago Peniche é jornalista e comunicador" (VITORI JUMAPILI, ENTREVISTA, 23/09/2022). No encontro foram abordados alguns tópicos relacionados à vivência de mulheres cis e também à comunidade LGBTQIAP+, pensando em como tratar cada grupo em matérias jornalísticas e apresentar exemplos de termos e palavras que podem ser machistas ou LGBTQIAP+fóbicos e , ainda neste encontro, foi introduzida a temática da LNG mas não como pauta principal.

Ao todo, a série *Linguagens Opressoras* contou com quatro *lives* ao vivo, disponíveis no canal do Youtube da PEM, sendo: ep. 1- *Linguagens Opressoras: Gênero e Sexualidade*; ep. 2- *Linguagens Opressoras: Étnico-raciais*[9]; ep. 3- *Linguagens Opressoras: Pessoas com deficiência*; ep. 4- *Linguagens Opressoras: Comportamentos Xenofóbicos*[10]. Além das *lives*, essas quatro temáticas guiaram a produção de conteúdo jornalístico nas redes sociais e reportagens no portal. As reportagens que resultaram da série foram: *Pessoas com deficiência*

---

[7]Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qbAWMXIiSFM&t=17s . Acesso em Junho de 2023.
[8]Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DTTsGDbDXw8&t=26s . Acesso em Junho de 2023.
[9]Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T7snoQNPJmA&t=23s . Acesso em Junho de 2023.
[10]Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kCoQXzf8G8s&t=13s . Acesso em Junho de 2023.

existem e resistem no nosso cotidiano[11]*; De pequenos atos cotidianos até a morte: É preciso identificar e combater comportamentos xenofóbicos*[12] e "*A língua portuguesa invadiu nosso corpo-território"*[13]

A série *Linguagens Opressoras* foi resultado da adaptação forçada, por conta da pandemia da Covid-19, dos encontros de *comunicação com cuidado* previstos para serem presenciais na sede da produtora. O objetivo inicial, trazido por Thiago, foi pensar processos comunicacionais que considerem a integridade do público, das fontes e da pessoa repórter, evitando linguagens que oprimem. A proposta da série manteve o objetivo com mudanças no formato produzido.

Em toda comunicação jornalística, quem emite a mensagem transmite a informação de modo explícito e implícito, simultaneamente. O mesmo acontece com a pessoa destinatária, que interpreta pelo sentido literal da mensagem e também pelo implícito sugerido no enunciado, além de acrescentar suas próprias perspectivas (MOTTA, 2004). A ideia de sentido implícito, trazida por Motta, revela a subjetividade da narrativa, alcançada na construção das frases a partir da escolha de palavras e linguagens do texto. Pensar os processos comunicacionais, como proposto na Série *Linguagens Opressoras*, torna a produção subjetiva do texto um ato consciente. Questionar a construção feita é um dos caminhos para um Jornalismo mais crítico da própria realidade (GENRO FILHO, 1987) e evita a legitimação de estruturas sociais opressoras validadas na linguagem.

A adaptação da equipe com o uso da LNG ocorreu durante a Pandemia do Covid-19 quando os encontros da PEM eram apenas remotos. Vitori (ENTREVISTA, 23/09/2022) explica que elu, Aline, Pedro e Thiago já estavam mais habituados com a LNG, mas para o restante da equipe as discussões propostas pelo meio foram o primeiro contato. A maior parte delus só usavam a LNG nos encontros remotos, um contato reduzido. A maior dificuldade que Vitori percebia na equipe era na flexão de palavras para o neutro, quando não há uso de linguagem impessoal e que foi parcialmente sanada pela oficina com Alfie.

> Flexionar as palavras, entender que flexiona eu acho que depois da oficina as pessoas entenderam. Eu acho que a principal dificuldade na verdade é só usar a linguagem neutra dentro da redação e não usar na vida. Porque isso faz com que as pessoas não tenham essa facilidade de fato, né, não existe uma facilidade se você não utiliza essa linguagem sempre. Se você usa uma vez por semana e só nas vezes que online, nas vezes que você vai trocar ideia diretamente com uma pessoa ou só uma hora e meia de reunião. É complicado assim, o uso vem desse lugar da gente

[11]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/pcdsnaquebrada/ . Acesso em: Junho de 2023.
[12]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/combateaxenofobia032022 / . Acesso em: Junho de 2023.
[13]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/questoesetnicorraciais/ . Acesso em: Junho de 2023.

> ser respeitade e de facilitar essa comunicação mesmo. A gente não se sente constrangido de trocar uma ideia [quando usam o pronome neutro] porque às vezes acaba a conversa quando uma pessoa me chama no feminino acaba tudo, não dá mais pra conversar assim, não sinto mais essa vontade de conversar por exemplo, né, porque me sinto invalidade… (VITORI JUMAPILI, ENTREVISTA, 23/09/2022)

O obstáculo no uso da LNG pela equipe, citado por Vitori, é igualmente reconhecido pelas próprias pessoas que a integram. Sem o uso cotidiano é muito mais difícil se adaptar à linguagem, especialmente na oralidade. Muitas vezes, fora da PEM as pessoas não têm contato com a LNG, mesmo assim existe um esforço de levantar essa bandeira.

Na entrevista com a Letícia, ex-colaboradora de reportagem da PEM e participante do programa de residência em Jornalismo *Repórter da Quebrada*, levanto a questão: Além da redação da PEM, tem algum outro ambiente que você tenha contato com linguagem neutra em gênero?

> Depende muito. As pessoas com quem eu trabalhei na PEM são pessoas do meu círculo de amizades, né? Então, se eu vou colar em um rolê, se eu vou colar numa festa, se eu vou colar num trabalho coletivo, eu vou ter acesso a essas pessoas e esse cuidado de um pronome neutro. E aí, em outros lugares não. [...]Por exemplo, minha família, que a maioria são pessoas evangélicas. Para elas, é muito difícil. Todas as vezes que eu me sento no sofá pra assistir alguma coisa com a minha mãe e com o meu pai, e aí aparece uma atriz que é trans, eles ficam, mas, gente, ela parece tanto uma mulher. E eu falo, porque ela é uma mulher (LETÍCIA PADILHA, ENTREVISTA, 17/10/2022).

Por sua parte, Gisele, que ocupava o cargo de orientação editorial da PEM, explica que tenta levar a LNG para outros espaços de trabalho, contudo, nem sempre consegue.

> Pra escrever, eu tenho tentado levar pra onde eu vou. Mas não com a mesma disciplina na PEM. Eu tento, mas a PEM é isso. Tem uma determinação dessa linha editorial que eu tenho que cumprir. Agora, eu tento, outro dia eu tentei escrever um documento. Eu trabalho no movimento negro. Eu fiquei lá um tempão escrevendo documento. Fiquei muito orgulhosa, alguém pegou pra revisar e estragou tudo minha linguagem neutra e tal. Mas eu tento. É um esforço maior. Mas confesso que eu acho que é isso. É uma assimilação da minha vida profissional à PEM que criou um padrão de atuação profissional. Que vai ter impacto na minha vida pessoal. Mas que nem se compara com o meu grau de adesão, de engajamento [dentro da PEM]. (GISELE BRITO, ENTREVISTA, 27/09/2022)

Um aspecto que todes es entrevistades destacam é que, no início do processo a PEM não tinha nenhuma referência de outro meio que aplicasse a LNG. De acordo com Pedro (ENTREVISTA, 23/09/2022), a equipe teve que criar e testar até dar certo. Erros nos produtos e no dia-a-dia da redação aconteceram e ainda acontecem, o movimento adotado é de conversar com a pessoa e corrigir, a fim de evitar repetição. Aline (ENTREVISTA, 14/09/2022) explica que as correções não tem que vir de Vitori preferencialmente, que é

importante que pessoas cis da equipe façam esse papel, pois pessoas trans já estão cansadas de corrigir transfobia.

A oficina de formação sobre LNG assim como a série *Linguagens Opressoras* foi viabilizada pela verba do programa VAI- fomento à Cultura da Periferia de São Paulo e foi aberta a outres comunicadories dentro da Rede de Jornalistas das Periferias, possibilitando a formação a outros veículos da Quebrada. A PEM foi contemplada no fomento com o projeto *Repórter da Quebrada*[14] *– Uma morada jornalística de experimentações,* que aconteceu simultaneamente ao processo de transição para uso da LNG.

Assim, o *Repórter da Quebrada* foi o projeto principal que incorporou a oficina de LNG com Alfie e a série *Linguagens Opressoras.* O fechamento do processo de residência foi o lançamento do livro *Repórter da Quebrada: Experimentações marginais nas práticas jornalísticas* que traz as experiências e metodologia desenvolvidas ao longo de 13 anos de trabalho. Ele foi escrito inteiramente em linguagem neutra em gênero e impessoal, apesar de não abordar o processo de incorporação da LN na PEM e foi o primeiro produto físico lançado pelo veículo.

> Desde sua fundação, a Periferia em Movimento promoveu mais de 2,5 mil horas de encontros de aprendizagem (entre cursos, oficinas e palestras) sobre mídia, direitos humanos e periferias com mais de 5 mil participantes, especialmente adolescentes estudantes de escolas públicas.
>
> Esses encontros apresentam conceitos e práticas do campo do jornalismo e como isso vai ao encontro da realidade nas periferias, em um processo contínuo de experimentação do fazer jornalístico da Periferia em Movimento que serve como base e ao mesmo tempo é aperfeiçoado nas vivências realizadas com participantes. Por isso, é válido dizer que a metodologia de educação midiática da produtora não se restringe ao período do encontro de aprendizagem, como se estende para a própria forma de trabalho do grupo (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2022, online).

[14]O *Repórter da Quebrada* é a metodologia de trabalho da PEM para produção de Jornalismo da Quebrada e educação midiática. O veículo, desde 2015, proporciona diversas oficinas de educação midiática para adolescentes de escolas públicas usando a metodologia. Em 2021, lançou pela primeira vez um programa de residência em Jornalismo, *Repórter da Quebrada – Uma morada jornalística de experimentações.* Diferente das experiências anteriores, teve uma duração maior e apontou a outro público. O curso selecionou cinco jovens ligades ao jornalismo e teve duração de 14 meses. Thiago conta que começaram a ministrar oficinas com encontros menores entre duas e oito horas de duração. Depois desenvolveram cursos de três meses, Vitori e Pedro participaram de cursos como esses, em 2015 e 2017 respectivamente e hoje fazem parte da equipe. Todas as formações têm em comum os tópicos: periferias, mídia, direitos humanos e garantia de direitos, adaptados de acordo com o público, tempo e formato. O projeto *Repórter da Quebrada* foi contemplado pelo VAI no final de 2020 e executado entre 2021 e 2022. Com ele, entram na equipe Gisele Brito, Jornalista, mulher cis negra e Vitori Jumapili, Produture audiovisual, trans não-binarie e negre. Ambes passam a atuar como especialistas no projeto, e têm contato direto com residentes. “Por conta desse projeto a gente tem a possibilidade de expandir a equipe e abrir vagas. Nos permitiu divulgar vagas, nós nunca tínhamos feito isso. Aí é o momento de nos posicionarmos publicamente que nós íamos priorizar determinadas pessoas para as vagas” (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 22/07/2022).

O trecho acima é da notícia que divulga o lançamento do livro. A publicação fecha o ciclo de residência e é também patrocinado pelo fomento do programa VAI, mas não se restringe à residência, explorando a metodologia completa de educação midiática. O público alvo do livro são educadories que possam levar o conteúdo à frente.

A PEM foi pioneira na adoção da LNG no Jornalismo e tornou- se referência para outros veículos. Este fato foi percebido quando, no dia 06 de maio de 2023, Aline Rodrigues e Vitori Jumapili foram convidades a apresentar o *Case Caminhos e desafios de implementar o uso da linguagem neutra no Jornalismo. Como ir além na cobertura e na inclusão de pessoas LGBTQIAP+?*, representando a PEM no *Festival 3i.* Este festival foi realizado pela Associação de Jornalismo Digital e patrocinado pela Google, Meta, Luminate, *TikTok*, Fundação Tide Setubal, Clua (Climate and Land Use Alliance), Fundação Ford, OAK Foundation e produção da Cardápio de Ideias Comunicação e Eventos.

3.3 O EDITORIAL

Conforme já mencionado, o compromisso de uso da Linguagem Neutra em gênero (LNG) pela PEM é assumido a partir da publicação do editorial da LNG. O texto explica que a data faz referência à revolta de Stonewall em Nova York, nos Estados Unidos e lembra a importância da luta no mês do orgulho, em que muitos veículos jornalísticos e campanhas publicitárias relembram a data. A produtora reforça seu posicionamento editorial para então abordar a Linguagem Neutra em gênero, tópico principal do editorial:

> Como mídia nascida e criada em uma quebrada de São Paulo e voltada a outras pessoas também de quebrada, a Periferia em Movimento tem como objetivo contar histórias de quem está à frente de lutas pela garantia de direitos. Muitas vezes, abordando temas que a mídia comercial e do centro não aborda. Em quase todas ocasiões, com a perspectiva que só quem tá do lado de cá da ponte consegue entender.
>
> Questionar e desconstruir padrões faz parte de nossa função. E dentro de toda a pluralidade existente em territórios periféricos, é importante destacar as pautas levantadas pela comunidade LGBTQIA+, que pautam questões pertinentes a toda a sociedade.
>
> É a partir da vivência e diálogo intenso com quem tá na ponta que a gente vem se reformulando, se adaptando… e por isso, escolhemos o dia de hoje para dar mais um passo importante: a adoção da linguagem neutra e impessoal em nossos conteúdos daqui pra frente. (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2021, online)

Os tópicos seguintes da publicação trazem alguns questionamentos e reflexões: *Mas do que se trata isso, afinal?; Por que isso é importante?* e *Como vamos fazer isso?* e acrescenta o vídeo do encontro *Linguagens opressoras: Gênero e sexualidade*. O material compõe falas coletadas na oficina interna de LNG oferecida com Alfie Chaves e também do encontro *Linguagens opressoras* que teve Elânia Francisca e Thiago Peniche como convidades, mostrando ao público parte do processo que a própria produtora passou para chegar até ali. O texto continua conclui com exemplos textuais de uso da LGN.

Em relação a escolha dos pontos a tratar no editorial, Thiago (ENTREVISTA, 20/09/2022) reforça a importância de ser um texto didático que explorasse o porquê e o como iam fazer essa mudança.

> A gente traz esse ponto no dia do orgulho que é uma data de luta de garantia de direitos e a gente traz essa reflexão para o nosso contexto enquanto uma mídia periférica, um veículo jornalístico de quebrada que atua diante de várias questões estruturantes da sociedade brasileira. Uma sociedade de origem colonial, escravocrata, que preserva ainda todos esses elementos patriarcais, racistas e que o nosso jornalismo brasileiro reproduz isso e ao reproduzir isso ele pode muitas vezes legitimar isso e perpetuar a continuidade. No nosso caso, como a gente se propõe a tentar romper minimamente com isso, desnaturalizar essas questões do cotidiano. **Quando a gente decide aplicar a linguagem neutra, o que estamos fazendo é tentar romper com essa lógica que está colocada sobre questões de gênero e toda a binariedade que é imposta.** O editorial tenta dar conta de tudo isso, de trazer esse contexto, a data é essa, em que lugar a gente está, porque existe essa data, o que essa data tem a ver com a gente. A gente fala qual esse movimento a gente tem feito para buscar desconstruir as questões de gênero e contemplar quem não se encaixa dentro dessa norma. A partir disso quais são as medidas práticas que a gente pretende tomar (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022, grifos da autora).

A construção do editorial está relacionada à garantia de direitos, tema principal das pautas da PEM, já que o uso da LNG permite a visibilidade de pessoas trans não binárias e a desnaturalização da binariedade como única opção possível, conforme cita Thiago. Padilha e Palma (2017) afirmaram que a subversão da lógica de gênero amplia a forma como enxergamos corpos diversos. Tira-se do natural ser homem e ser mulher, e entende-se que estas identidades são construções sociais validadas pela linguagem.

O processo de formação para uso da LNG aconteceu entre Maio e Junho de 2021, como estava próximo ao dia do Orgulho LGBTQIAP+ a equipe decidiu lançar o posicionamento nesta data, aproximando-se da agenda *setting* midiática mas com uma perspectiva contra-hegemônica.

O título do editorial: *Linguagem neutra no Jornalismo? Estamos dispostes!* usa o adjetivo disposto/disposta flexionado para o neutro, marcando a neo linguagem já no primeiro contato com o texto. A construção do título foi uma escolha de Thiago, “se a gente quer usar a

linguagem neutra, nós temos que marcar isso de forma objetiva" (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022). Assim, a flexão no neutro demarca esse espaço. A primeira alternativa de título trazia: Estamos prontes! Contudo, prontes dava a ideia que o veículo não iria errar. Estarem dispostes é no sentido de entender que é um processo, que haverão erros e a busca por aperfeiçoamento, sem uma fórmula pronta a ser seguida, explicou Thiago.

Além do neutro flexionado, o editorial apontou o uso da linguagem impessoal, quando se afirma: "vamos procurar usar frases com palavras que já têm essa neutralidade" (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2021, online). Para o uso do neutro flexionado aponta exemplos de uso, que se adequam principalmente, ao sistema Elu (MOKWA, 2019), demonstrado no quadro abaixo.

Quadro 3- Sistema Elu

Norma Culta	Sistema Elu
Ele/ela	Elu
Dele/dela	Delu
Meu/minha	Mi/minhe
Seu/sua	Su/sue
Aquele/aquela	Aquelu
O/a	E

Fonte: Produzido pela autora (2023) a partir de MOKWA (2019)

O editorial expõe alguns exemplos, escritos por Vitori, a fim de demonstrar como seria o uso do neutro nos conteúdos:

> "Essu é Dan, elu é nosse professore" – Essu = essa/esse; elu = ela/ele; nosse professore = artigos definidos equivalentes a "a" e "o" ; "Elu é fotógrafe"; "Algumes convidades vão entrar agora"; "Você conhece ê irmane delu?" – novamente, aqui, o "ê" pode ser um artigo definido alternativo a "a" e "o"; no caso de palavras com acento til, como irmão/irmã, flexionamos a palavra mantendo pronúncia similar; "Eu sou amigue de algumes escritories" = Em palavras que terminam em "r" e que têm o plural a flexão "es" (como escritor/escritores, professor/professores), para demarcar a neutralidade inclui-se um "i" no meio do termo; "Você precisa conversar com aquelu médique"; "Ê Auria cantou aquela noite, lembra?"; "Es menines já chegaram?" (PERIFERIA EM MOVIMENTO, 2021, online)

O trecho retirado do editorial mostra também a explicação gramatical para cada uso do neutro. Como complemento cita dois guias de LNG que podem ser usados para aprofundar-se no tema tratado e que servirão de apoio ao veículo: o *Guia para "Linguagem neutra"*

(PT-BR) de Ophelia Cassiano (2019)[15] e *Dicas para escrever sem linguagem específica* de Aster [sobrenome não divulgado][16] (2019).

Assumir um posicionamento editorial foi o objetivo desde o momento em que a PEM escolheu adotar a LNG nos conteúdos. Ou seja, durante o processo de formação da equipe sobre a LNG já sabiam que seria publicado um editorial e alguns conteúdos de apoio nas redes sociais, explicando o que é a LNG, como se aplica e como pode ser usada, contou Thiago (ENTREVISTA, 20/09/2022). O editorial foi escrito majoritariamente por Thiago, com exceção dos exemplos de uso da LNG sugeridos por Vitori.

"Eu escrevi mas, baseado no que foi esse processo formativo que a gente teve, tudo que está ali foram coisas que vieram nessas formações" (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022). Como apoio à escrita do texto, Pedro contou (ENTREVISTA, 23/09/2022) que sempre entregavam a Thiago um relatório com o que aconteceu nas reuniões do processo de implementação da LNG[17], decisões tomadas e passos dados. As pesquisas e conversas eram registradas em um documento colaborativo no Drive. Todo esse material contribui para a escrita do editorial. Antes de publicado, Thiago apresentou o texto à equipe.

O texto é assinado pela associação, no campo de autoria consta: Periferia em Movimento. Como explicou Aline, "A escrita do editorial é sempre um posicionamento institucional, é uma escolha não ter assinatura" (ALINE RODRIGUES, ENTREVISTA, 22/07/2022). Apesar de Thiago ser responsável pelo texto, ele representa um processo que envolveu todo o veículo.

3.3.1 Repercussão do editorial

No site da PEM, o editorial não recebeu nenhum comentário. E assim como nas demais reportagens produzidas pelo veículo, o texto foi divulgado no *Instagram, Facebook* e *Twitter*, onde, igualmente, recebeu poucos comentários. De modo que não são significativos para avaliar uma repercussão. De acordo com Thiago (ENTREVISTA, 20/09), na distribuição

---

[15]Disponível em: https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b . Acesso em Junho de 2023

[16]Disponível em: https://amplifi.casa/~/Asterismos/dicas-para-escrever-sem-linguagem-espec%C3%ADfica Acesso em Junho de 2023. Este material apresenta apenas o primeiro nome da pessoa autora. Assim, não conseguimos identificá-la pelo sobrenome

[17]Para pensar nas formações sobre LN para a equipe e conteúdos que envolviam o posicionamento da produtora, criou-se um grupo de trabalho específico para a atividade. Era composto por Vitori Jumapili, Pedro Salvador e Aline Rodrigues

do editorial pelo *Whatsapp*, o retorno das pessoas foi positivo. Contudo, a PEM perdeu o acesso às mensagens do aplicativo deste período, pois o celular foi furtado, assim não pudemos levantar exemplos.

A produtora de Jornalismo faz parte da Associação de Jornalismo Digital (AJor). Dentro do grupo da associação, a PEM recebeu mensagens positivas e pedidos para entender mais sobre o uso da LN no veículo após o posicionamento editorial. Thiago (ENTREVISTA, 20/09) disse ter sugerido encontros internos entre associados para tratar do tema, mas estes nunca foram marcados de fato.

A partir da publicação do editorial, a *É nóis*, escola de Jornalismo que forma jovens periféricues e atua com projetos para impulsionar a diversidade no Jornalismo brasileiro, sediada em São Paulo, indicou a PEM no projeto *Caixa de Ferramentas*[18]. A Caixa de Ferramentas é voltada a veículos jornalísticos e conta com manuais e ferramentas separadas por categorias para auxiliar na gestão, produção de conteúdo, equipe e mais. Dentro da categoria produtos conta com o conteúdo: *Como incorporar a linguagem neutra na sua redação*[19], onde indica a Periferia em Movimento como referência e contempla um passo a passo que converge em alguns pontos com o seguido pela PEM durante o processo de implementação da Linguagem Neutra em gênero.

3.3.2 Primeiras matérias após a publicação do editorial

As três primeiras reportagens publicadas pela PEM após a divulgação do editorial são: *Periferias promovem educação sexual na contramão de autoridades conservadoras*[20], autoria de Fernanda Souza em 30 de junho de 2021; *Diante da "monetização da vida" pelo governo, movimentos chamam novo ato contra Bolsonaro*[21], autoria da Periferia em Movimento em 01 de julho de 2021 e *Editoras periféricas botam na rua livros e sonhos de quem escreve na quebrada*[22], autoria de Jefferson Rodrigues [*Freelancer*] em 05 de julho de 2021.

A reportagem publicada em 01 de julho de 2021 diferente das outras duas não aponta autoria. Segundo Thiago Borges (ENTREVISTA, 22/07/2022) isto ocorre quando as informações não são de apuração própria do veículo. Ainda, nessa matéria não há indicação ao uso de LNG e impessoal, um padrão adotado nas outras matérias e portanto não será

[18]Disponível em: https://caixadiversidade.enoisconteudo.com.br/pagina-ferramentas/ . Acesso em Junho de 2023.
[19]Disponível em: https://caixadiversidade.enoisconteudo.com.br/como-incorporar-a-linguagem-neutra-na-sua-redacao/ . Acesso em Junho de 2023.
[20]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/educasexual/ . Acesso em Maio de 2023
[21]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/3j/ Acesso em Maio de 2023
[22]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/editorasdequebrada/ Acesso em Maio de 2023

considerada nesta análise. Os dois textos analisados trazem um informativo clicável que leva ao editorial da LNG. Na primeira matéria afirma-se: “Este conteúdo faz uso de linguagem neutra e impessoal. Entenda”. Já na segunda, a mensagem é: “Este conteúdo aplica Linguagem Neutra e sem marcação de gênero. Clique aqui para saber mais!”. A marcação no texto é feita pois, “A pessoa viu ali um termo com pronome neutro, tem esse indicativo para que ela entenda porque estamos adotando” (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022). A PEM mantém esta indicação e o editorial *linkado* nos textos até 01 de fevereiro de 2022 na publicação da matéria: *Com dor da covid e da violência, Cemitério São Luiz vira símbolo de luta por direitos nas periferias*[23], autoria de Thiago Borges. A partir de fevereiro de 2022, os textos mais recentes não levam este lembrete mesmo que a produtora mantenha os conteúdos com uso de LNG e impessoal.

O texto da educação sexual usa a linguagem impessoal prioritariamente, que aparece no título, subtítulo e no corpo do texto. Pessoas que se identificam com gênero binário são tratadas conforme seus pronomes, assim Karolyn Andrade é tratada no feminino e não há necessidade de neutralização da língua ao se referir a ela. O trecho abaixo foi retirado da matéria.

> A educação sexual para crianças e adolescentes é tratada **por governantes** de viés conservador como “ideologia de gênero”, supostamente implementada para combater instituições como a família e a igreja.
>
> Em 2019, por exemplo, o atual ocupante da cadeira de Presidente da República, Jair Bolsonaro, discursou contra informações sobre o tema na “Caderneta de Saúde do Adolescente”, impressa pelo Ministério da Saúde, e sugeriu a pais **e responsáveis** que rasgassem as páginas com ilustrações consideradas “inadequadas” por ele.
>
> O conteúdo era direcionado a **meninas, meninos e menines** entre 10 e 19 anos, e ensinava a usar preservativos externos com imagens de genitais, bem como trazia discussões sobre a descoberta da sexualidade na adolescência (SOUZA, 2021, online, grifos da autora)
>
> [...]
>
> porque **mulheres cis** precisam se emancipar
>
> O prazer ainda é tabu, principalmente numa caçada ao corpo de **mulheres cis** numa ideia de que servem para gerar filhos e atender aos desejos do **homem hétero cis**. Isso acaba inibindo as minas de conhecerem a si mesmas para desfrutar do mesmo direito que um homem tem de “’gozar” (SOUZA, 2021, online, grifos da autora)
>
> **[...]**
>
> **…para combater à LGBTQIA+fobia**

[23]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/cemiteriosaoluizdiadefinados/ Acesso em Maio de 2023.

> A urgência em abordar educação sexual também está ligada em rever as práticas tradicionais da abordagem biológica, que para além de fazer a manutenção da misoginia (onde valida o homem como superior à mulher) **naturalizam a transfobia.** Vale lembrar que a transfobia é o ato de discriminar pessoas transgêneras, ou seja, quem não se identifica com o gênero que lhe foi atribuído no nascimento (SOUZA, 2021, online, grifos da autora).

Nos dois primeiros grifos há um uso de linguagem impessoal, a repórter Fernanda Souza optou por usar o termo governantes, ao invés de pelos governantes, plural generalizado masculino que contemplaria apenas homens nas cadeiras do governo. Ao usar "por" não marca gênero. Ao dizer "e responsáveis", a autora omite o artigo que precederia "responsáveis", evitando a marcação de gênero. No terceiro grifo traz o substantivo "menines" palavra em gênero neutro e flexionada, acompanhada de meninas e meninos, usando também as flexões no feminino e masculino. Thiago (ENTREVISTA, 20/09/2022) explica que o uso das três flexões busca afirmar a posição do uso do gênero neutro mas, ao mesmo tempo, não causar estranhamento no contato com o texto, evitando que a pessoa leitora se prenda a esta questão. A intenção é que a inclusão não se torne mais importante que o conteúdo em si.

As mulheres citadas na matéria (trecho destacado no quarto grifo),são mulheres cis e os homens a que se refere são homens hétero e cis, pois traz uma problemática estrutural que impacta de forma diferente mulheres ou homens trans. Sem esta demarcação poderia colocar a questão a todes, apagando as vivências trans que não se enquadram no caso relatado. Dentro do tema de educação sexual, Fernanda aborda como rever a abordagem biológica que é ainda, misógina e importante para evitar a transfobia. **Trazer uma perspectiva da vivência de pessoas transgêneras reforça, igualmente, o compromisso do veículo com a inclusão de pessoas trans não apenas por meio da LN e impessoal**.

Na reportagem *Editoras periféricas botam na rua livros e sonhos de quem escreve na quebrada,* o repórter Jefferson Rodrigues usa a linguagem impessoal ao longo de todo o texto e se refere às fontes de acordo com seus gêneros respectivos, uma mulher e um homem são fontes nesta matéria. As marcações de gênero aparecem no uso do plural para se referir a um grupo com a flexão no masculino com no exemplo abaixo.

> O mercado editorial nas periferias faz parte de um movimento maior que visa o fortalecimento de um circuito literário próprio. Segundo uma pesquisa divulgada no final do ano passado pela organização Ação Educativa, a maioria dessas editoras surgiu no contexto dos saraus das quebradas. Há editoras que publicaram primeiro suas antologias de poesia com **muitos participantes**, mas também destacaram as **produções individuais de pessoas ligadas** de alguma forma a esse contexto. (RODRIGUES, 2021, online, grifos da autora)

O autor se refere a um grupo de participantes de ontologias de poesias e flexiona no masculino o substantivo participantes [impessoal] a partir do adjetivo “muitos” no masculino. Não usa LNG e/ou impessoal nesta frase. Já na frase seguinte, parte da mesma oração, segundo grifo do trecho, faz uso da linguagem impessoal. Em outro fragmento, o repórter usa a LNG flexionando o termo contratados. “Ainda é raridade encontrar pessoas periféricas na lista de **contratades** de grandes editoras. E-mails com textos, poesias, mostras e projetos literários muitas vezes demoram a receber uma resposta – isso, quando recebem” (RODRIGUES, 2021, online, grifos da autora).

Em ambas as matérias a linguagem impessoal predomina e há, pelo menos, uma flexão para o neutro. A estratégia da linguagem impessoal está de acordo com a proposta explicada por Thiago (ENTREVISTA, 20/09/2022), nela ele apontou que o objetivo é tornar o uso da LNG mais descomplicado e não afastar a leitura pelo estranhamento do público, o que é mais simples com o uso do impessoal. Estratégia diferente do que fica em evidência no editorial, onde todos os exemplos levantados são de LNG com flexão seguindo o sistema Elu (MOKWA, 2019).

3.4 CONCEPÇÃO DAS PAUTAS E ESCOLHA DE FONTES

O site da PEM é organizado por editorias e séries de reportagens, produções especiais, que indicam as temáticas trabalhadas pelo veículo. Todas as pautas são divididas dentro destes temas, sendo que o veículo sempre pauta as periferias de São Paulo, ou temas relevantes às comunidades periféricas e que se aproximam da luta pela garantia de direitos.

Figura 1 - Organização do site

Fonte: print de tela do site periferiaemmovimento.com.br . Acesso em Junho de 2023

"As editorias são mais um direcionamento do que algo limitador, a gente entende que uma pauta não precisa estar limitada a uma editoria específica", explicou Thiago (ENTREVISTA, 20/09/2022). A PEM pode pautar qualquer assunto, desde que a abordagem da pauta siga a linha editorial. O editor chefe (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/22) conta que não existe restrição de pauta, como acontece, por exemplo, na Agência Mural[24], que não cobre violência nas periferias. Na PEM as pautas dificilmente são negadas, mas podem ser trabalhadas para se enquadrar numa abordagem que faça sentido para o veículo.

> Como eu dei o exemplo, uma vez a Camila que trabalhava com a gente queria trazer uma pauta sobre maquiagem. Ok, a gente nunca fez uma pauta sobre maquiagem e aí como a gente traz isso dentro da linha editorial da Periferia em Movimento? [...] Tem coisas que estão muito emergentes para a gente falar que já está ali na pauta do dia. Mas tem outras coisas que não é tão simples perceber como a gente traz isso numa abordagem própria da periferia em movimento. Não tem uma restrição assim sabe, tem uma priorização e um cuidado (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/22).

A pauta proposta por Camila que Thiago cita é a reportagem *Autoestima das pessoas negras: uma construção diária*[25], publicada no dia 23 de novembro de 2020. O processo de construção da pauta demandou aprofundar no assunto para entender a abordagem que caberia ao veículo. Assim falar de maquiagem e de cabelo relacionando com a autoestima de pessoas negras e a construção de identidade, "se relaciona com enfrentamento ao racismo a partir de ações individuais que estão relacionadas com ações que são coletivas, ainda que não seja um movimento" (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/22).

A pauta sobre maquiagem foi sugerida durante o programa de residência *Repórter da Quebrada*. Com a entrada de cinco jovens que não estavam inserides no contexto do veículo,

[24]Agência de Jornalismo das periferias que cobre a Grande São Paulo e tem como missão minimizar as lacunas de informação e contribuir para a desconstrução de estereótipos sobre as periferias. Visite o site em: https://www.agenciamural.org.br/ . Acesso em Junho de 2023.
[25]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/autoestimapessoasnegras/ Acesso em Maio de 2023.

diversas pautas nunca abordadas surgiram. Entre elas Thiago e Vitori (ENTREVISTA, 23/09/2022) destacaram: A cultura de odiar os ciclos menstruais[26]; *Free Fire*: Febre entre a molecada, *game* alimenta perspectivas nas periferias[27]; O *medley* de funk: Rodas de rima que acontecem nas ruas treinam MCs para os palcos[28] e Grau de bike: Praticantes defendem cultura periférica como lazer, esporte e movimento de "ruptura" na cidade[29].

> Thiago: Sobre grau de bike. São manobras, que o pessoal faz com bike, com moto e tal. Empinar a bike,é um negócio que existe desde sempre, né? Mas agora existe uma mobilização mesmo, da galera se reunir, ir pra um lugar para ficar treinando, fazendo manobras. Então a gente fez uma matéria sobre isso. Tem uma relação com cultura, com identidade ali. Uma questão mais comportamental.
>
> Vitori: E a gente partiu desse lugar de ser de quebrada, né? E também dessa juventude se juntar. E de ocupar a cidade. Porque sai da quebrada e vai para outros lugares pra fazer esse evento da bike.
>
> Thiago: Às vezes é uma parada que é tão banal, assim, tão cotidiana pra gente, que tá aqui, e que muitas vezes a gente não enxerga que aquilo tem um componente político. Ou passa a ter, né? Não porque a galera quer, mas porque a galera se junta pra ir andar de bike e é recriminada. Né? Pela população, pela polícia. E aí existe uma elaboração política a partir disso também. Então eu acho que pra gente é o que interessa, assim. É... Pra periferia em movimento é o que interessa. Porque a gente entende que as nossas relações são políticas. Todas as relações que a gente estabelece são políticas. Por mais que digam que não. No caso da bike é isso. Dos meninos lá do Medley, que eles se juntam. As imagens falam por si, né? Eles estão na quadra, fazendo a música na viela. Aquilo é político. Tem uma elaboração política ali, tem uma intervenção política ali, que é no território, que tá falando das vivências deles. (THIAGO BORGES e VITORI JUMAPILI, ENTREVISTA, 23/09/2022)

É possível falar de menstruação, jogos, música e esportes dentro da perspectiva da PEM defende Thiago. Pois são todos temas que perpassam a identidade e vivência periféricas e de alguma forma falam de direitos. O Jornalismo enquanto produto social reproduz a sociedade que está inserido (MEDITSCH, 1998), neste caso a PEM reflete os temas emergentes nas periferias de São Paulo.

Outro aspecto que influencia na escolha de pautas é o público prioritário da PEM. Ao refletir sobre as pautas Thiago (ENTREVISTA, 23/09/2022) aponta que nem sempre o que é óbvio para a equipe é também para quem consome o conteúdo, e sempre tomam esse cuidado na concepção de uma pauta. Para Benetti (2008) a criação da narrativa jornalística, demanda entender "o que se diz", isto é a pauta em si, mas também aciona o leitor virtual, ou seja "para quem se diz", para quem a pessoa jornalista está produzindo. O público prioritário da

---

[26]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/menstruacaociclos/ Acesso em Junho de 2023.
[27]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/freefirenasquebradas/ Acesso em Junho de 2023.
[28]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/medleydefunk0222/ . Acesso em Maio de 2023.
[29]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/culturadograu/ Acesso em Junho de 2023.

PEM, mulheres periféricas entre 30 e 40 anos, chefes de família, funciona como o leitor virtual acionado. Para quem o veículo acredita estar produzindo.

> Um exemplo recente de uma matéria que saiu sobre pessoas brancas periféricas. Tem que colocar do debate da branquitude, a gente chega num debate, beleza mas tem pessoas brancas nas periferias né. O que essas pessoas brancas da Periferia, elas compõem o sistema da Branquitude mas, se beneficiam desse sistema de opressão? Fizemos um debate com pessoas brancas para falarem do que é ser branco na periferia. Para a equipe foi muito frustrante, a conclusão é que as falas que foram feitas foram muito do mesmo, coisas que já sabiam e tudo o mais. Nosso papel aqui foi pensar e para o nosso público? O que chega desse debate exatamente? pra gente que tá imerso nesse debate realmente parece que não tem nada de novo. O que a gente consegue trazer nesse debate que pode ser relevante para o nosso público? Então, tem sempre uma discussão quando a gente vai discutir as pautas de não é porque a gente sabe que todo mundo tá sabendo porque o acesso a informação é muito limitado ainda. Coisas que são óbvias para algumas pessoas são uma novidade para outras é uma questão de desigualdade no acesso à informação mesmo. Não é ah a branquitude é um sistema…tá e no dia-a-dia? A gente tem que falar de como isso se dá na prática, como isso chamaria a atenção de quem tá pegando o busão lotado para ir trabalhar e vai chegar a noite em casa. O que isso tem a ver com o dia-a-dia dela, então esse cuidado que a gente busca ter assim. (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 23/09/2022)

Este cuidado com o público prioritário também se faz presente na adoção da LNG. Esta é uma das razões pelas quais se opta principalmente pelo uso da linguagem impessoal, sem flexões para o neutro, tornando-a mais acessível. O cuidado no texto, a LNG não influencia na escolha de pautas. Apenas nas matérias explicativas sobre o tema. “Só quando a gente fez o posicionamento, dentro da proposta de comunicar isso pro mundo de produzir alguns conteúdos específicos sobre isso” (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 23/09/2022).

As pautas podem ser sugeridas por qualquer pessoa da equipe, ainda que ela não seja da reportagem. A PEM dá espaço para todes produzirem reportagens e se aproximarem do Jornalismo, em paralelo às funções que exercem. Essa prática aumenta a diversidade de pautas, uma vez que as sugestões costumam estar relacionadas ao dia a dia das pessoas. Este fato ficou evidente na reunião geral do dia 20 de setembro de 2022, da qual participei. Como dito no perfil do veículo no início da análise, a PEM tem dois modelos de reunião que são intercalados, uma reunião apenas de pauta quinzenal e remota e uma reunião geral que também trata de pautas e ocorre quinzenalmente de forma presencial. A seguir trago um trecho do meu diário de campo, referente a esta reunião.

> No final da reunião, a equipe comenta matérias que estão em produção e sugerem novas pautas. Vênuz fez uma reportagem pela primeira vez em um barracão de Candomblé na Zona Norte ,para falar sobre as crianças do Candomblé, elu tinha gravado no domingo anterior [reunião foi terça-feira] junto de Vitori. Tiveram um problema de gravação, que em alguns momentos o microfone direcional não captou som e o único áudio foi do microfone da câmera, mas que era possível recuperar o áudio e não perder as entrevistas. Outra situação relatada por Vênuz foi que elu e Vitori sofreram transfobia na gravação. Ambes são pessoas não binárias, Vênuz que

> foi quem agendou a gravação avisou ao Pai de Santo, líder religioso, que iriam duas pessoas trans NB e que gostariam que usasse pronomes neutros ou masculino e ainda assim eram tratades no feminino a todo momento. A troca de pronomes chateou e foi cansando ao longo do dia que passaram no barracão relata, Vênuz acredita que as pessoas ali não sabiam e imaginou que o Pai de Santo avisaria que iriam receber pessoas trans no espaço. Como sugestão para evitar situações assim, Aline sugeriu durante a reunião, que toda a equipe usasse um protocolo de se apresentar e dizer seus pronomes assim que chegasse a um espaço para apuração, para evitar dúvidas e desconfortos. E que isso seria seguido também por pessoas cis, para que o constrangimento não recaia sempre apenas sobre pessoas trans. Vênuz traz por fim, que a matéria ficou bem legal e acredita que por elu ter sido uma criança de Candomblé aproximou mais as crianças entrevistadas.
>
> Vênuz levantou a ideia de tratar sobre o acesso à economia da quebrada e comenta sobre como se virou sozinhe para aprender sobre MEI e o processo de abrir um CNPJ. Toda a equipe começa a contar sobre suas dificuldades com o MEI e surge a ideia de trazer uma oficina em cima do tema, voltada à comunidade. Neste momento, Thiago me pergunta se também sou MEI, eu disse que não, era CLT felizmente e todes concordam que é raridade no cenário trabalhista atual. Da pauta a ideia permeia falar com várias pessoas trabalhadoras precarizadas, entender como se organizam e como a insegurança com o futuro afeta o emocional delus. Thiago traz que na quebrada tem muito MEI.
>
> Rafael levantou sobre a ideia de abordar a construção identitária da categoria parda. A ideia surgiu da vivência pessoal dele, contou que em alguns ambientes sociais estava se auto classificando como pardo e que essa discussão era nova. Algumas pessoas teriam aversão enquanto outras reivindicam a disputa do pardo. A ideia de Rafa era entender como tornar esta categoria habitável, como está no imaginário popular. Thiago, contou que já foi classificado como pardo mesmo ele se auto definindo como branco. Rafa fala que o termo pardo é um lugar espinhoso, que varia muito do espaço que a pessoa ocupa. Ele trouxe que a Mãe de Santo dele, líder religiosa, é negra retinta e para ela ele é branco. A discussão da equipe termina na ideia de que se o movimento negro não se apropria do pardo, a branquitude se apropria e que esse tema deve ser tratado. Existindo inclusive uma parcela indigena que se considera parda. (DIÁRIO DE CAMPO, SÃO PAULO, 20/09/22)

Como é possível perceber no relato do diário de campo, pessoas que não são da reportagem atuaram na concepção de pautas, a matéria das crianças de Asé foi sugerida e produzida por Vênuz (Social Media), e Rafael (Designer) sugere a pauta na temática: construção identitária da categoria de cor/raça parda. Enquanto, a discussão sobre os processos do MEI teve a participação de todes presentes. As pautas trazidas ao coletivo acionam a ideia de horizontalidade na construção de narrativas. O modelo horizontal de trabalho em grupo corrobora o modelo ativista que visa formar os próprios membros do veículo. (ROVIDA, 2020). Que aprendam a conceber uma pauta. Rafael levanta durante a roda que a Periferia é uma fonte infinita de pautas, essa afirmação demonstra o olhar atento para concepção de pautas, desenvolvido pela equipe. Mesmo pelas pessoas que não são jornalistas por formação. Já as pautas da seção Anotaí, normalmente notas curtas, surgem de *releases* das assessorias de imprensa ou curadoria de alguém da equipe que é demandado para a tarefa.

Vênuz, me explica com mais detalhes como surgiu a pauta das crianças de Asé comentada na reunião geral.

> Eu fui uma criança de Candomblé, né? Eu sou iniciado, desde os meus dez anos. E aí eu comecei de um tempo pra cá, assim, eu me afastei durante muito tempo da religião, por causa de transfobia. E aí voltando tudo isso, né? Resgatando tudo isso eu comecei a pensar muito sobre essas crianças nesse espaço, né? E coisas que, tipo, quando eu era criança, eu não reparava. Então eu fiquei pensando, tem coisas que aconteciam e eu não reparava que era uma violência pela minha religião, ou, tipo, o que é ser uma criança de Candomblé na escola, em qualquer outro lugar E eu quando eu comecei a pensar, eu comecei a pensar, de Candomblé na escola, em qualquer outro lugar ? E o quanto isso faz, tipo, a gente crescer de maneiras diferentes também, de jeitos de pensar diferentes. E aí eu pensei muito sobre isso, tipo, eu comecei a ver também muitas matérias sobre violência com essas crianças. E eu sempre vi no lugar da mãe. A mãe falando sobre como é ter um filho de Candomblé. E aí eu comecei a querer fazer essa pauta. E aí eu quis propor essa pauta de ouvir as crianças. De falar com as crianças, de saber o que elas pensam sobre. E aí veio a ideia, e a equipe super topou de primeira. Acharam interessante eu fazer por uma questão até de representatividade. Tipo, ter uma pessoa que passou por isso, entrevistando as crianças. E eu acho que isso até levou o caminho da conversa para um lugar diferente. Porque, tipo, a gente estava conversando com as crianças, e aí elas respondiam e eu não fazia outra pergunta, eu falava da minha vivência também para elas. De como era, na minha época. Então, acho que isso tornou as coisas de um jeito muito mais leve. Foi muito incrível poder produzir isso. (VÊNUZ CAPEL, ENTREVISTA, 26/09/2023)

A pauta produzida por Vênuz foi um exemplo de uma vivência pessoal que o levou a pensar em um tema e elaborar na reunião de equipe. O barracão onde a matéria foi produzida não é o que Vênuz frequenta, a escolha foi feita pois o Pai de Santo do local tem muites filhes, e conseguiram entrevistar crianças e adolescentes de várias idades. Era um espaço bastante voltado para as crianças, tinha até brinquedoteca. Como fontes, Vênuz conversou com o Pai de Santo como especialista e as próprias crianças que foram entrevistadas em roda e iam revezando o espaço de fala.

Vale destacar que nem sempre quem propõe a pauta a produz, como foi o caso da pauta das crianças de Asé. A pauta do corre eleitoral, produzida pela Paula Sant'Ana, e citada na reunião, foi sugestão do Thiago, dentro da temática Eleições 2022.

> Então, no cenário de pauta, a gente estava falando bastante sobre eleições, né? Então, a ideia era fazer séries das eleições, aí tanto o Zapcast que a Gisele e outras pessoas estavam tocando, quanto matérias paralelas, pra não ficar só no áudio. A ideia era pegar tanto o pessoal da equipe quanto freela, para fazer alguns outros conteúdos. O Thiago foi desmembrando algumas possíveis pautas e a gente foi conversando e ele achou pertinente eu ficar com uma pauta de candidaturas periféricas. Porque eu conseguiria acompanhar mais do que, por exemplo, um freela, que às vezes faz um conteúdo um pouco mais curto (PAULA SANT'ANA, ENTREVISTA, 13/10/2022).

Essa pauta assim como de costume foi sugerida e desmembrada em reunião, uma reunião de equipe e não a exclusiva para pautas. No processo de definir o caminho da pauta e

as fontes, Paula explicou que Thiago lhe passou alguns contatos de candidaturas periféricas, ela buscou outros pelo *Instagram*, chegando a ter dez fontes, mas conseguiu acompanhar de fato três pessoas em suas campanhas eleitorais. “Algumas pessoas foram caindo por causa de divergência de agenda. Aí isso acabou pegando, porque às vezes dia de semana não dá, aí você joga pro final de semana, aí um é de um lado da cidade, o outro lá do outro lado” (PAULA SANT'ANA, ENTREVISTA, 13/10/2022). Tratando um pouco mais da escolha de fontes na pauta, a repórter explica:

> Paula: A gente pegou, a Isis é do União Popular pelo socialismo, o Douglas, do PT e o Paulo, ele tava por um partido de direita, e ele é um candidato da periferia, ele mora até aqui perto, no Campo Limpo, mas ele é eleitor de Bolsonaro. Não foi uma pauta direcionada para um viés político ou outro. Foi vamos acompanhar o que as candidaturas periféricas estão fazendo e quais as necessidades de agenda e de dinheiro na periferia.
>
> Eu: Ter dois candidatos de esquerda e um de direita foi uma escolha de fontes ou coincidência?
>
> Paula: Não, não. Eu acho que é porque a maioria das candidaturas periféricas vão para partidos de esquerda, então eu acho que naturalmente isso seria mais evidente. Na verdade, surpreendeu a gente conseguir trazer uma candidatura periférica de direita, ou talvez alguma coisa que fosse mais neutra, mais do centro assim, seria diferente, né. Mas assim, eu conversei com muitos candidatos do PT, do PSOL, de vários partidos assim. O Paulo foi uma exceção, de ser totalmente acolhedor, porque ele também faz trabalho com a Igreja Brasil África lá no centro, então ele foi totalmente engajado com as questões da periferia. (PAULA SANT'ANA, ENTREVISTA, 13/10/2022)

O prazo de publicação da matéria era o primeiro turno das eleições, ao todo foram quatro semanas de produção. De forma que, mesmo que a repórter desejasse consultar mais fontes, não havia mais tempo. Ainda assim, pela viabilidade da publicação manteve as três fontes que aparecem na matéria. A proposta da pauta de apresentar as agendas, falar da verba disponível para campanha e mostrar como atuam as candidaturas periféricas foi cumprida , pois muitas das dificuldades e pontos relatados são comuns a outras pessoas periféricas que concorrem nas eleições gerais.

A matéria *Artista periférica faz petição e denuncia censura de vereador a graffiti de “Nossa Senhora do Matriarcado”*[30]*,* foi uma indicação da própria artista, que consultou se a PEM poderia falar sobre a censura da obra. É um caso diferente dos *releases* da seção Anotaí, de forma que também é pauta indicada, mas se desdobra para uma matéria maior produzida por Thiago. Sobre a origem da pauta, ele relata:

[30]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/nossasenhoradomatriarcado/ Acesso em Junho de 2023.

> É uma artista aqui da região que a gente conhece, tem uma relação. Ela resolveu não se identificar. Ela quem sugeriu falar sobre isso, ela queria fazer essa denúncia. Tinha saído no g1 e em outros portais da mídia hegemônica e a gente pautou também. Ela preferiu não se identificar pela represália que estava sofrendo. Ela procurou, a gente topou fazer a pauta e fazer esse questionamento à prefeitura e ao vereador lá né (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022).

A reportagem não conseguiu abordar o contraponto, pois não obteve respostas das autoridades questionando a razão pela qual cobriram a arte em *graffiti* da Nossa Senhora do Matriarcado. A solução encontrada para manter o questionamento proposto na pauta original foi apontar a falta de retorno no próprio texto.

> **O que dizem as autoridades**
>
> A **Periferia em Movimento** questionou o mandato do Delegado Palumbo por e-mail, mas não obteve retorno até o momento.
>
> A reportagem também questionou a Prefeitura de São Paulo e as Secretarias Municipais de Cultura e Educação para entender os critérios para manter ou não um graffiti na parede e se a administração municipal deve fazer algum tipo de "filtro" sobre intervenções artísticas. Por meio de nota, a Secretaria Especial de Comunicação limitou-se a dizer que "a Prefeitura de São Paulo, por meio da Secretaria Municipal de Educação, informa que a imagem foi removida e reafirma o seu respeito a todas as religiões" (PERIFERIA EM MOVIMENTO, ONLINE, 18/10/2021).

Na escolha de fontes, assim como na concepção das pautas, a LN não é aplicada, mas ela é consequência do processo. Segundo Thiago, a equipe prioriza a consulta de pessoas trans como fontes em matérias de assuntos diversos, e não apenas na editoria de Gênero e Sexualidade.

> Tem uma questão que a gente já colocava de trazer outros grupos, a ideia é desconstruir o que é universal: o homem branco, cis, hétero. Hoje isso tem mudado um pouco ainda bem, mas pessoas negras só são chamadas quando a pauta é racismo, pessoas LGBT só são chamadas quando a pauta é questão LGBT. **A gente quer ter pessoas trans como fonte em uma matéria sobre inflação. Inflação pega todo mundo e pega mais quem tem outros direitos violados. A gente quer ouvir pessoas trans para falar da educação.** Claro, se a gente traz uma pessoa trans para falar de educação muito obviamente a gente vai falar de ser uma pessoa trans na educação, seja como professora seja como estudante. A adoção da linguagem neutra vem mais como uma consequência desses processos, de pensar essas fontes. De **garantir ou pelo menos tentar que haja uma pluralidade de vozes nas matérias e aí se bate com essa pluralidade de vozes a gente também tem que pensar o que demanda, no que ter essa pluralidade demanda também de processos, a linguagem neutra acho que é um dos processos que a gente tem que incluir, ela entra nesse processo mas não só a linguagem neutra várias questões**. Se a gente vai falar de criança e adolescente isso vai demandar uma forma específica de tratamento, a gente não usa menor, a gente não usa carente isso também tá na linguagem né, como a gente vai tratar. A gente não usa índio. Coisas assim parecem que estão superadas mas que a gente vê muito em geral. A LNG é mais um processo. (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022, grifos da autora).

Na escolha das fontes também é seguido o princípio de desconstruir o que é universal e desnaturalizar o cotidiano periférico. A ideia de desnaturalizar expande as fontes tratadas nas matérias, as pautas e aprimora os processos da produtora, uma vez que, como apontou o Thiago, as mudanças da PEM vêm das demandas das pessoas envolvidas. Assim, a diversidade faz com que o veículo seja cada vez mais inclusivo.

Outro exemplo, é a matéria *"Cancelada" por governos e população, pandemia coleciona nova infecções e deixa rastro de sequelas*[31], de autoria de Thiago Borges, que surgiu em uma reunião de pauta a partir de uma conversa da equipe sobre as altas nos casos de COVID. A princípio Camila a produziria, entretanto, foi Thiago quem a levou adiante. O texto tem um caráter de alerta à população e traz fontes oficiais e um especialista de fora da periferia. Esse formato é menos comum nas produções da PEM, que busca dar preferência às fontes periféricas e apresentar pessoas com experiências relacionadas ao tema da matéria , além das fontes especialistas. O Thiago explica como foi feita a escolha das fontes desta matéria.

> A escolha de fonte foi assim, é muito difícil você ter uma pessoa especialista em infectologia que atendesse aos nossos critérios de fontes primárias e fontes secundárias. Nesse caso a gente considerou o Dr. Jorge Kayano, porque é alguém que atua com movimentos sociais, ele não é periférico. Enfim ,não é. Mas nesse caso é alguém que tem uma relação, que conhece a real do cotidiano periférico mesmo não sendo uma pessoa periférica. Justamente por ter essa vivência, esse contato com movimentos populares. Porque era um receio dependendo da pessoa que a gente vai ouvir, um especialista não periférico, ele vai trazer uma abordagem enviesada culpabilizante para a própria pessoa que tá na periferia. Apontar como solução ficar em casa, não trabalhar, é criminalizar ainda mais o periférico. A gente não precisa disso. A gente sabe o que tá pegando. Quem ficou em casa foi quem pode ficar em casa, mas a maioria da população não pode ficar em casa, não pode se prevenir, tem todo um cansaço então, a gente também pensou nisso. Com o Kayano ele trouxe uma abordagem realista (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022)

De todas as entrevistas realizadas para esta pesquisa, a única pessoa que apontou o uso da LN já na concepção da pauta e escolha das fontes foi Paula, repórter. Este uso é de acordo com as pessoas envolvidas no processo de produção e na preparação das entrevistas, com um olhar atento caso haja fontes que são trans.

> Eu acho que entra desde o começo, sim. Porque, por exemplo, com quem eu vou falar? Então, quais vão ser as minhas fontes? Se eu vou falar com uma pessoa trans, uma pessoa não-binária, eu gosto sempre de revisar as minhas perguntas, para ver se às vezes eu não esqueci alguma palavra, né? Sei lá, pode ser colocada alguma palavra no gênero feminino, gênero masculino. Então, acho que já entra desde a fonte, ou às vezes da proposta de pauta. Por exemplo, uma pauta de beleza. A gente estava falando sobre beleza, e uma das ideias foi falar com pessoas que trabalham

[31]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/covidcancelada062022/ Acesso em Maio de 2023.

> em salão de beleza, com maquiagem, mas são pessoas trans que acabou não dando certo. Mas, a gente fez essa reportagem, e eu cheguei antes do Vitori. E aí eu já estava fazendo a reportagem, o Vitori chegou, e o pessoal tratou no pronome feminino. E depois eu conversei, né? Com o Vitori, eu falava assim, como que eu poderia ajudar com esse tipo de coisa para que isso não aconteça?. Porque eu sei que foi desconfortável. E a gente estava naquela correria, e quando elu chegou, não dava assim, como você vai se apresentar no meio de uma reportagem e explicar, sabe? E aí elu falou assim: 'olha, acho que quando você for falar que uma pessoa vai te acompanhar, você pode falar que é uma pessoa não-binária, que são pronomes tal e tal'. Porque às vezes causa aquela primeira impressão estranha. Então, acho que esse cuidado tem que estar em todas as partes da pauta. Então, tipo, na apuração, na escolha de fonte, às vezes dependendo de quem vai acompanhar. Então, acho que ela entra em várias etapas. Mas acho que onde mais aparece mesmo é na parte do texto (PAULA SANT'ANA, ENTREVISTA, 13/10/2022).

3.5 PROCESSO DE APURAÇÃO DE MATÉRIAS

O processo de apuração inicia logo após a definição da pauta. A escolha das fontes, abordada no tópico anterior, também faz parte deste processo. Para analisar o processo de apuração, me centrei no relato e análise de pautas acompanhadas no processo de *newsmaking* e outras indicações de matérias feitas por entrevistades, partindo da retomada do processo de produção durante a entrevista.

Na reunião geral do dia 20 de setembro de 2022, soube do andamento da matéria de Paula sobre a campanha de candidaturas periféricas (citada no tópico anterior) e a oportunidade de acompanhá-la e observar o que restava da apuração. Agendamos o encontro em frente ao Teatro Municipal de São Paulo, no dia 24 de setembro de 2022. Passaríamos o dia juntas, seguindo as agendas eleitorais das candidaturas periféricas: Douglas Belchior (PT) e Isis Mustafá (UP) , fontes da reportagem. Destaco a seguir alguns trechos do meu diário de campo onde relato os espaços que estivemos, pautas partidárias tratadas e o processo de apuração da Paula.

> Encontrei a Paula no Teatro Municipal onde ia acontecer um ato de campanha de Isis Mustafá, candidata a deputada federal da União Popular pelo Socialismo. Estamos sentadas juntas nas escadarias e Paula usa o celular como bloco de notas e também para bater fotos do momento.
>
> Ela está no ato para acompanhar a Isis, uma de suas fontes na pauta de candidaturas periféricas que está elaborando. Assistimos diversas pessoas do partido falando, aos poucos mais pessoas se aglomeraram na escadaria em frente ao Teatro. Paula tirou fotos do ambiente, das bandeiras do partido e palestrantes presentes. Ela também fez alguns vídeos e anotações das principais pautas do partido. Entre as pautas partidárias uma que me atentei é que o partido tinha a meta de entregar 2 milhões de panfletos naquele final de semana. Chegar em mais pessoas é uma grande dificuldade das candidaturas periféricas que acompanhamos.
>
> Estamos no centro de São Paulo, mesmo sendo um sábado a tarde é bem movimentado e um pouco caótico. Muitas pessoas passaram por ali e o movimento

> de skatistas também era grande. Duas mulheres do partido ofereceram brownies para comprarmos, compramos um cada. Paula fotografou a venda de brownies. Próximo de nós, um homem alcoolizado estava sentado na escadaria e repetia a todo momento que é tudo mentira as falas do partido. O candidato a presidente, Léo Péricles, falou e recebeu uma salva de palmas em seguida. Mais tarde, Paula comenta comigo que Léo Péricles, não tinha chance de estar em um debate presidencial, ainda que fosse candidato à Presidência da República.
>
> Estava bem difícil de entender as falas, pelo barulho da rua e caixas de som de lojas ali próximas. Uma das falas, feitas por uma mulher do partido, me chamou atenção pois ela trouxe: voluntários, voluntárias e voluntaries, com o uso da LNG. Não consegui entender quem era ela e qual seu papel no partido. O discurso em geral do partido trouxe a retomada do socialismo e a importância das candidaturas pretas. A dificuldade de ouvir aumenta quando uma pessoa, nas Casas Bahia começou a divulgar promoções no microfone, o barulho cobre totalmente as falas das candidaturas.
>
> Estarmos nas escadarias do Teatro é bastante simbólico, já que o lugar não costuma ser ocupado por pessoas periféricas. Vários turistas passaram pelo espaço e o contraste era nítido para mim. Isis fez sua fala e no final do momento o partido chamou uma passeata pelo centro da cidade. Paula decidiu não acompanhar pois ainda tínhamos outro compromisso no outro extremo da cidade. Paula não conseguiu fazer a entrevista com a candidata e combinou de conversar posteriormente pelo *Whatsapp.*
>
> Depois da pauta no Teatro fomos até Itaquera de metrô para acompanhar o comício do Lula, onde estaria Douglas Belchior, candidato periférico petista. Paula comenta que o comício de Lula foi agendado depois da pauta de campanha de Douglas. A fala de Douglas aconteceu em outro espaço, uma escola que cedeu uma das salas mas estava próxima ao local do comício do candidato a presidente.
>
> Vitori nos encontrou no comício para fazer a cobertura fotográfica do evento. O espaço estava muito cheio, foi em uma praça pública e ficamos bem distantes do palco. Após o comício do Lula vamos andando até a escola, lá estão as candidaturas da Uniafro Brasil e Douglas Belchior, fonte da matéria da Paula. Ela gravou em áudio o evento inteiro. No fim tentou entrevistar Douglas, mas muitas pessoas queriam falar com ele e novamente não conseguiu a entrevista. Assim como fez com Isis, ela combinou de retomar o contato pelo *Whatsapp.* (DIÁRIO DE CAMPO, 24/09/2022)

O resultado foi publicado no dia 29 de setembro de 2022, com o título C*orre eleitoral: Candidaturas periféricas intensificam campanhas para ganhar votos na reta final*[32]. A matéria apresenta cada candidatura, cita as principais pautas defendidas pelo partido e pelas pessoas candidatas, apresenta a verba disponível para campanha e a razão da escolha do local para o ato de campanha acompanhado na apuração. A repórter compareceu em um ato de campanha de cada candidatura. A entrevista com Paulo Ataíde (PMN), fonte da reportagem, foi feita presencialmente no dia 15 de setembro de 2022 na feira livre do Parque Ipê, região do Campo Limpo (zona Sul de São Paulo), onde o candidato panfletava. Paula explica que no dia que encontrou o candidato ela estava com mais tempo e conseguiu fazer a entrevista

[32]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/correeleitoral092022/ Acesso em Maio de 2023

presencialmente e no local do ato. Neste dia, Pedro fez as fotos. “Nos outros foi aquela correria que você acompanhou. Teve a necessidade de voltar para o *WhatsApp* para entrevista” (PAULA SANT`ANA, ENTREVISTA, 13/10/2022). No *Whatsapp, a repórter* enviou as perguntas e pediu aes entrevistades que respondessem por áudio no intuito de ter respostas mais completas.

> Eu já mandei no WhatsApp e falei assim, se pudesse ser áudio. Porque, às vezes, quando as pessoas escrevem, a entrevista por texto é muito ruim. Porque a pessoa vai escrever duas linhas. E, às vezes, num áudio de cinco minutos, você tira muito mais coisa do que um textinho de um parágrafo. Então, eu fiz umas três, quatro perguntas, assim, tipo, para as principais, né. Por que escolheram fazer essa agenda neste local? Qual foi o intuito? Então, pensando em local geográfico e estratégia, né. Então, tipo da União Popular e Socialista, para eles, era muito marcante lá [Teatro Municipal], por ser um lugar que as pessoas negras foram impedidas de entrar durante vários anos. Então, é uma coisa que, talvez, lá eu não tenha perguntado. E quais eram as perspectivas e os afazeres que eles tinham na reta final? Porque a gente estava, tipo, a uma semana das eleições. Então, saber se era hora de descansar ou se era hora de focar para poder conseguir mais votos. Foi isso que eu perguntei a mais. A base da pauta eu já tinha. Porque você vai para o lugar e você sente muita coisa. Você faz as pesquisas, você tira a foto, você grava vídeo. Então, isso aí já vai construindo a história da própria pauta (PAULA SANT`ANA, ENTREVISTA, 13/10/2022).

A principal dificuldade foi o acesso às fontes e a discordância de agenda entre a repórter e as candidaturas. Nas pesquisas *online* obteve as informações de verba eleitoral. Entre as fotos da repórter selecionadas para a matéria aparece a da venda de brownies.

Na reunião geral, Vênuz levantou a matéria crianças de Asé, produzida por elu como repórter, e Vitori, na cinegrafia e edição de vídeo, conforme já comentamos no tópico anterior. A reportagem foi publicada dia 12 de outubro de 2022, em celebração ao dia das crianças com o título: *Infância e religião: Crianças no Candomblé garantem perpetuação de cultura ancestral* [33]. A data está dentro da agenda setting, mas a abordagem traz a preocupação de diversificar enfoques (MORAES, 2013). O vídeo traz as crianças como protagonistas na reportagem e aborda o papel delas na religião Candomblé, uma perspectiva própria do veículo que difere do Jornalismo hegemônico ainda que o dia das crianças esteja na mídia hegemônica. A pauta foi proposta por Vênuz, iniciade no Candomblé aos 10 anos de idade, trazendo assim uma relação pessoal do repórter com a história contada. Na produção também estava Vitori, praticante da religião Umbanda, de matriz africana e, assim como o Candomblé, minorias no Brasil. No último levantamento do Datafolha (2020)[34], a pesquisa apontou que apenas 2% dos brasileires são de Umbanda, Candomblé ou outras religiões afro-brasileiras,

---

[33]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/criancasaxe102022/ Acesso em Maio de 2023.
[34]Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/datafolha-50-dos-brasileiros-sao-catolicos-31-evangelicos-10-nao-tem-religiao-24186896 . Acesso em Junho de 2023

enquanto 50% são católiques e 31% evangéliques. O surgimento e execução dessa pauta é consequência da diversidade de pessoas na redação da PEM, sem a presença de Vênuz a pauta para tratar das crianças no Candomblé dificilmente seria sugerida.

A matéria foi produzida em vídeo e tem um texto de apoio que complementa a publicação no site. O vídeo começa com a entrevista das crianças trazendo o que mais gostam de fazer no barracão. O espaço é frequentado por 13 crianças e adolescentes entre 2 e 15 anos, aponta o texto. As falas do líder religioso e das crianças entrevistadas são alternadas. Um dos temas é a intolerância religiosa e o preconceito com as crianças de Umbanda e Candomblé, que não existe nas religiões cristãs. Apesar do líder religioso ser de Candomblé, cita a Umbanda na entrevista. Ao longo do vídeo, as falas carregam termos específicos da religião que são explicados em boxes na tela para o entendimento de todes. Todos os boxes e inserções da reportagem são escritas em LN. O líder religioso explica que o Candomblé quer libertar as pessoas das amarras coloniais, e fala sobre a ancestralidade africana que a religião cultua. A reportagem como um todo apresenta principalmente a visão das crianças sobre a vivência delas e o que é o Candomblé.

A intolerância religiosa sofrida pelas crianças vem do racismo estrutural, por ser uma religião da cultura negra. Akotirene (2018) levantou a interseccionalidade deste caso. A autora diz que:

> Juntos, racismo, capitalismo e heteropatriarcado devem ser tratados pela interseccionalidade observando os contornos identitários da luta antirracista diaspórica, a exemplo dos brancos de candomblé, que argumentam **opressões religiosas sofridas, ignorando que os ataques impostos ao candomblé são, precisamente, ataques contra a cultura do povo negro**. A indumentária afrorreligiosa para alguns brancos é situacional, individual e provisória, por vezes até mesmo mais um capital cultural, simbólico e político (AKOTIRENE, 2018, online, grifos da autora).

Na apuração da reportagem Vênuz e Vitori, duas pessoas não binárias, sofreram transfobia no espaço, pois eram tratades no feminino pelas pessoas ali presentes. Essa questão foi levantada na reunião geral.

> A pauta de Vênuz foi feita em um barracão de Candomblé na Zona Norte ,para falar sobre as crianças do Candomblé, elu tinha gravado no domingo anterior [reunião foi terça-feira] junto de Vitori. Tiveram um problema de gravação, que em alguns momentos o microfone direcional não captou som e o único áudio foi do microfone da câmera, mas que era possível recuperar o áudio e não perder as entrevistas. Outra situação relatada por Vênuz foi que elu e Vitori sofreram transfobia na gravação. Ambos são pessoas não binárias, Vênuz que foi quem agendou a gravação avisou ao Pai de Santo, líder religioso, que iriam duas pessoas trans NB e que gostariam que usasse pronomes neutros ou masculino e ainda assim eram tratades no feminino a todo momento. A troca de pronomes chateou e foi cansando ao longo do dia que

> passaram no barracão relata, Vênuz acredita que as pessoas ali não sabiam e imaginou que o Pai de Santo avisaria que iriam receber pessoas trans no espaço. Como sugestão para evitar situações assim, **Aline sugeriu durante a reunião, que toda a equipe usasse um protocolo de se apresentar e dizer seus pronomes assim que chegasse a um espaço para apuração, para evitar dúvidas e desconfortos. E que isso seria seguido também por pessoas cis, para que o constrangimento não recaia sempre apenas sobre pessoas trans.** Vênuz traz por fim, que a matéria ficou bem legal e acredita que por elu ter sido uma criança de Candomblé aproximou mais as crianças entrevistadas. (DIÁRIO DE CAMPO, 20/09/2022, grifos da autora)

A sugestão de Aline de que as pessoas da equipe se apresentem e digam seus pronomes nos momentos de apuração pretende evitar a transfobia pela troca de pronomes. Contudo, **pode entender-se este novo procedimento como um impacto da LNG na etapa de apuração.** Isto porque pelo uso da LNG feito na PEM, a equipe passou a estar mais atenta também à questões trans. O impacto é no processo produtivo como um todo não só quando a apuração envolver Vitori ou Vênuz, já que as pessoas cis igualmente devem adotar o procedimento proposto.

Em entrevista posterior, perguntei a Vênuz como lidava com a transfobia na etapa de apuração. Como a reportagem das crianças de Asé havia sido a primeira produzida por elu, seguimos nesta discussão.

> O que aconteceu na gravação dessa matéria, foi guardar pra mim e aí não expor e tipo, não falar nada com as pessoas. Porque **é muito difícil quando a transfobia é no mercado de trabalho. Quando você tá trabalhando. Porque eu não tô ali pra ensinar ninguém, sabe?** Tipo, nenhuma pessoa cisgênera chega e fala:'Oi, eu sou cisgênero, cisgênero é isso e isso'. Ninguém faz isso. **E aí essa necessidade de eu ter que ir trabalhar duas vezes, né? De trabalhar porque eu preciso ganhar minha grana, fazer meus corre. E trabalhar porque eu preciso ensinar as pessoas que não sabem sobre.** Então, muitas vezes é cansativo e aí eu acabo deixando, assim, sabe? Eu acho que, principalmente quando eu tô com outra pessoa trans, né? Que foi no caso dessa matéria que eu tava com o Vitori. Eu tento me controlar um pouco mais também. Porque eu sou um pouco explosivo**.** Mas quando eu tô com outra pessoa trans eu tento me controlar. Porque não é só sobre o meu corpo, né? É outro corpo ali. Então a gente nunca sabe como cada um de nós vai se atingir com aquilo, né? Mas é difícil, assim. Ainda não tem uma fórmula, assim, sabe? Vai muito do dia. Mas eu tento quase nunca partir pra uma discussão, sabe? Porque também é algo muito cansativo, né? E que fere, tipo, o meu lado profissional também. (VÊNUZ CAPEL, ENTREVISTA, 26/09/2022, grifos da autora)

Antes de ir a campo, Vênuz avisou ao líder religioso que iriam ao local duas pessoas trans que se identificam com pronomes neutros ou masculinos, contudo, essa informação não foi considerada pelas fontes ao recepcionar a dupla de repórteres. Assim, a narrativa construída a partir da apuração teve impacto pelo lugar de fala de Vitori e Vênuz, enquanto pessoas trans NB e periféricas. Neste contexto entende-se lugar de fala não no sentido de representatividade, mas de onde se fala, o lugar social que o indivíduo está localizado (RIBEIRO, 2022). Naquela situação estavam no barracão enquanto profissionais de

Jornalismo, com o objetivo de trabalho, o que também mudou a forma como a opressão é sentida.

Na entrevista em dupla com Vitori e Pedro, igualmente levantei a questão da transfobia durante a apuração de uma pauta, sem me referir especificamente a matéria do Candomblé. Assim como Vênuz, Vitori citou a reportagem das crianças de Asé.

> Eu acho que nos lugares que a gente ocupa geralmente, eu estou em um lugar de não ter uma passabilidade. As pessoas não sabem que eu sou trans geralmente. Porque para as pessoas eu performo uma feminilidade. Eu sou viste como uma mulher. Então, quando eu falo que eu sou não binário. Que eu atendo pelos pronomes neutros e quando não, prefiro pronomes masculinos, causa um estranhamento. Mas, na maior parte dos lugares que eu estive, eu fui bem recebide. E tem lugares que a gente não tem esse espaço de fala, de se apresentar. Esse espaço de troca. No domingo, a gente foi gravar em um terreiro [de Candomblé]. Vênuz já fez o trampo de trocar ideia com o pai de Santo de lá. E já avisar que iam duas pessoas trans não-binárias, que se possível avisar essas pessoas. Mas não aconteceu isso, porque essa pessoa não acha que é importante. A gente chega nesse espaço já sendo tratade no feminino. **Quando a gente vai fazer essa nova apresentação não tem tempo por conta de estar corrido. As coisas que eu sofro enquanto transfobia em espaço de troca jornalística são mais desse lugar [de troca de pronomes].**
>
> Também tem espaços em que a gente escuta coisas transfóbicas. Mas, parte desse lugar que essas pessoas estão em outra vivência. E que às vezes isso não vai passar pela cabeça dela que é transfobia. Porque ela não tem contato com pessoas trans e não sabe**. O meu movimento, se eu tenho contato com a pessoa, eu tento trocar essa ideia. Falar que não tá certo.** Porque na hora da gravação, na hora de tirar foto, na hora da entrevista,não tem como a gente parar pra que a gente faça essa intervenção também. Na situação que aconteceu de a gente escutar coisas transfóbicas. Eu peguei o contato da pessoa para trocar uma ideia com ela. Pra falar que não era legal. Que ela estava sendo uma pessoa transfóbica. Nem sempre rola esse diálogo (VITORI JUMAPILI, ENTREVISTA, 23/09/2022).

A reportagem é produzida a partir de uma **condição de dispositivo** (BENETTI, 2008). Isto é, condições de produção que englobam: acesso às fontes, constrangimentos da profissão e variáveis materiais. Benetti (2008), ao se referir aos constrangimentos vivenciados por repórteres em sua prática profissional, cita questões relacionadas às políticas editoriais e crenças das empresas patrocinadoras dos jornais. Sua análise considera o modelo de produção do Jornalismo hegemônico que se sustenta na publicidade, contudo, acredita-se que é possível ampliar essa compreensão e observar, igualmente, as condições de dispositivo no Jornalismo contra-hegemônico. Afinal, os constrangimentos continuam existindo só mudam de tipo. Entre eles podem citar-se: o caráter militante dos meios alternativos, que devem se questionar qual o limite da minha militância? (SERRANO, 2013); A falta de verba nas produções e a Interseccionalidade comum nas equipes de reportagem que as coloca em maior vulnerabilidade comparadas a mídia hegemônica. Compreende-se que, no caso da reportagem citada acima, **a transfobia sofrida é um constrangimento, que interfere no discurso**

jornalístico (BENETTI, 2008). Para Vênuz, a situação vivida influenciou na sua desenvoltura ao fazer as entrevistas que refletem no resultado final.

> Vênuz: Acho que eu e Vitori demos o nosso melhor [na matéria das crianças de Asé], assim, que vai sair algo lindo. **Mas eu acho que se fosse um ambiente que fosse respeitável a gente poderia ser mais aberte, sabe? Tipo, teria uma outra desenvoltura com as entrevistas, né?** De se sentir confortável no espaço mesmo . Porque começa e aí você fala, não, vou deixar passar. E aí vai passando o dia, você fica o dia inteiro fazendo a matéria com a pessoa. Aí vai passando o dia, você começa a ficar estressade. E aí chegou uma hora que eu já tava de cara feia com todo mundo, sabe? Sendo que não era pra ser assim, né? Então, por exatamente preferir não falar pra não causar um clima. Acho que **afeta até na nossa autoestima mesmo, enquanto profissional. Porque eu acho que o corpo trans, querendo ou não, a gente sempre acaba se comparando com o corpo cisgênero, né? Com o quanto as pessoas cisgêneras conseguem produzir, a gente não. Ou quanto as pessoas cisgêneras conseguem alcançar um lugar e a gente não. Então, acho que querendo ou não, acaba tendo esse comparativo.**
>
> Eu: Isso que tu falou é muito evitar violentar o outro, mas daí você sofre a violência.
>
> Vênuz: E ainda mais porque nessa matéria a gente tava num lugar onde a maioria das pessoas eram... Todas as pessoas ali eram periféricas. A maioria das pessoas eram pretas. Tinham muitas mulheres. Então, a gente acaba pensando na interseccionalidade daqueles corpos, né? Tipo que **não vou colocar esse corpo em um lugar de violento.** E aí acaba acontecendo com a gente. (VÊNUZ CAPEL, ENTREVISTA, 26/09/2022)

Ao precisar lidar com a transfobia e a carga do trabalho ao mesmo tempo, o processo de produção torna-se exaustivo e motivo de comparações com corpos cis, Vênuz ao ser atravessade pela avenida identitária da transexualidade sente uma opressão que pessoas cis não sentem, parte de outro lugar.

Para entrevistar as crianças, Vênuz usou um formato similar a entrevista coletiva, todas as crianças se sentaram juntas e elu fazia as perguntas e quem se sentia confortável respondia. Ê repórter também usou da sua vivência de Candomblé na apuração, interseccionalidade entre a figura jornalística e ser iniciade. Quando as crianças respondiam uma pergunta ao invés de fazer outra, elu contava da própria vivência enquanto criança de Candomblé e estimulava o diálogo entre elas, formato que só foi possível pelo seu lugar de fala enquanto iniciade na religião. Pela LNG ser um uso habitual do repórter, o diálogo com as fontes e as entrevistas foram feitas em LNG.

> A gente estava o tempo inteiro falando no neutro, eu e Vitori, entre a gente. E acho que isso trouxe até o despertar das crianças. Muitas crianças vieram perguntar pra gente, tipo, o que a gente era. Se a gente era menino ou menina, né? Então, acho que a gente tá usando ali o tempo inteiro. Isso de chamar de amigues, né? Acho que trouxe esse lugar dessa curiosidade pra elas também. Mas a gente usa o tempo inteiro, né? Porque é isso, tipo, eu acho que a linguagem neutra, pelo menos assim, falando por mim. Acho que o Vitori pode falar por elu, mas pra mim é uma coisa que já tá inserida na minha vida. É muito além do trabalho, é muito além do que é politicamente correto, é muito além de... Sou eu, né? Não tem como falar de mim

> sem falar de linguagem neutra. Não tem como falar de mim sem falar de outras pessoas trans que vieram antes de mim. Então, acho que tá ali muito junto, assim, sabe?
>
> Eu: Pra falar com as crianças, vocês usavam o neutro?
>
> Vênuz: Sim, a gente usava o neutro. E aí, tipo, é isso, né? Às vezes a gente via elas ficarem meio assim, tipo, o que é isso? Mas acho que depois foram se acostumando, conforme foi passando o dia.
>
> Eu: Alguma criança teve algum estranho?
>
> Vênuz: Não, nenhuma criança. Eu até achei que em algum momento podia até falar: você tá falando errado, alguma coisa assim. Mas nenhuma falou, assim. A única pergunta mesmo era, tipo, ai, o que a gente era, sabe?
>
> E é de outra forma, né? Porque, tipo, a criança tinha perguntado, perguntou pra mim se eu era menina ou menino. E aí, eu falei que era menino pra não dar um *bug* na cabeça da criança. E aí ela falou, eu achei que você era menina. Eu falei, não. E aí eu expliquei que, tipo, tem pessoas que podem parecer uma coisa, mas se sentem de outra forma e tal. E a criança tá bom e voltou a viver a vida. É muito diferente a forma que as crianças trazem tudo isso (VÊNUZ CAPEL, ENTREVISTA, 26/09/2022).

A LN no processo de apuração não foi um empecilho para compreensão das fontes, mesmo se tratando de crianças. Vênuz acreditava que poderia causar estranhamento, mas não foi o caso. As crianças, ainda um pouco alheias às opressões de gênero e ao padrão cisheteropatriarcal da sociedade, perceberam a situação com naturalidade.

A construção da matéria foi coletiva, pois Vênuz não guiou todo o processo da reportagem sozinhe e as imagens que seriam feitas ficaram a critério de Vitori. O trabalho coletivo é característico do Jornalismo das periferias apontado por Rovida (2020).

> A gente gravou a entrevista em si e depois o Vitori fez várias imagens de cobertura. **E foi uma coisa que nós dois trocamos muito, assim. Acho que para além do vídeo, até mesmo pensar no que seria a matéria e tal**. Porque elu também vem de uma realidade de ser uma criança de Umbanda. Então, achei muito importante ouvir aquela vivência também. Enquanto uma pessoa preta, né? Porque a gente consegue estar em lugares diferentes. **E aí a gente pensou no momento da gravação também. Dar a câmera para as crianças gravarem. Então tem muitas cenas de cobertura que foram as próprias crianças que gravaram.** Elas mesmas, assim. E aí a gente teve a ideia de usar a maioria dessas imagens que elus mesmos gravaram, sabe? Então acho que foi um trabalho muito em conjunto, assim. De nós dois. Acho que a gente vai poder ver melhor agora no primeiro corte, né? Eu tô ansioso, inclusive. (VÊNUZ CAPEL, ENTREVISTA, 26/09/2022, grifos da autora)

Usar imagens feitas pelas próprias crianças reforça a ideia de colocá-las como protagonistas da reportagem e mais uma vez destoa da abordagem da mídia hegemônica, mesmo na data dentro da agenda *setting*.

Outra pauta que está na agenda da mídia tradicional, principalmente dos veículos especializados em moda e beleza, é o acontecimento da *São Paulo Fashion Week*, desfile de marcas de roupas, sapatos e acessórios que acontece duas vezes ao ano na capital paulista. A PEM cobriu o evento uma única vez, na matéria *Em desfile-protesto na SPFW, marca negra e periférica questiona limites de "inclusão" pela branquitude*[35], de autoria de Camila Lima, ex-repórter da PEM.

Em entrevista, Camila apontou essa como sendo a matéria em que teve mais facilidade de aplicar a LNG, isto porque desde a apuração, segundo ela, teve contato com a LNG e é um tema que tem afinidade.

> Desde pequena, eu sempre consumi muito conteúdo de beleza mas, eu não me encontrava representada. O jornalismo veio ao encontro com isso, eu queria muito falar sobre beleza. Mas, não do ponto de vista branco, eu queria falar do ponto de vista [lugar de fala] de uma pessoa negra periférica" (CAMILA LIMA, ENTREVISTA, 26/09/2022).

Foi Camila que sugeriu a pauta da *Fashion Week,* quando descobriu que a Mile Lab, marca de roupas periférica localizada no Grajaú, estaria no desfile. A construção da matéria partiu da observação do espaço, do desfile e de acompanhar os bastidores da marca.

> No momento que eu vou para os bastidores vejo que tinham marcas importantes com maioria de modelos brancos, no *casting* tinham no máximo dois modelos pretos. Aí você olhava para um outro *stand* preparando os modelos você via uma linguagem periférica em nenhum momento ali. E aí você via o *stand* da Mile Lab [marca periférica] preparando os modelos ali e você fala, mano que contraditório, né? E a minha primeira observação foi a partir disso falar... por que a gente só tem modelos negros ou modelos periféricos quando é muito específico como foi esse dia, o projeto que a Mile Lab participou foi um único dia da *Fashion Week*?
>
> E eu sou uma pessoa que sou muito observadora e aí desse ponto de partida a diferença da marca Mile Lab para as outras marcas existentes eu comecei a observar que o espaço estava sendo ocupado de determinada forma só naquele dia ou só naquele evento. Eu assisti o desfile da Mile Lab e fiquei naquele espaço. O desfile em si acontece em um espaço fechado e ali nos andares do Ibirapuera existem outros desfiles que acontecem depois. Então dá pra você circular, tinha umas barraquinhas de comida ali no dia tinha outras coisinhas acontecendo que não tinham muitos corpos negros periféricos. E eu fiquei me questionando: por que será que a Mile só esteve neste momento do desfile?. Eu parei para observar quantas pessoas negras estavam trabalhando naquele local e eu tive uma sacada que foi conversar com uma das meninas que estava na exposição, estava mediando ali a exposição. Foi uma conversa inicialmente muito em *off*. Perguntando pra ela, se ela era modelo, o porquê ela estava ali, se em alguma marca do desfile e como aconteceu pra ela. E aí a gente acabou comentando sobre outras coisas que estavam por trás do desfile. No momento do desfile eu observei que tinham muitas pessoas negras e periféricas na platéia, era uma vitória estar ali para a gente. Mas **quem estava realmente observando e tinha dinheiro para investir nas marcas eram pessoas brancas. E aí eu passei a observar o comportamento dessas pessoas vendo os modelos ali desfilando com uma marca preta.** Essa foi a minha crítica de que os investidores estão mais confortáveis em pensar o que vai vender ou não do que realmente a

[35]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/milelabspfw/ Acesso em Maio de 2023.

> revolução que a gente está fazendo ali no dia. (CAMILA LIMA, ENTREVISTA, 26/09/2022, grifos da autora).

O *São Paulo Fashion Week* é um espaço majoritariamente branco e a apuração de Camila foi atravessada pelo fato dela ser uma mulher negra periférica que não costuma se ver representada naquele espaço. “Muitas vezes, [é] difícil separar opressões de raça, classe e sexo porque, nas nossas vidas, elas são quase sempre experimentadas simultaneamente” (AKOTIRENE, 2018, online). O fato da repórter cobrir um desfile no F*ashion Week* pela primeira vez mostra a falta de acesso a um grande evento do universo da moda, que ela ama, devido às opressões simultâneas de ser mulher, negra e periférica. Como ela mesma aponta, tratou-se apenas um desfile dentro de toda a tradição da indústria da moda, mas já é um ato simbólico de resistência que, ao mesmo tempo, leva a pensar se de fato é resultado de uma preocupação do evento com as parcelas oprimidas. Neste sentido, Akotirene destaca que “articular raça, classe e gênero nem sempre revela preocupação com parcelas oprimidas, existem setores ágeis em tirar lucro político e simbólico das engrenagens identitárias” (2019, online). Ter sido no dia da consciência negra, aumenta este alerta.

O conteúdo publicado foca no ato de resistência e representatividade do desfile que aconteceu no dia 20 de novembro de 2021. Faz referência ao dia da consciência negra, pauta dentro da agenda *setting* da mídia tradicional mas com uma abordagem incomum, falando de moda periférica.

3.6 PRODUÇÃO DE MATÉRIAS

Todas a equipe da PEM participou da formação sobre LNG com Alfie Chaves, e acompanharam as *lives* do *Linguagens opressoras*, proporcionando uma discussão que ajudasse no dia-a-dia das produções, especialmente na compreensão do propósito da mudança na produtora. Ter nítido o propósito do uso da LNG na equipe foi muito importante no processo inicial de transição da linguagem. Para a maioria das pessoas da equipe que foi entrevistada, a produção das reportagens, a escrita dos textos e/ou roteiros de vídeo/podcast e narrações, são as etapas em que a LNG está mais presente. Pois, o cuidado com o uso da LNG na apuração e concepção de pautas aparece, em geral, apenas quando a fonte entrevistada é alguém trans não binária. O único caso em que a LNG apareceu na apuração foi na reportagem das crianças de Candomblé, já que es repórteres (Vênuz e Vitori) são pessoas NB que têm a LNG inserida no dia-a-dia.

A grande maioria des repórteres relataram dificuldade no uso da LNG na produção de matérias com temas complexos, ou com os quais não possuem afinidade, e mais fácil a escrita em LNG nos temas que dominam.

Para Paula, a reportagem mais difícil que já fez usando a LNG foi *Brasil tem xenofobia seletiva, relacionada ao racismo. E a mídia tem papel fundamental nisso*[36]. Reportagem em áudio apresentada por Aline Rodrigues e Fernanda Souza, mas roteirizada por ela e Letícia Padilha em conjunto.

> Acho que foi, de certa forma, **um conteúdo que teve que ter uma dupla atenção**, porque a gente pegou alguns temas bem pesados. Eu lembro da gente pensando em termos xenofóbicos. Então, como escrever de uma forma que não seja ofensiva? **Teve um cuidado tanto com a xenofobia, quanto com o uso da linguagem neutra.** (PAULA SANT`ANA, ENTREVISTA, 13/10/2022, grifos da autora)

A matéria citada é parte da série *Linguagens Opressoras* e se relaciona ao episódio *Linguagens Opressoras: comportamentos xenofóbicos*, que tem o intuito de refletir sobre as diversas opressões causadas por meio da língua, sendo a xenofobia uma delas. Este roteiro já demandava uma atenção na linguagem pelo próprio tema, a LNG foi um fator complementar.

Por sua parte, Thiago e Gisele relataram a dificuldade de se referirem a espaços de poder e cargos que estão cristalizados no senso comum.

> Tem algumas coisas que pegam mais, quando estamos falando de uma categoria específica de profissionais. Quando é um conteúdo que traz cargos que estão muito cristalizados no senso comum, como professor, deputado é mais difícil. A gente sabe, por exemplo, que não tem nenhum deputade, não existe nenhuma pessoa não binária na câmara, aí se convencionou a falar câmara dos deputados no masculino. É mais um lance de como eu trago isso de uma forma que cause um estranhamento em quem está ouvindo mas que isso não se torne o principal ponto daquele conteúdo (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022).

Thiago destaca o exemplo dos cargos políticos que, em geral, são tratados no masculino. Para ele a predominância de homens nestas posições já convencionou a escrita desta forma, o que dificulta neutralizar a língua e causa estranhamento na leitura. Gisele produziu e apresentou o *Zapcast Eleições sem neurose*, *podcast* de cobertura das eleições gerais de 2022 e aponta que sua maior dificuldade foi o formato. Por ser um produto em áudio ela precisou pronunciar os termos no neutro e referir-se aos de cargos políticos muito demarcados. Usar a LNG na fala ainda é uma dificuldade para a repórter. "O primeiro episódio é bem fraco, erro muito o lance da linguagem neutra. Agora eu acho que está melhor. Mas é desafiador porque a gente está muito acostumado a fazer demarcação de gênero" (GISELE BRITO, ENTREVISTA, 27/09/2022).

---

[36]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/xenofobiaeracismo032022/ Acesso em Maio de 2023.

Gisele relata que ao usar a LNG e se habituar a não demarcar gênero, percebe mais facilmente quando outra pessoa demarca gênero na fala. Na PEM, as falas das fontes entrevistadas são mantidas tal qual foram ditas, de modo que não se corrige a marcação de gênero, mas o texto da pessoa reporter é feito em LNG. No sexto episódio do *Zapcast* sobre o governo do estado, Gisele comenta de uma entrevista em que a fonte fazia uma super marcação de gênero, nas palavras da repórter.

> A entrevista que a gente fez, do episódio seis, era muito marcada a questão de gênero na fala da pessoa que a gente entrevistou. Era uma mulher cis lésbica, **ela falava o tempo todo no gênero masculino, para tudo. O cara, não sei o que…O cara... Ele, não sei o que lá. Ela usava sempre o Cara e ele. Em um momento eu pergunto assim: Não sei se você está fazendo porque você quer marcar, porque são cargos majoritariamente ocupados por homens, ou só para você é habitual?** Você está fazendo uma super marcação de gênero na sua fala e tal. E aí ela fala que não, que é um vício de linguagem. E **nesse episódio eu falo, a entrevistada estava falando o tempo todo o cara mas, podia ser uma mina também.** E aí, o resto do texto que eu fiz ele tenta essa neutralidade. E, óbvio, eu não falo para ela, use agora a linguagem neutra. Mas isso também motiva uma pergunta que eu faço para ela. E a gente consegue trazer esse texto de alguma forma, fazer uma ponderação. (GISELE BRITO, ENTREVISTA, 27/09/2022, grifos da autora)

As discussões na redação, as formações e o uso da LNG influenciaram a construção do texto narrado do episódio citado. Certamente antes do processo de adoção da LNG pela PEM, a demarcação de gênero da fonte na sua fala poderia não ser uma questão, já que Gisele não estava habituada a falar no neutro. A pergunta feita pela repórter não teria acontecido, assim como seu apontamento de que aqueles cargos poderiam ser ocupados por outras pessoas que não homens. Este exemplo demonstra que neutralizar a língua vai além de adaptações gramaticais, demanda desassociar os assuntos como exclusivos de pessoas cis e homens, uma vez que a linguagem normativa também é sexista ao usar o masculino genérico (PESSOTTO, 2019) e exclui além das pessoas NB, mulheres.

Temas associados ao universo feminino como a menstruação e a atividade de profissionais da beleza, igualmente trazem consigo uma referência a corpos de mulheres cis e é habitual ignorar outros gêneros que estão nesses espaços. Paula levantou a dificuldade de neutralizar a língua na construção da matéria *Profissionais da beleza das periferias buscam equilíbrio pessoal enquanto resgatam autoestima alheia*[37], publicada em dois de junho de 2022. Assim como Letícia que relatou o mesmo na matéria: *A cultura de odiar nossos ciclos na menstruação*[38], publicada em 16 de dezembro de 2021 e ainda aponta que foi a reportagem mais difícil para o uso do neutro, entre as que produziu na PEM. Além de flexionar as

[37]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/belezapraquetequero2/ Acesso em Maio de 2023.
[38]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/menstruacaociclos Acesso em Maio de 2023.

palavras, era preciso compreender que pessoas trans também menstruam e usam serviços de beleza. As matérias buscam ampliar os temas abordando além de corpos cisgêneros.

> Quando a gente vai falar sobre menstruação, e aí menstruação a gente tá falando de mulheres, mulheres cis e aí homens trans, por exemplo. **E aí quando você vai falar de pessoas não binárias sobre menstruação, dá um nó na sua cabeça, porque você foi ensinada o tempo inteiro, né, que são mulheres cis.** Para mim, há um ano atrás já seria difícil escrever sobre homens trans ou homens que menstruam. Foi nela que eu fiquei com mais dúvida, porque eu precisava muito usar o pessoas que menstruam, não era só mulheres menstruando**.** Nessa eu senti um pouquinho mais de dificuldade, acho que por conta do cotidiano, você está acostumado a falar sobre o assunto para um determinado público e só para esse público [Mulheres cis]. **É questão do costume, você não lê coisas com pronomes neutros, você não lê sobre pessoas não binárias, você não lê sobre pessoas trans, então você não consegue fazer isso** (LETÍCIA PADILHA, ENTREVISTA, 17/10/2023, grifos da autora).

Uma vez que a PEM está sendo pioneira no uso da LNG, não ter contato com outras matérias jornalísticas que usem a LNG e tratem de pessoas não binárias, reduz as referências acionadas pela equipe nas construções dos textos. Letícia conta que depois da formação sobre LNG começou a pesquisar a respeito do tema e ter mais contato com a linguagem tornando a aprendizagem mais simples. A formação foi fundamental para que ela conseguisse escrever em LNG desde a primeira versão de seus textos, não deixando apenas para o momento de revisão.

De acordo com a equipe, as editorias não influenciam no uso da LNG, nenhuma delas foi apontada como fator de dificuldade e nem de facilidade para a neutralização da língua portuguesa. Nem mesmo a editoria Gênero e Sexualidade que é mais afim a causa trans.

O uso da linguagem pela PEM visa a inclusão de pessoas trans, assim o gênero neutro é destinado apenas a pessoas, excluindo a neutralização ao se tratar de animais e objetos. A matéria *Animais de rua: População se mobiliza para dar assistência a bichinhos nas periferias*[39] de autoria de Pedro Salvador, ilustra esse caso. O elemento central da reportagem são as fotos, acompanhadas por três parágrafos de texto. Nela não há demarcações de gênero e nem flexão da língua para o neutra, é usada a linguagem impessoal.

> **A solidariedade das pessoas** que fazem isso é de fato notável, até porque durante a pandemia houve um aumento na quantidade de animais abandonados e representa um risco para eles como também a saúde pública. Em julho de 2021, nós fizemos uma matéria em que citamos um dado da Organização Mundial da Saúde (OMS). De acordo com a OMS, são mais de 30 milhões de animais vivendo nas ruas em todo o Brasil. (PEDRO ARIEL SALVADOR, REPORTAGEM, 24/08/2022, grifos da autora)

No grifo do trecho acima da matéria o uso do substantivo “pessoas” é impessoal. Ao tratarmos desta matéria, Pedro argumenta: “Quando eu penso em animal, eu nem penso em

[39]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/animaisderua082022fotos/ Acesso em Maio de 2023.

gênero assim e aí essa matéria em específico teve esse essa facilidade, de não ter que se preocupar com isso [uso da LNG], porque eu estava falando de animais" (ENTREVISTA, 23/09/2022).

3.7 EDIÇÃO E PÓS-PRODUÇÃO

Na PEM o processo de pós-produção varia conforme o formato. Se for um vídeo quem assume o fechamento é Pedro, coordenador audiovisual que revisa os vídeos antes de serem disponibilizados. As matérias em texto são revistas por Thiago, que assume o papel de editor geral. Neste sentido, praticamente tudo o que é publicado passa pela revisão de Thiago. A exceção são os posts nas redes sociais que Vênuz tem autonomia para produzir e postar sem passar pela revisão do editor.

Depois da adoção da LNG além da revisão do texto é feita uma revisão de LNG, buscando garantir que todo o material seja divulgado sem marcação de gênero. Thiago (ENTREVISTA, 20/09/2022) contou que quando o texto é produzido pela equipe, normalmente já chega às suas mãos em LNG e os ajustes são menores. Mas, em casos de repórteres *freelancers*, precisa passar o conteúdo inteiro para a LNG. No período que visitei a produtora, Setembro de 2022, o manual de redação estava em desenvolvimento e serviria também de apoio aos *freelas* que prestam serviços eventuais para a PEM. A edição do texto se torna mais difícil quando demanda transformar para a LNG o material inteiro. Thiago explicou que, para ele, não é difícil escrever um texto em LNG, a dificuldade está em editar e ajustar a LNG no texto de outra pessoa. O que muitas vezes demanda alterar a construção de frases.

Paula contou que sente liberdade ao escrever para a PEM, pois no veículo tem o apoio de Thiago, enquanto editor para correções de linguagem. A escrita em LNG torna-se um processo de aprendizagem na medida em que os erros de seu uso são ajustados na revisão do editor e explicados por ele. Quem escreve recebe um retorno de onde estava a falha de linguagem e como poderia ter sido feito. Agregando conhecimento para a próxima produção.

Thiago é a única pessoa na produtora com a função de revisão de textos. "Pode acontecer de outra pessoa editar, a Aline e a Gisele já editaram. Mas nem sempre acontece [ter edição quando Thiago é autor]. Mas preferencialmente sim, pelo menos uma revisão" (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022).

Vale destacar que, embora sejam feitos ajustes nos texto, as falas das fontes citadas entre aspas nunca são editadas e nem passadas para a LNG, pois se entende que seria uma forma de manipular o modo como a fonte se expressa.Thiago explica:

> Eu acho que tem um lance que é, esse debate da linguagem neutra ainda tá muito incipiente, está muito restrito a algumas áreas. Então acho que uma coisa é a gente se posicionar e adotar essas práticas. Nem todo mundo tem o posicionamento sobre isso e muitas vezes quando há um posicionamento sobre isso é contrário a isso. Inclusive no campo progressista, falas como: as pessoas estão passando fome e você vai falar de linguagem neutra? Uma coisa não exclui a outra. Uma coisa é o uso de Linguagem para você contemplar a parcela de uma população que precisa daquilo. Então sabe, não tem nem comparação, não faz nem sentido comparar.
>
> O que a gente tá fazendo consegue contemplar o público que demanda mas, também tem um sentido pedagógico com as outras parcelas de público com as quais a gente dialoga, de ensinar. E não necessariamente a gente vai conseguir explicar para a fonte o que é a linguagem neutra. É um processo. Não é porque a gente está nesse processo que as outras pessoas estão.
>
> Se eu edito uma fala dela, eu estou interferindo no processo que é dela, entendeu. A gente não chegou nesse ponto de diálogo com as nossas fontes, por exemplo para que elas apliquem a Linguagem neutra ou elas absorvam isso. (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022)

Nos casos em que algum erro na aplicação da LNG passa despercebido na revisão e é publicado, o texto pode ser editado no site. Já quando trata-se de um vídeo ou áudio, o ajuste é mais complexo, de modo que fica de aprendizado para a próxima produção. Uma situação particular de edição ocorre quando um conteúdo produzido pela PEM é publicado em outro veículo e depois republicado. Nesse caso pode haver uma edição para incorporar a LNG. Foi o caso da matéria *"Perdi meu filho para a depressão e hoje acolho outras pessoas trans e suas famílias"*[40], de autoria de Pedro Salvador. A reportagem foi originalmente publicada no Uol Universa por meio do Selo Plural[41], e é uma exceção das demais produções, não só pela publicação, mas pela fonte principal ser do Rio de Janeiro (RJ) e ter sido entrevistada remotamente.

Quando a PEM é contratada por outro veículo, sempre se acorda a produção de uma matéria com recorte da vivência periférica, produzida a partir da política editorial da PEM. Esta matéria teve uma edição feita pelo UOL e uma reedição do Thiago, antes de entrar no site da PEM. Neste caso, a pauta foi proposta pela produtora, mas "depende da empresa, vai ter empresa que a gente vai apresentar toda a pauta e vai ter empresa que já vai querer te contratar com uma ideia de pauta." (PEDRO SALVADOR, ENTREVISTA, 23/09/2022).

---

[40]Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/donaivonicisaliada072022/ Acesso em Maio de 2023.
[41]Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/07/06/perdi-meu-filho-para-a-depressao-e-hoje-acolho-trans-e-suas-familias.htm Acesso em Maio de 2023.

Como a matéria trouxe como fonte principal Ivone Campos, no Rio de Janeiro as fotos foram produzidas pelo UOL.

> Vitori: Essa foi uma produção que o Pedro fez e entrevistou uma pessoa do Rio de Janeiro então não foi a gente que foi tirar foto, foi uma pessoa cis branca que não era de quebrada tirar essa foto da Dona Ivone. Ela até comentou que teve um desconforto.
>
> Pedro: Nem sei se é tão legal falar sobre isso, mas é isso como a gente tem mais cuidado com pessoas periféricas, a gente sabe melhor como chegar nelas. Se é um lugar [veículo] que tem uma maioria de pessoas de classe média alta, o tratamento vai ser outro. Então às vezes tem esse embate de produzir uma coisa conjunta, o que essa outra pessoa pensa não é exatamente o que a gente pensa. (VITORI JUMAPILI e PEDRO SALVADOR, ENTREVISTA, 23/09/2022)

Quando perguntei a Pedro o que mudou nas duas versões da matérias ele afirmou que foi a própria narrativa:

> Eu: O que você chama de narrativa?
>
> Vitori: É que ele conta de outra maneira
>
> Pedro: É porque eu trago de um olhar mais de uma pessoa que faria um vídeo. Porque é isso eu tenho esse olhar mais documental, não jornalístico. Eu trago mais aspas e aí a edição do Thiago tirou algumas aspas porque eu realmente trouxe muitas muitas aspas mas, aí essa reedição pega essas aspas, transforma em textos, deixa algumas frases e troca a ordem enfim. Troca essa narrativa no sentido de que eu trago de um olhar de falar muito mais sobre a Dona Ivone do que do filho morto dela, falar muito mais sobre ela, sobre quem é ela, sobre o que ela faz além dessa tristeza do que aconteceu, das coisas ruins, trago as coisas boas.
>
> Vitori: E qual é o trampo dela enquanto cis aliada, que é esse o foco né.
>
> Pedro: E aí meio que muda um pouco essa chavinha em vez de falar mais sobre ela falar mais sobre o filho que tudo bem falar, mas é muita dor né. A gente já falou sobre isso, parar de pautar um pouco a dor e pautar um pouco mais o pós (VITORI JUMAPILI e PEDRO SALVADOR, ENTREVISTA, 23/09/2022)

As mudanças a que Pedro se refere são entre a versão original do texto produzido por ele e a versão publicada nos veículos, já que o texto publicado pela PEM e pelo UOL tem pouquíssimas diferenças que comparo a seguir.

> UOL: Demétrio se suicidou em 17 de maio de 2020. Para a comunidade trans, na verdade, ele **"foi suicidado",** termo utilizado para se referir a situações em que a discriminação social, a transfobia ou a homofobia se tornam fatores que estimulam **o ato.** (UOL, 06/07/2022, online, grifos da autora)
> PEM: Demétrio se suicidou em 17 de maio de 2020. Para a comunidade trans, na verdade, ele **foi suicidado**, termo utilizado para se referir a situações em que a discriminação social, a transfobia ou homofobia, se tornam fatores que estimulam o **ato de suicídio** (PEM, 26/07/2022, online, grifos da autora).

No primeiro trecho a diferença é sutil e apenas de redação, em que a PEM opta por não usar aspas no termo foi suicidade e no final acrescenta de suicídio ao ato.

> UOL: Depois que Demétrio faleceu, ela assumiu as redes sociais do filho com o intuito de manter sua memória viva. Aos poucos, suas publicações e lives chamaram a atenção de mais pessoas, que **a procuravam para pedir conselhos e ajuda** (UOL, 06/07/2022, online, grifos da autora).
> PEM: Depois que Demétrio faleceu ela assumiu as redes sociais do filho com o intuito de manter sua memória viva. Aos poucos, suas publicações e lives chamaram a atenção de mais pessoas trans, que **a procuravam para pedir conselhos, ajuda ou mesmo conversar** (PEM, 26/07/2022, online, grifos da autora)

Neste segundo trecho, a PEM trouxe mais uma informação de que as pessoas a procuravam também para conversar, sem necessariamente ser para pedir conselhos ou ajuda.

> UOL: Em 2019, Demétrio gravou um vídeo em que contava alguns dos problemas que tinha que enfrentar na juventude. "Passei de uma mina assediada para um cara oprimido. Hoje, sou olhado como alguém que vai assaltar, agredir" (UOL, 06/07/2022, online, grifos da autora)
> PEM: No vídeo “Trans, negro e periférico”, de 2019, Demétrio conta sobre alguns dos problemas que tinha que enfrentar na juventude: “eu passei de uma mina assediada para um cara oprimido. […] A galera assediava, olhava de outra forma. E hoje, eu sou olhado como um cara que vai assaltar, agredir” (PEM, 26/07/2022, online,).

No terceiro trecho, a diferença é que na matéria do UOL, comenta-se sobre o vídeo, mas não traz o título e nem link para que a pessoa leitora assista. Já na PEM, no título é possível clicar e acessar o vídeo ou assistí-lo dentro da matéria em que está indexado

> UOL: Trecho retirado na edição.
> PEM: “Foram seis anos com meu filho lutando contra a depressão”, diz Ivoni. “Eu fui em São Paulo buscar Demétrio na pandemia, em 2020, na penúltima tentativa de suicídio dele. Quanto à depressão, é um tratamento constante. A depressão é uma doença que vai assolar o mundo”, lamenta (PEM, 26/07/2022, online,).

O quarto trecho é um parágrafo que existe no texto da PEM e não está no da UOL, em que Ivone Campos comenta sobre a depressão do filho.

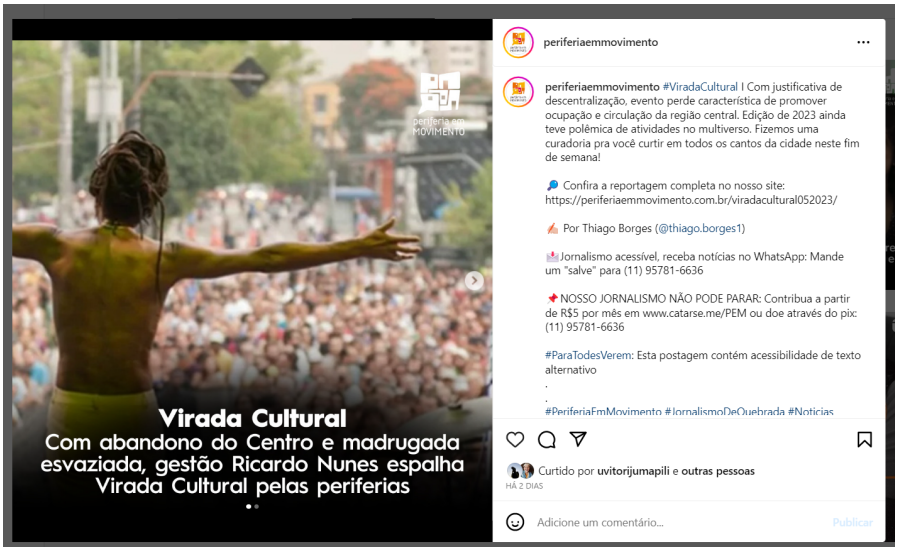
> Uol: Ao mesmo tempo, **diz que tem** procurado espaços para se fortalecer. Recentemente, ela participou de um processo chamado Roda Terapêutica das Pretas, em que aprendeu a se valorizar como mulher negra e quilombola e a controlar a ansiedade (UOL, 06/07/2022, online, grifos da autora).
> PEM: Ao mesmo tempo, **Ivoni tem** procurado espaços para se fortalecer. Recentemente, ela participou de um processo chamado Roda Terapêutica das Pretas, em que aprendeu a se valorizar como mulher preta e quilombola e a controlar a ansiedade (PEM, 26/07/2022, online, grifos da autora).

No último trecho novamente a diferença é sutil e apenas de redação. Em relação à linguagem a matéria pretende o uso de uma linguagem impessoal, não percebo flexões ao longo do texto. E por três vezes o masculino genérico é utilizado.

> Nascida e criada no quilombo Maria Romana, em Cabo Frio, Ivoni sempre buscou transmitir a Demétrio **e aos outros dois filhos** (Letícia, 22, e Lukas, 13) o espírito de empatia.
> [...]
> Para Ivoni, **todo profissional da saúde** deveria, uma vez por ano, passar por um curso de reciclagem, aprender como tratar as pessoas e a ter empatia.
> [...]
> Desde 31 de março deste ano, uma nota técnica da Secretaria de Estado da Saúde do Rio de Janeiro instituiu o direito ao uso e tratamento pelo nome social de pessoas trans em todas as unidades estaduais, além de prever capacitação **de gestores** e equipes de saúde do estado e dos municípios. (PEM, 26/07/2022, online, grifos da autora)

Depois de cada reportagem publicada no site, a matéria ganha um post nas redes sociais divulgando-a. O post tem a foto de capa e título da matéria e na legenda traz um breve resumo do texto, indica o link da publicação, a autoria do material, como receber notícias pelo *Whatsapp* e a campanha do Catarse e do Pix para doações de apoio ao veículo, remetendo aos diferentes meios de financiamento característicos do Jornalismo Periférico. Também conta com texto alternativo nas fotos para acessibilidade de pessoas com deficiência visual. O texto alternativo é indicado pela hashtag #ParaTodesVerem, em LN.

Figura 2 - Post feito após a publicação do texto Virada Cultural.



Fonte: Captura de tela do instagram da PEM

Vênuz (*Social Media*), recebe as demandas de reportagem para serem publicadas nas redes sociais e faz o design e legenda dos posts. Quando são posts que não seguem o template de foto e título da matéria como na imagem acima, Rafael (designer da PEM) trabalha no design. Pelas redes sociais, a PEM recebe muito do *feedback* do que foi publicado, na perceção de Vênuz esta é a relação entre o trabalho de reportagem e social media.

> Eu: Como que o seu papel conversa com a galera da reportagem?
> Vênuz: Eu acho que assim, normalmente eu tô recebendo a devolutiva das pessoas. Então, aí eu consigo ver como que uma matéria se desenvolveu. A gente faz muito isso. Todo final de mês eu trago pro pessoal da reportagem como que foi cada matéria, o engajamento [nas redes sociais]. Trago o que deu certo, o que não deu certo, o que a gente pode mudar. Então, acho que a gente vai conversando bastante entre si. (VÊNUZ CAPEL, ENTREVISTA, 26/09/2022)

Todo o conteúdo da PEM é publicado online, o que impacta na forma como são feitas as edições e pós-produções, pensadas para o digital. A única produção física da produtora é o livro *Repórter da Quebrada: Experimentações marginais das práticas jornalísticas,* organizado e escrito por Aline Rodrigues, gestora de redes e narrativas da PEM. Lançado em 27 de setembro de 2022, a publicação implicou novos processos de edição. Diferente das reportagens e outros materiais em texto, no livro Vitori ficou responsável pela revisão da LNG. “A Aline usou linguagem impessoal na maior parte do livro, então não teve correções. Teve uma correção só” (VITORI JUMAPILI, ENTREVISTA, 23/09/2022). Uma demanda extra em comparação aos produtos digitais foi a diagramação das páginas trabalho feito por Rafael.

CONCLUSÃO

O objetivo desta pesquisa era compreender o uso da linguagem neutra em gênero pela equipe da PEM na produção de suas matérias. Tendo a intenção de sistematizar e dar ferramentas a outros veículos jornalísticos a fim de serem mais inclusivos a partir da linguagem. Ao definir os objetivos específicos do trabalho, estabeleceu-se: 1. Realizar pesquisa bibliográfica a respeito do Jornalismo enquanto gênero discursivo, da linguagem e do contexto da transexualidade no Brasil como embasamento. 2. Traçar um breve perfil da produção de Jornalismo da PEM; entendendo que a estrutura organizacional e humana do veículo influenciam nas narrativas construídas; 3. Compreender como foi o processo de implantação da Linguagem neutra em gênero na PEM; 4. Entender em que etapas da produção noticiosa está presente a preocupação com a linguagem neutra em gênero dentro do veículo; 5. Pontuar quais estratégias gramaticais de neutralização de gênero são mais comumente usadas pela PEM. 6. Refletir sobre a aplicabilidade das estratégias utilizadas pela equipe da PEM no uso da linguagem neutra em outros veículos jornalísticos.

O primeiro objetivo foi cumprido a partir da elaboração do capítulo teórico do trabalho, em que foi apresentado o conceito de Jornalismo do qual parte a pesquisa, colocando-o enquanto uma forma de conhecimento produzida por métodos próprios e produtor de discurso. Nesse sentido, foi necessário ainda explicitar as diferenças do Jornalismo hegemônico e contra-hegemônico e a importância de uma contra-narrativa, em que a mídia contra-hegemônica atua enquanto contra-poder que regula a comunicação jornalística. Entre as tantas possibilidades da mídia alternativa está o Jornalismo periférico, com características que envolvem a dificuldade de financiamento, a dupla atividade dos sujeitos que o produzem e o delicado limiar entre a militância e Jornalismo ativista, e o mais importante, a sua relação próxima com o território, ganhando um valor de pertencimento a partir da ressignificação de Quebrada. Esse caminho ajudou a conceber o Jornalismo da Quebrada proposto pela PEM, presente primeiro tópico da análise.

O entendimento da relação do Jornalismo com a linguagem foi construído pela abordagem de Benetti (2008) que o enquadra como gênero discursivo, dando novas características ainda não exploradas, tais quais a relação com o leitor real e com o leitor virtual [a quem o interlocutor imagina estar falando] e a subjetividade inserida no texto pela construção linguística do discurso. Esta consideração, junto da compreensão de que o gênero é socialmente construído, permitiu entender a linguagem neutra em gênero como ferramenta

de inclusão das pessoas trans. Uma vez que a narrativa jornalística é carregada de significações e algumas delas opressoras através do uso da linguagem.

O perfil do veículo, segundo objetivo específico, foi construído a partir do trabalho de campo e entrevistas remotas no primeiro tópico da análise. Ressalto sua importância pela compreensão explorada no capítulo teórico de que o discurso Jornalístico depende das suas *condições de dispositivo* (BENETTI, 2008), que envolvem o acesso às fontes, os constrangimentos profissionais e variáveis materiais de produção. Portanto, o perfil da PEM explicitou as *condições de dispositivo* do objeto de pesquisa, possibilitando uma análise mais complexa, à medida que conhecemos as limitações e potencialidades do objeto.

O objetivo três, visou compreender o processo de implementação da LNG na PEM. Este objetivo foi o mais extenso e difícil, pois implicou a realização do *Newsmaking*, desenvolvido em São Paulo do dia 20 de setembro de 2022 ao dia 27 de setembro de 2022. A primeira observação foi feita na reunião geral da equipe e a última foi o lançamento do livro *Repórter da Quebrada: Experimentações marginais das práticas jornalísticas*. A rotina de redação da PEM não permitiu uma observação constante, pois a equipe trabalha em regime remoto, só tendo a obrigação de estar no espaço físico a cada 15 dias para a reunião geral. Nestes dias acompanhei a produção de duas reportagens e foram feitas entrevistas com a equipe.

A partir dos dados coletados a análise focou no processo de incorporação da LNG pela equipe da PEM e no posicionamento do veículo. O caminho trilhado pela PEM começa pelo histórico de pautas de gênero e LGBTQIAP+ desde a fundação da produtora. As pautas de gênero fazem parte da construção das periferias da Região Metropolitana de São Paulo. Já as pautas LGBTQIAP+ vieram a partir da cobertura dos coletivos culturais em 2011. Outro fator que impactou foi a formação de uma equipe diversa, incluindo pessoas trans, pois a demanda da LNG veio das pessoas trans NB que compõem a produtora. Por fim, o lançamento do editorial da LNG marcou o posicionamento do veículo e demarcou a data em que começaram a ser publicados conteúdos em LNG. A forma como a PEM adotou a LNG é consequência do processo que a produtora viveu até ali, que ultrapassa uma mudança na linguagem, é resultado de um olhar inclusivo com a comunidade LGBTQIAP+ e outros grupos minorizados, dentro e fora da redação.

O quarto objetivo específico: entender em que etapas da produção usa-se a LNG foi atendido ao longo da análise, nos tópicos de pauta, apuração, produção e pós-produção e edição. Na concepção da pauta foram raros os casos em que a LNG exercia alguma influência. Paula foi a única entrevistada que acredita olhar para a LNG desde o momento de

desenvolvimento da pauta, contudo este comportamento se direciona a matérias com fontes trans. Já nos momentos de apuração, a LNG teve influência nos processos de produção de Vênuz e de Vitori, uma exceção em relação ao restante da equipe, isso se deve a elus serem pessoas não binárias habituadas com o uso da LNG. Durante a produção e pós-produção/edição, a LNG alterou os processos para todas as pessoas entrevistadas. Isto é, nos momentos de escrita dos textos, roteiros de vídeo e áudio, inserções de boxes e legendas nos vídeos e revisões de conteúdo. Concluo que isso se deve pela falta de hábito no uso da LNG, o que não torna natural seu uso em uma entrevista durante a apuração, por exemplo. Contudo, em processos em que a pessoa reflete sobre a atividade, como os de produção e pós-produção, irá aparecer de forma consciente. Assim, a LNG se destaca no produto final.

Ainda assim, indiretamente, a LNG impacta na abordagem dada às matérias e nos processos produtivos da redação. Este impacto na abordagem aparece pois após a adoção da LNG a equipe passou a estar mais atenta à inclusão de pessoas trans nas pautas. Já nos processos produtivos, o impacto é na apuração das matérias quando em reunião geral, uma vez que se estabeleceu como padrão apresentar as fontes levantando o nome e pronomes usados.

O quinto objetivo demandou um olhar gramatical e foi desenvolvido ao longo de todo o trabalho pelo apontamento de exemplos de matérias onde a língua foi neutralizada. De forma geral, há pouca variação entre o resultado de cada pessoa repórter, sendo a linguagem impessoal a mais utilizada e depois o sistema Elu (MOKWA, 2019). Eventualmente há a presença do sistema Ilu e não percebi a utilização do sistema EL. Estes sistemas para neutralização da língua foram apresentados no Quadro 1, disponibilizado no Capítulo Teórico. Lembrando que os sistemas não são fechados e são adaptados pelos usuários da língua, conforme destaca Mokwa (2019). Dar prioridade ao uso da linguagem impessoal é uma escolha do veículo no intuito de simplificar o texto e torná-lo mais acessível ao público periférico. Há também 0 uso das três flexões de gênero, masculino, feminino e neutro em algumas ocasiões, buscando não causar estranhamento e tornar a inclusão mais importante que o conteúdo em si. (THIAGO BORGES, ENTREVISTA, 20/09/2022).

Vale salientar que a LNG, de forma ampla e não só na sua aplicação feita pela PEM, ainda carece de desenvolvimento. Muitas das soluções não se aplicam a todas as palavras e até mesmo demandam a mistura de diversos sistemas de neutralização. O que é natural visto que, “a marcação de gênero gramatical é inescapável: todo substantivo no PB [Português brasileiro] expressa gênero obrigatoriamente, assim como expressa número, mas com

estratégias de marcação variadas" (PESSOTTO, 2019, p.162). As estratégias variadas para marcar gênero implicam igualmente em estratégias variadas para neutralizar o gênero nos substantivos em PB. Acredito que conforme a LNG tiver mais adesão, seu uso será mais comum e, portanto, o processo de neutralização torna-se cada vez mais simples. Pude perceber essa relação entre hábito e dificuldade a partir das entrevistas com a equipe da PEM. Vênuz e Vitori usam a LNG com facilidade, explicaram que dificilmente têm dúvidas por se comunicarem assim todos os dias. Enquanto as pessoas que a usam apenas na PEM relataram mais dificuldade no processo de neutralizar a língua.

Retomo, enfim, o sexto objetivo específico que propõe refletir sobre a aplicabilidade das estratégias utilizadas pela equipe da PEM no uso da LNG em outros veículos jornalísticos. Este objetivo conversa com a minha proposta ao fazer o estudo de caso: ampliar as possibilidades de uso da LNG no Jornalismo. Pedro (ENTREVISTA, 23/09/2022) relatou que a PEM não teve referências de outros veículos no momento de transição para o uso da LNG, a equipe precisou testar e esse processo é contínuo. Enquanto pioneira, a produtora já percorreu parte do caminho necessário para a inclusão linguística no Jornalismo e serve de base para que outros meios possam avançar.

Ao finalizar esta pesquisa acredito que é possível aplicar a LNG a partir das estratégias utilizadas pela PEM em outros meios, mas isto não se restringe à adaptar a linguagem. A mudança deve ir além do texto. Apenas escrever reportagens, roteiros e outros produtos jornalísticos em LNG possivelmente não irá sustentar esta mudança, uma vez que se o motivo principal não for uma demanda de pessoas trans, a LNG tende a ficar em segundo plano e não ser priorizada. Isto não impede a tentativa. Contudo, a partir das reflexões teóricas e trabalho de campo, entendo que não é suficiente. A adoção da LNG pela PEM passou por algumas etapas que sistematizo a seguir, apontando formas de torná-las aplicáveis a outros meios jornalísticos e/ou de comunicação.

Etapa 1: Avaliar qual a cobertura feita de pautas que envolvem gênero e a comunidade LGBTQIAP+. Além de retratar as lutas dessas pessoas, o veículo deve refletir se as inclui como fontes das matérias em temas diversos. Pessoas LGBTQIAP+ e mulheres não devem ser fontes apenas em pautas como o dia da mulher ou mês do Orgulho, precisam aparecer em matérias de política, economia e outras.

Etapa 2: Conformar uma equipe diversa em todos os sentidos (gênero, raça/etnia, geração, etc). No que se refere a LNG, a presença de pessoas LGBTQIAP+, é fundamental. Caso a equipe não seja diversa, o veículo pode criar estratégias para aumentar a diversidade,

como vagas exclusivas para pessoas trans e programas *trainees* voltados exclusivamente a minorias sociais ou que ao menos tenham cotas a elas destinadas.

Etapa 3: Ter uma pessoa responsável pela transição. Na PEM, a transição para LNG foi responsabilidade da Aline e de Vitori, elus organizaram a formação e copiaram em documento as reuniões. Existirão tarefas que envolvem o processo que devem ser designadas para garantir que sejam feitas.

Etapa 4: Alinhamento e disposição da equipe. Para uma mudança institucional acontecer, toda a equipe deve estar alinhada dos próximos passos e como será feita a transição, além de disposta a mudar processos já que terá de aprender uma nova linguagem a qual não está habituada. Na PEM, o sucesso da implementação da LNG se deu, em parte, porque a equipe viu sentido no uso e esteve disposta a aprender.

Etapa 5: Decidir se será um princípio editorial ou não a adoção da LNG. Para a PEM a adoção da LNG se relaciona com um princípio editorial sólido do veículo: a luta pela garantia de direitos, este se relaciona à decisão de adotar a LNG, fez sentido a elus comunicar ao público e estabelecer essa relação explicitamente no editorial. Tomar essa decisão pode mudar a forma como a audiência se relaciona com o meio, sendo a recepção positiva ou negativa. No caso da PEM foi positiva.

Etapa 6: Construção de um guia de LNG ou inclusão de orientações de uso da LNG no Manual de redação do veículo. Permite adaptação mais rápida de novas pessoas que entram na equipe e serve de orientação a *freelancers* que não tiveram as formações internas.

Etapa 7: Grande envolvimento da pessoa editora. Quem é responsável pela edição e pós-produção será a última pessoa a ter contato com os produtos antes de irem ao ar. Assim, deve ser ativa no aprendizado da LNG para corrigir possíveis erros.

Etapa 8 : Promover formações sobre LNG. O ideal é ter pelo menos um momento de formação, para que a equipe compreenda o porquê do uso e como ele será feito no dia-a-dia. Aqui é interessante contratar uma pessoa trans especialista, que possa trazer com propriedade os temas a serem abordados.

Etapa 9: Tornar o ambiente da redação um espaço de aprendizagem constante. Toda a matéria feita em LNG deve ser avaliada e passado um *feedback*. Assim como erros corrigidos rapidamente para tornarem-se aprendizado.

Etapa 10: Reavaliar o uso de forma constante. É Interessante avaliar o que foi feito e traçar os próximos passos para que o projeto de implementação seja aperfeiçoado. Thiago

contou em entrevista, que a PEM irá reavaliar o feito até aqui e entender quais os ajustes necessários.

A partir das etapas apresentadas compreendo que a aplicabilidade das estratégias usadas pela PEM depende da realidade e disposição de cada meio. Contudo, foi um projeto bem planejado com resultados positivos. Ainda, vale ressaltar que a LNG foi mais uma das formas de inclusão propostas pela produtora, que olha para a questão desde a sua fundação. Antes da adoção do neutra, já usava LIBRAS nos vídeos, mas a partir da transição de linguagem, passa a fazer uso de descrição nas imagens a partir da #Paratodesverem, apontada no tópico de pós-produção e o uso de uma extensão web no site que o traduz em LIBRAS.

Considero que cumpri os objetivos específicos deste trabalho e trouxe uma nova possibilidade para as pesquisas em Jornalismo: o uso da LNG. Contudo, entendo que por ser minha primeira experiência com pesquisa cometi erros e tive dificuldades em diversos momentos. Compreender o que é o *Newsmaking* e como ele se relacionava com o objetivo geral foi meu principal desafio, uma vez que durante o trabalho de campo tendi a separar o que era produção de notícias e o que dizia respeito à linguagem neutra. A forma encontrada para relacionar as duas ideias foi observar o uso da LNG feito pelas pessoas participantes nos momentos de observação e incluir perguntas sobre o uso da LNG nos produtos ao retomar as produções noticiosas.

O que certamente me ajudou no processo foi o domínio da técnica da entrevista. Muito da riqueza dos dados vieram delas. Atribuo esta facilidade às cinco disciplinas de redação que cursei durante a graduação que me ensinaram a como apurar uma boa matéria jornalística, além das práticas de rádio, telejornalismo e o jornal laboratório que complementam a minha formação. As entrevistas da pesquisa seguiram o formato das entrevistas jornalísticas.

A observação participante contribui para o trabalho mas, entendo que poderia ter tido mais momentos de observação com pessoas diferentes e mais dias de trabalho de campo que certamente enriqueceriam a análise e trariam mais contrapontos às informações obtidas por entrevista. Mostrando como acontece no dia-a-dia os processos relatados pelas pessoas entrevistadas. Pelas condições a qual foi realizada: orçamento pessoal limitado, ter conciliado com o trabalho CLT e estar em período de aulas na faculdade cursando outras três disciplinas, não foi possível permanecer mais tempo em São Paulo, o limite eram as duas semanas inicialmente planejadas. Assim, vejo como uma oportunidade para outra pesquisa estender o trabalho de campo a fim de compreender como está o uso da LNG na PEM após quase dois anos de implementação, o que muda com a maturidade da equipe em relação ao tema e quais estratégias podem ser adicionadas às que já mapeei.

O uso da LNG na escrita deste trabalho foi bastante tranquilo, tive dificuldades pontuais e tornou-se mais simples com o avançar da escrita. Este não foi o primeiro texto de autoria minha feito em LNG, apesar de com certeza ser o maior, já havia escrito materiais para blog e posts para redes sociais com esta linguagem.

Finalizo afirmando que explorar as relações de trabalho do veículo, entender a rotina e contexto mostrou que usar a linguagem neutra em gênero vai além de manuais de redação e soluções gramaticais, demanda envolvimento da equipe e a inclusão de pessoas trans de forma mais ampla. Assim, confirmo a hipótese apresentada na introdução de que ter pessoas trans na conformação da equipe influenciaram na decisão de usar a LNG. Não só influenciaram como foram decisivas.

REFERÊNCIAS

AGÊNCIA IBGE NOTÍCIAS. População estimada do país chega a 213,3 milhões de habitantes em 2021. **Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística**, 2021. Disponível em: https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/31458-populacao-estimada-do-pais-chega-a-213-3-milhoes-de-habitantes-em-2021#:~:text=O%20munic%C3%ADpio%20de%20S%C3%A3o%20Paulo,(2%2C7%20milh%C3%B5es) Acesso em: Junho de 2023.

AKOTIRENE, Carla. **Feminismos Plurais**: interseccionalidade. São Paulo: Pólen Livros, Ebook 2018. ISBN 978-85-98349-69-5.

ASSIS, Ingrid Pereira De, FREIRE, Karla Cristina Ferro, AYRES, Melina de La Barrera. O silenciamento da comunidade LGBTTQ+ no telejornalismo. In: **Revista Internacional Interdisciplinar INTERthesis**, vol. 18, n. 1, maio de 2021. DOI.org (Crossref), https://doi.org/10.5007/1807-1384.2021.e75175.

ASTER. **Dicas para escrever sem linguagem específica**. Plume, 2019. Disponível em: https://amplifi.casa/~/Asterismos/dicas-para-escrever-sem-linguagem-espec%C3%ADfica . Acesso em Junho de 2023.

BENETTI, Marcia. O jornalismo como gênero discursivo. In: **Revista Galáxia,** São Paulo, n. 15, p. 13-28, jun. 2008.

BENTO, Berenice. **O que é transexualidade**. São Paulo: Editora Brasiliense, 2008. 111 p. (Coleção Primeiros passos).

BOMFIM, Ivan, SATOR, Basilio, VIEIRA, Karine Moura, SILVA, Marcia Veiga (org). **Mídia e zeitgeist**. 1 ed. Florianópolis: Editora Insular, 2021.

BORGES, Thiago. Após 30 anos de luta, comunicadores das quebradas ainda passam perrengue para trampar. **Periferia em Movimento**, 2019. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/apos-30-anos-de-luta-comunicadores-das-quebradas-ainda-passam-perrengue-pra-trampar/ . Acesso em Junho de 2023.

BORGES, Thiago. Após 30 anos de luta, comunicadores das quebradas ainda passam perrengue pra trampar. **Periferia em Movimento**. São Paulo. 23 ago. 2019. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/apos-30-anos-de-luta-comunicadores-das-quebradas-ainda-passam-perrengue-pra-trampar/ . Acesso em: 20 jun. 2023.

BORGES, Thiago. Artista periférica faz petição e denuncia censura de vereador a graffiti de "Nossa Senhora do Matriarcado". **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/nossasenhoradomatriarcado/ Acesso em Junho de 2023.

BORGES, Thiago. Com dor da covid e da violência, Cemitério São Luiz vira símbolo de luta por direitos nas periferias. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/cemiteriosaoluizdiadefinados/ Acesso em Maio de 2023.

BORGES, Thiago. "Cancelada" por governos e população, pandemia coleciona novas

infecções e deixa rastro de sequelas. **Periferia em Movimento**, 2022. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/covidcancelada062022/ Acesso em Maio de 2023.

CAPEL, Vênuz. Infância e religião: Crianças do candomblé garantem perpetuação de cultura ancestral. **Periferia em Movimento**, 2022. Disponível em: ttps://periferiaemmovimento.com.br/criancasaxe102022/ Acesso em Maio de 2023.

CASSIANO, Ophelia. Guia para "Linguagem Neutra" (PT-BR). Medium, 2019. Disponível em: https://medium.com/guia-para-linguagem-neutra-pt-br/guia-para-linguagem-neutra-pt-br-f6d88311f92b . Acesso em Junho de 2023.

CRUZ, Paulo. A língua portuguesa invadiu nosso corpo-território. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/questoesetnicorraciais/ . Acesso em: Junho de 2023.

D´ANDREA, Tiarajú Pablo. **A Formação dos Sujeitos Periféricos**: cultura e política na periferia de são paulo. 2013. 309 p. Tese (Doutorado) - Curso de Sociologia, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

É NÓIS, Como incorporar a linguagem neutra na sua redação. **É nois conteúdo**, 2021. Disponível em: https://caixadiversidade.enoisconteudo.com.br/como-incorporar-a-linguagem-neutra-na-sua-redacao/ . Acesso em Junho de 2023.

GENRO FILHO, Adelmo. **O segredo da pirâmide**: para uma teoria marxista do jornalismo. 1987. 276 f. Dissertação (Doutorado) - Curso de Ciências Sociais, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1987.

GRUBBA, Leilane Serratine. Corpos Trans, identidade e performatividade de gênero: uma análise discursiva sobre a naturalidade da identidade. In: **Revista de Gênero, Sexualidade e Direito**. e-ISSN: 2525-9849. Evento Virtual. v. 6. n. 1 p. 20-41. Jan/Jun. 2020.

HENRIQUES, Rafael Paes. **Linguagem, verdade e conhecimento**. Vitória: Editora da Universidade Federal do Espírito Santo (EDUFES), 2014.

LAGO, Cláudia; KAZAN, Evelyn e THAMANI, Manuela. Jornalismo e Estudos de Gênero: e a interseccionalidade, onde está? **Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação 41o Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação** – Joinville - SC – 2 a 8/09/2018. Disponível em: https://www.portalintercom.org.br/anais/nacional2018/resumos/R13-1779-1.pdf . Acesso em Junho de 2023.

LIMA, Camila. Autoestima das pessoas negras: Uma construção diária. **Periferia em Movimento**, 2020. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/autoestimapessoasnegras/ . Acesso em Junho de 2023.

LIMA, Camila. Em desfile-protesto na SPFW, marca negra e periférica questiona limites de

"inclusão" pela branquitude. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/milelabspfw/ Acesso em Maio de 2023.

LIMA, Helen. **Não-binariedade: uma saída da colonialidade de poder-saber-ser e de gênero.** In: Revista Seara Filosófica, Número 21, Inverno/2020, pp. 170-184 ISSN 2177-8698.

MARTINO, Luis Mauro Sá. **Métodos de pesquisa em comunicação**: Projetos, ideias, práticas. Editora Vozes , 2018.

MEDITSCH, Eduardo. Jornalismo como forma de conhecimento. In: **Revista Brasileira de Ciência da Comunicação**, São Paulo, v. , p. 25-38, jun. 1998.

METRÓPOLES, OCDE aponta que 21% dos brasileiros possuem ensino superior. Metrópoles, 2022. Disponível em: https://www.metropoles.com/dino/ocde-aponta-que-21-dos-brasileiros-possuem-ensino-superior .Acesso em Junho de 2023.

MOKWA, Marcela. O Papel e a função da linguagem não binária ou neutral no contexto das redes online. contexto das redes online. In: **Revista Movimento,** 2019. Disponível em: <https://movimentorevista.com.br/2019/02/o-papel-e-a-funcao-da-linguagem-nao-binaria-ou-neutral-no-contexto-das-redes-online/>. Acesso em: Junho de 2023.

MORAES, Dênis de; Agências alternativas em rede e democratização da informação na América Latina. MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 103-145.

MORAES, Dênis de; Sistema midiático, mercantilização cultural e poder mundial. MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 19-53.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Jogos de linguagem e efeitos de sentido da comunicação jornalística. In:**Estudos em Jornalismo e Mídia, Brasíli**a, v. 1, n. 2, p. 116-133, 2o Semestre de 2004.

O GLOBO. Datafolha: 50% dos brasileiros são católicos, 31%, evangélicos e 10% não têm religião. O Globo, 2020. Disponível em: https://oglobo.globo.com/brasil/datafolha-50-dos-brasileiros-sao-catolicos-31-evangelicos-10-nao-tem-religiao-24186896 . Acesso em Junho de 2023.

OLIVEIRA, Ivan Carlo Andrade de. Propostas discordantes no jornalismo. In: Intercom – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação **X Congresso de Ciências da Comunicação na Região Norte**- Boa Vista- RR- 1 a 3 de junho de 2011. Disponível em: http://intercom.org.br/papers/regionais/norte2011/resumos/R26-0034-1.pdf Acesso em Junho de 2023.

PADILHA, Letícia. A cultura de odiar nossos ciclos na menstruação. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/menstruacaociclos/ Acesso em Junho de 2023.

PADILHA, Vitória Braga e PALMA, Yáskara Arrial. Vivências não-binárias na contemporaneidade: Um rompimento com o binarismo de gênero. In: **Seminário Internacional Fazendo Gênero 11 & 13th Women's Worlds Congress** (Anais Eletrônicos), Florianópolis, 2017. Disponível em: https://www.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/1499481481_ARQUIVO_FG2017completovifinal.pdf . Acesso em Junho de 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO, Diante da "monetização da vida" pelo governo, movimentos chamam novo ato contra Bolsonaro. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em https://periferiaemmovimento.com.br/3j/ Acesso em Maio de 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO, Pessoas com deficiência existem e resistem no nosso cotidiano. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/pcdsnaquebrada/ . Acesso em: Junho de 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO, "Repórter da Quebrada": Acesse o livro online e veja fotos do lançamento da **Periferia em Movimento**. Periferia em Movimento, 2022. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/livrordq2022lancamento/ . Acesso em Junho de 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. Linguagem neutra no jornalismo? Estamos dispostes! 28 de Junho de 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/linguagemneutra/ . Acesso em Maio de 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. Linguagens Opressoras: Comportamentos Xenofóbicos. Youtube, 10/02/2022. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=kCoQXzf8G8s&t=13s . Acesso em: Junho de 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. Linguagens Opressoras: Étnico-raciais. Youtube, 01/07/2023. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=T7snoQNPJmA&t=23s . Acesso em: Junho de 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. Linguagens Opressoras: Gênero e Sexualidade. Youtube, 10/06/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DTTsGDbDXw8&t=26s . Acesso em Junho de 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. Linguagens Opressoras: Pessoas com deficiência. Youtube, 26/08/2021. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=qbAWMXIiSFM&t=17s . Acesso em Junho de 2023.

PERIFERIA EM MOVIMENTO. Parte 1 - Grajaú na Construção da Paz. Youtube, 09/01/2011. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Ld1sgo2Y8RE . Acesso em Junho de 2023.

PESSOTTO, Ana Lucia. Língua para todes: um olhar formal sobre a expressão do gênero gramatical no Português e a demanda pela língua(gem) inclusiva. In: **Revista Ártemis**, Rio de Janeiro, vol. XXVIII n. 1; jul-dez, 2019, p. 160-178.

PINHEIRO, Ester. Há 13 anos no topo da lista, Brasil continua sendo o país que mais mata pessoas trans no mundo. **Brasil de Fato**, 2022. Disponível em: https://www.brasildefato.com.br/2022/01/23/ha-13-anos-no-topo-da-lista-brasil-continua-sendo-o-pais-que-mais-mata-pessoas-trans-no-mundo. Acesso em Junho de 2023.

RAMONET, Ignácio ; A explosão do jornalismo na era digital. MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 85-103.

RAMONET, Ignácio ; Meios de comunicação: um poder a serviço dos interesses privados?. MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 53-71.

REIS Neilton dos; PINHO, Raquel. Gêneros não-binários: Identidades, expressões e educação. **Reflexão e Ação**, vol. 24, no 1, abril de 2016, p.7-25. DOI.org (Crossref), https://doi.org/10.17058/rea.v24i1.7045.

RIBEIRO, Djamila. **AULA 5 - LUGAR DE FALA.** Realização de Djamila Ribeiro. S.I: Feminismos Plurais, 2022. (30:45 min.), legendado. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=Mr94c3ZtLZw&list=PLFPoym5Hme4cAcV6t-kUvlxD-ttAiiRj1&index=5 . Acesso em: 19 de Junho de 2023.

RODRIGUES, Aline. Brasil tem xenofobia seletiva, relacionada ao racismo. E a mídia tem papel fundamental nisso. **Periferia em Movimento**, 2022. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/xenofobiaeracismo032022/ Acesso em Maio de 2023.

RODRIGUES, Aline. Crianças atípicas: Rede de apoio é decisiva para superar os desafios do desenvolvimento após impacto da pandemia. **Periferia em Movimento**, 2022. Disponível em https://periferiaemmovimento.com.br/criancasatipicas112022/ . Acesso em Junho de 2023.

RODRIGUES, Jefferson. Editoras periféricas botam na rua livros e sonhos de quem escreve na quebrada. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/editorasdequebrada/ . Acesso em Maio de 2023.

RODRIGUES, Jefferson. Free Fire: Febre entre molecada, game alimenta perspectivas nas periferias. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/freefirenasquebradas/ . Acesso em Junho de 2023.

RODRIGUES, Jefferson. Grau de bike: Praticantes defendem cultura periférica como lazer, esporte e movimento de "ruptura" na cidade. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/culturadograu/ Acesso em Junho de 2023.

RODRÍGUEZ, Marcelo, PEREIRA, Cristiane, BENDER, Greici **Linguística e Jornalismo: Análise da utilização da Linguagem Neutra pelo Jornal Argentino página 1/2**. In: **Revista da Jornada de Pós-Graduação e Pesquisa.**, Bagé, p. 136-142, out. 2020. Disponível em: http://revista.urcamp.edu.br/index.php/rcjpgp/article/view/3876 Acesso em Junho de 2023.

ROVIDA, Mara. **Jornalismo das periferias**: o diálogo social solidário nas bordas urbanas.

1o ed., EDITORA CRV, 2020.

SALVADOR, Pedro. Animais de rua: População se mobiliza para dar assistência a bichinhos nas periferias. **Periferia em Movimento**, 2022. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/animaisderua082022fotos/ Acesso em Maio de 2023.

SALVADOR, Pedro. "Perdi meu filho para a depressão e hoje acolho outras pessoas trans e suas famílias". **Periferia em Movimento**, 2022. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/donaivonicisaliada072022/ Acesso em Maio de 2023.

SALVADOR, Pedro. "Perdi meu filho para a depressão e hoje acolho outras pessoas trans e suas famílias". **Universa UOL**, 2022. Disponível em: https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2022/07/06/perdi-meu-filho-para-a-depressao-e-hoje-acolho-trans-e-suas-familias.htm Acesso em Maio de 2023.

SANT´ANA, Paula. Corre eleitoral: Candidaturas periféricas intensificam campanhas para ganhar votos na reta final. **Periferia em Movimento**, 2022. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/correeleitoral092022/. Acesso em Junho de 2023.

SANT´ANA, Paula. Profissionais de beleza das periferias buscam equilíbrio pessoal enquanto resgatam autoestima alheia. **Periferia em Movimento**, 2022. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/belezapraquetequero2/ Acesso em Maio de 2023.

SERRANO, Pascual; Democracia e liberdade de imprensa. MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 71-85.

SERRANO, Pascual; Outro jornalismo possível na internet. MORAES, Dênis de; RAMONET, Ignacio; SERRANO, Pascual. **Mídia, poder e contrapoder**: da concentração monopólica à democratização da informação. São Paulo: Boitempo, 2013. p. 145-183.

SILVA, Aline Rodrigues; REIS, Sueli dos, BORGES,Thiago de Souza. **Periferia em Movimento.** 80 p. Dissertação (Bacharelado)- Curso de Comunicação Social, habilitação em Jornalismo, Universidade de Santo Amaro. São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, Amanda Cínthia Medeiros e. **Práticas e características do Jornalismo alternativo e contra hegemônico de agência de informação**: uma visão a partir da rotina produtiva da adital. 2015. 161 f. Tese (Doutorado) - Curso de Estudos da Mídia, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2015.

SILVA, Lara Ferreira Da, OLIVEIRA, Luizir De. O Papel da Violência Simbólica na Sociedade por Pierre Bourdieu.In: **Revista FSA,** vol. 14, no 3, maio de 2017, p. 160–74. DOI.org (Crossref), https://doi.org/10.12819/2017.14.3.9.

SILVA, Marcia Veiga da; MORAES, Fabiana. A Objetividade Jornalística tem raça e tem gênero: a subjetividade como estratégia descolonizadora. In: ANAIS DO 28° ENCONTRO ANUAL DA COMPÓS, 2019, Porto Alegre. Anais eletrônicos... Campinas, Galoá, 2019. Disponível em:

<https://proceedings.science/compos/compos-2019/trabalhos/a-objetividade-jornalistica-tem-raca-e-tem-genero-a-subjetividade-como-estrategi?lang=pt-br> Acesso em: Junho de 2023.

SOARES, Rosana de Lima. Margens do Jornalismo: linguagem e discurso. In: **Revista Galáxia**, São Paulo, n. 10, p.99-116, dez. 2005.

SOUZA, Fernanda; PADILHA, Letícia e SANT´ANA, Paula. De pequenos atos cotidianos até a morte: É preciso identificar e combater comportamentos xenofóbicos. **Periferia em Movimento**, 2022. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/combateaxenofobia032022/ . Acesso em: Junho de 2023.

SOUZA, Fernanda. O medley de funk: Rodas de rima que acontecem nas ruas treinam MCs para os palcos. **Periferia em Movimento,** 2022. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/medleydefunk0222/ . Acesso em Maio de 2023.

SOUZA, Fernanda. Periferias promovem educação sexual na contramão de autoridades conservadoras. **Periferia em Movimento**, 2021. Disponível em: https://periferiaemmovimento.com.br/educasexual/ . Acesso em Maio de 2023.

SOUZA, Rafael Bellan Rodrigues de. Jornalismo, Hegemonia e Produção de Sentido: a maquinaria informacional em estudo. **Comunicação e Informação-** In: **Revista do Programa de Pós-Graduação em Comunicação**, Goiânia, p. 1-18, 2021.

VIZEU, Alfredo. O Newsmaking e o trabalho de campo. In: LAGO, Cláudia. Metodologia de **Pesquisa em Jornalismo**. Petrópolis: Editora Vozes, 2007. p. 223-236.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: planejamento e métodos. 2. ed., Bookman, 2001.

ANEXO A- Ficha do Trabalho de Conclusão de Curso

<table>
<tr><td>FICHA DO TCC</td><td colspan="3">Trabalho de Conclusão de Curso
JORNALISMO UFSC</td></tr>
<tr><td>ANO</td><td colspan="3">2023.1</td></tr>
<tr><td>ALUNO</td><td colspan="3">Luana Marcon Moreno</td></tr>
<tr><td>TÍTULO</td><td colspan="3">Possibilidades de uso da linguagem neutra em gênero no Jornalismo: um estudo de caso da Produtora de Jornalismo Periferia em Movimento.</td></tr>
<tr><td>ORIENTADORA</td><td colspan="3">Melina de La Barrera Ayres</td></tr>
<tr><td rowspan="6">MÍDIA</td><td>X</td><td colspan="2">Impresso</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Rádio</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">TV/Vídeo</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Foto</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Website</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Multimídia</td></tr>
<tr><td rowspan="5">CATEGORIA</td><td>X</td><td colspan="2">Pesquisa Científica</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Produto Comunicacional</td></tr>
<tr><td></td><td colspan="2">Produto Institucional (assessoria de imprensa)</td></tr>
<tr><td></td><td>Produto Jornalístico (inteiro)</td><td>Local da apuração:</td></tr>
<tr><td></td><td>Reportagem livro reportagem ( )</td><td>( ) Florianópolis (X) Brasil
( ) Santa Catarina ( ) Internacional ( )
Região Sul País:_____</td></tr>
<tr><td>ÁREAS</td><td colspan="3">Jornalismo. Linguística. Gênero</td></tr>
<tr><td>RESUMO</td><td colspan="3">Entendendo o Jornalismo como uma forma de conhecimento e como um produtor de sentidos por meio da linguagem, a presente pesquisa se centra no Jornalismo contra-hegemônico, produzido a partir das periferias para as periferias, pela produtora paulista Periferia em Movimento. O questionamento proposto é: Como a produtora de Jornalismo Periferia em Movimento (PEM) adota a linguagem neutra</td></tr>
</table>

	em gênero nas suas matérias jornalísticas? Para respondê-lo, buscou-se entender o processo seguido pela produtora para adoção da Linguagem Neutra em gênero (LNG) e identificar as soluções implementadas em seus conteúdos. Como método aplicou-se o Newsmaking junto a ferramentas da entrevista semi-estruturada e a observação participante. A discussão sobre o uso da LNG na PEM atravessa a inclusão de pessoas transexuais no Jornalismo, seja enquanto repórteres ou fontes das matérias. O estudo de caso mostra que só foi possível que a PEM adotasse a LNG pois a produtora já abordava questões de gênero e sexualidade nas matérias e contava, em sua equipe, com pessoas trans, o que facilitou a transição de linguagem. O trabalho sistematiza que é possível outros veículos jornalísticos adotarem a LNG seguindo algumas etapas, são: 1. Avaliar a cobertura de pautas de gênero e LGBTQIAP+; 2. Conformar uma equipe diversa; 3. Ter uma pessoa responsável pela transição; 4. Alinhamento e disposição da equipe; 5. Decisão sobre ser ou não um princípio editorial a adoção da LNG; 6. Construção de um guia de LNG; 7. Grande envolvimento da pessoa editora; 8. Promover formações sobre LNG; 9. Tornar o ambiente da redação um espaço de aprendizagem; 10. Reavaliar o uso do gênero neutra de forma constante. **Palavras-chave**: Comunicação Inclusiva; Linguagem Neutra em gênero; Jornalismo Periférico; Jornalismo da Quebrada; Gênero; Direitos humanos.

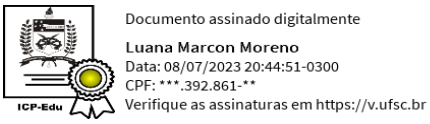
ANEXO B- DECLARAÇÃO DE AUTORIA E ORIGINALIDADE

Eu, Luana Marcon Moreno , aluna regularmente matriculada no Curso de Jornalismo da UFSC (JOR/CCE/UFSC), matrícula 18101530 , declaro para os devidos fins que o Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Possibilidades de uso da linguagem neutra em gênero no Jornalismo: um estudo de caso da Produtora de Jornalismo Periferia em Movimento é de MINHA AUTORIA e NÃO CONTÉM PLÁGIO.

Estou CIENTE de que em casos de trabalhos autorais em que houver suspeita de plágio será atribuída a nota 0,0 (zero) e que, adicionalmente, conforme orientação da Ouvidoria e da Pró-Reitoria de Graduação (Prograd), "em caso de suspeita ou verificação de plágio, o professor deverá notificar o Departamento no qual está lotado para as providências cabíveis".

Autorizo a publicação do TCC no Repositório Digital da UFSC.

Florianópolis, 08 de Julho de 2023



Assinatura